



FELIZ
PÁSCOA!

LEGEF

Aux. Artes

Páscoa é dizer "sim"
ao amor e à vida;
é investir na fraternidade,
é lutar por um mundo melhor,
é vivenciar a solidariedade.

Feliz Páscoa!

F3-MA4

Nós da F3MA4
Desejamos uma
Feliz Páscoa!



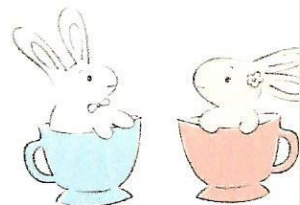
Turma F-4MA5-2022

Alice Antonio Arthur. J.
Arthur M. Carolina
Enrico Felipe Catarina
Erik Fred Felipe
Fernanda Gabriel
Matheus Gabriela
Lana Joaquim
Luiza Marcela
Pedro Vitor
Rafael Vitor
Diana Maria
Vitor

DE: F3MA4

PARA: D. MARIANA
AUX. DE ARTES

D. Mari



Feliz Páscoa!

Com carinho
F-4MA4

D. Mari

O melhor do ano foi estarmos juntos
Um beijo, Ju

ARTES

DE:

Luca Bernardes, Dudu, Camila
Ana Ju, Manu Cintra, Kai-El,
Luis Guilherme, Lucas Makoto, Luisa
Olivia, Pedro Brandão, Julia, Davi
Pedro Coutinho, Manu Baum

PARA:

D. Mariana (Artes)

F4-MA5 - 2022

Alice Antonio Arthur. J.
Arthur M. Carolina
Enrico Felipe Catarina
Erik Fred Felipe
Fernanda Gabriel
Matheus Gabriela
Lana Joaquim
Luiza Marcela
Pedro Vitor
Rafael Vitor
Diana Maria
Vitor

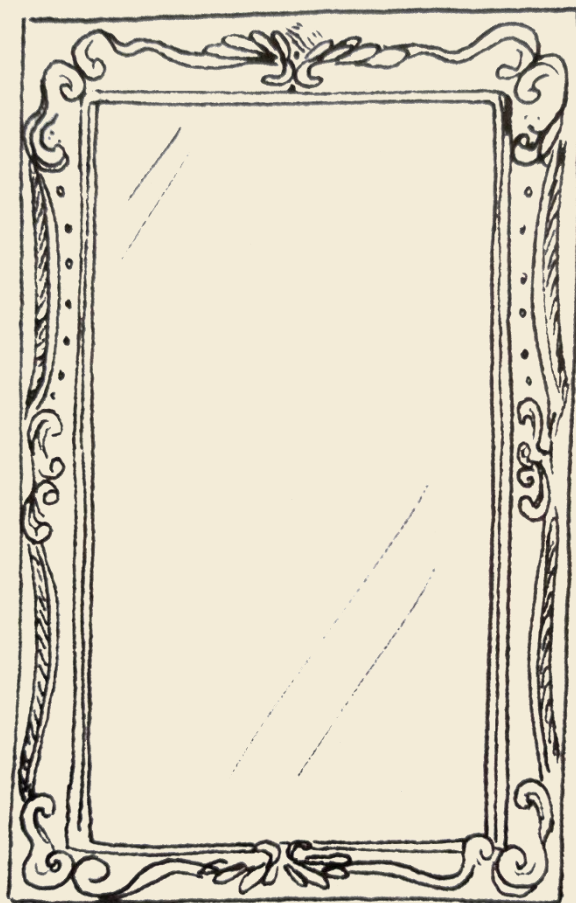
VOCE

Incrível

Diana R. F5-MA5

rejo
belas

Uma mensagem de amor



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Instituto de Artes – Campus São Paulo

MARIANA TESCAROLLO KERN DE OLIVEIRA

ESPELHOS E REGISTROS:

atravessamentos do caderno de artista na educação

São Paulo

2022

MARIANA TESCAROLLO KERN DE OLIVEIRA

ESPELHOS E REGISTROS:
atravessamentos do caderno de artista na educação

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP) como requisito parcial para a obtenção do diploma de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Rejane Galvão Coutinho

Coorientadora: Profa. Luciana Martins Tavares de Lima

São Paulo

2022

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

T337e Tescarollo, Mariana (Mariana Tescarollo Kern de Oliveira), 1999-
Espelhos e registros : atravessamentos do caderno de artista na
educação / Mariana Tescarollo Kern de Oliveira . - São Paulo, 2022.
164 f. : il. color.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rejane Galvão Coutinho
Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Luciana Martins Tavares de Lima
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes) –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de
Artes
1. Narrativas pessoais. 2. Livros de artistas. 3. Arte e educação. I.
Coutinho, Rejane Galvão. II. Lima, Luciana Martins Tavares de. III.
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. IV. Título.

CDD 702.81

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

MARIANA TESCAROLLO KERN DE OLIVEIRA

ESPELHOS E REGISTROS:

atravessamentos do caderno de artista na educação

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP) como requisito parcial para a obtenção do diploma de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais.

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rejane Galvão Coutinho – Orientadora

Profa. Luciana Martins Tavares de Lima – Coorientadora

Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli

Bel. Vinicius Dias Oliveira de Almeida

A todas as crianças que sensibilizaram as experiências que
registrei.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, à minha mãe pelo apoio e trocas constantes que me possibilitaram chegar até aqui.

À minha orientadora Rejane, por perceber o valor dos meus registros desde o início e por provocar constantemente as minhas reflexões.

À minha amiga e coorientadora Lu Martins, cujo amor, carinho e admiração não se limitam a palavras. Que os vermelhos e coelhos que compartilhamos se perpetuem na memória.

À Glória Maria, cujo amor canceriano e a gratidão permeiam nossa amizade.

E a todos que não pude listar, mas que compartilhei de uma boa xícara de café, obrigada.

ali

só

ali

se

se alice
ali se visse
quanto alice viu
e não disse

se ali
ali se dissesse
quanta palavra
veio e não desce

ali
bem ali
dentro da alice
só alice
com alice
ali se parece

RESUMO

O estudo proposto neste trabalho é uma reflexão retrospectiva e autobibliográfica dos cadernos de artista realizados no período da minha formação acadêmica. Através dos elementos gravados nesses objetos, analisei e estudei as potencialidades transformadoras que o exercício do hábito do registro oferece na prática artística-docente. A ação reflexiva no trabalho é vista também como reafirmação do potencial crítico e criativo de professoras e professores em sua atuação docente, na elaboração de propostas e materiais condizentes com seus contextos. Divididos e tratados como cadernos, as partes que compõem a pesquisa apresentam algumas das diversas possibilidades de exploração prática e poética que o conceito de caderno de artista permite, seja na construção dos registros de aula, no desenvolvimento pessoal e artístico e nas possibilidades pedagógicas como um material didático. Foram revisitados por volta de seis cadernos produzidos nesse período, elaborados e condensados nas duas primeiras partes do trabalho, e um material didático, construído em conjunto com o estágio pedagógico realizado em um colégio particular, que instigou discussões sobre as produções didáticas em arte-educação. As relações atravessadas pelos reflexos espelhados das páginas dos cadernos produzidos permitiu uma aproximação do registro como elemento chave no meu processo de formação como artista-professora-pesquisadora.

Palavras-chave : registro; caderno de artista; arte-educação; narrativa; material didático.

ABSTRACT

The study proposed in this work is a retrospective and autobiographic reflection of the artist's notebooks made during the period of my academic training. Through the elements engraved on these objects, I analyzed and studied the transforming potential that the exercise of the habit of recording offers in artistic-teaching practice. Reflective action at work is also seen as a reaffirmation of the critical and creative potential of teachers in their teaching activities, in the elaboration of proposals and materials consistent with their contexts. Divided and treated as notebooks, the parts that consists the research present some of the various possibilities of practical and poetic exploration that the concept of an artist's notebook allows, whether in the construction of class records, in personal and artistic development and in the pedagogical possibilities as a courseware. Around six notebooks produced during this period were revisited, elaborated and condensed in the first two parts of the work, and a didactic material, built together with the pedagogical internship carried out in a private school, which instigated discussions about didactic productions in art education. The relationships traversed by the mirrored reflections of the pages of the notebooks produced allowed me to approach the record as a key element in my training process as an artist-teacher-researcher.

Keywords: register; artist's notebook; art education; narrative; teaching materials.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 -	Cadernos pessoais (2022).....	0
Figura 2 -	Cadernos de registro de aula (2021).....	25
Figura 3 -	Cadernos de registro de aula (2021).....	26
Figura 4 -	Cadernos de registro de aula (2021).....	27
Figura 5 -	Cadernos de registro de aula (2021).....	28
Figura 6 -	Cadernos de registro de aula (2021).....	29
Figura 7 -	Cadernos de registro de aula (2021).....	30
Figura 8 -	Cadernos de registro de aula (2021).....	31
Figura 9 -	Cadernos de registro de aula (2021).....	32
Figura 10 -	Cadernos de registro de aula (2021).....	33
Figura 11 -	Cadernos de registro de aula (2021).....	34
Figura 12 -	Cadernos de registro de aula (2021).....	35
Figura 13 -	Cadernos de registro de aula (2021).....	36
Figura 14 -	Cadernos de registro de aula (2021).....	37
Figura 15 -	Cadernos de registro de aula (2021).....	38
Figura 16 -	Cadernos de registro de aula (2021).....	39
Figura 17 -	Cadernos de registro de aula (2021).....	40
Figura 18 -	Cadernos de registro de aula (2021).....	41
Figura 19 -	Cadernos de registro de aula (2021).....	42
Figura 20 -	Cadernos de registro de aula (2021).....	43
Figura 21 -	Cadernos de registro de aula (2022).....	44
Figura 22 -	Cadernos de registro de aula (2022).....	45
Figura 23 -	Cadernos de registro de aula (2022).....	46
Figura 24 -	Cadernos de registro de aula (2022).....	47
Figura 25 -	Cadernos de registro de aula (2022).....	48
Figura 26 -	Cadernos de registro de aula (2022).....	49
Figura 27 -	Folha de rosto de caderno pessoal.....	55
Figura 28 -	Caderno de Bolso pessoal (2022).....	56
Figura 29 -	Caderno de Bolso pessoal (2022).....	57

Figura 30 -	Caderno de desenhos em Nanquim (2020).....	58
Figura 31 -	Caderno de gravuras (2019 – 2022).....	59
Figura 32 -	Caderno de gravuras (2019 - 2022).....	60
Figura 33 -	Caderno de gravuras (2019 – 2022).....	61
Figura 34 -	Folha translúcida de registro das gravuras (2019).....	62
Figura 35 -	Gravuras em metal (2019).....	63
Figura 36 -	Capa do Material Educativo da 32° Bienal de São Paulo <i>Incerteza Viva</i> , 2016.....	74
Figura 37 -	Imagem do poema de Yaxkin Melchy, 2016, retirada do Catálogo de Estudos da 32° bienal de São Paulo.....	75
Figura 38 -	Capa de um dos cadernos que compõe o Material Educativo – <i>convite à atenção</i> da 33° Bienal de São Paulo, 2018.....	76
Figura 39 -	Elemento que compõe o caderno 1 do Material Educativo – <i>convite à atenção</i> da 33° Bienal de São Paulo, 2018.....	77
Figura 40 -	Elemento que compõe o caderno 1 do Material Educativo – <i>convite à atenção</i> da 33° Bienal de São Paulo, 2018.....	78
Figura 41 -	Capa do Material Educativo da 34° Bienal de São Paulo <i>Faz escuro, mas eu canto</i> , 2021.....	79
Figura 42 -	Atividade / Jogo que compõe a publicação do Material Educativo da 33° Bienal.....	80
Figura 43 -	Atividade / Jogo que compõe a publicação do Material Educativo da 33° Bienal.....	81
Figura 44 -	Tira de quadrinho de <i>Calvin e Haroldo</i>	85
Figura 45 -	Visão frontal do material.....	100
Figura 46 -	Visão frontal do material aberto com todas as dobras que o compõe.....	100

Figura 47 -	Capa da frente do material.....	101
Figura 48 -	Elemento de composição do interior da pasta ABRIR do material.....	102
Figura 49:	Elemento de composição do interior da pasta ABRIR do material.....	103
Figura 50 -	Folha do material DESDOBRAR que compõe <i>O Livro dos Quatro Movimentos</i>	104
Figura 51 -	Frente do material EXPANDIR utilizado para o brainstorm.....	105
Figura 52 -	Verso do material EXPANDIR utilizado para o brainstorm.....	106
Figura 53 -	Folha da dobra ATRAVERSAR que compõe o trabalho.....	107
Figura 54 -	Capa de trás do material.....	108
Figura 52 -	Proposta realizada pelos alunos.....	114
Figura 53 -	Proposta realizada pelos alunos.....	115
Figura 54 -	Proposta realizada pelos alunos.....	116
Figura 55 -	Registro da proposta realizada com os alunos.....	112
Figura 56 -	Registro da proposta realizada com os alunos.....	113
Figura 57 -	Proposta realizada pelos alunos.....	117
Figura 58 -	Proposta realizada pelos alunos.....	118
Figura 59 -	Proposta realizada pelos alunos.....	119
Figura 60 -	Visão tridimensional da publicação dos alunos.....	120

Figura 61 -	Proposta realizada pelos alunos – “Criaturinhas”	121
Figura 62 -	Proposta realizada pelos alunos – “Criaturinhas”	122
Figura 63 -	Proposta realizada pelos alunos.....	123
Figura 64 -	Proposta realizada pelos alunos.....	124
Figura 65 -	Esquema da folha da dobra ATRAVERSAR.....	125
Figura 66-	Desenho da a F-5TA1.....	127

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
DIÁRIO E REGISTROS DA PROFESSORA	07
Introdução do caderno	08
Reverberações sobre o conceito do <i>professor reflexivo</i>	12
O registro e os instrumentos de Madalena Freire	19
O Diário da Professora	23
ELEMENTO POÉTICO - CADERNO DE ARTISTA	50
Introdução do caderno	51
Apontamentos sobre o caderno de artista	53
Caderno de Artista	55
MATERIAL - CADERNO PROPOSITOR.....	64
Convite	65
Carta de uma Amiga	66
Proposta Didática: um passeio por objetos mediadores poéticos	67
O que temos como material didático hoje?	69

O que um material didático se propõe a ser?	83
O que a gente pensa em propor como material didático?	90
O Livro de Quatro Movimentos	98
Relatos de um acontecimento poético	110
Reflexões artísticas e atravessamentos pedagógicos	123
 CONCLUSÃO - Movimentos que atravessam.....	 132
REFERÊNCIAS	137
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	141

As janelas da alma são também espelhos do mundo.

Marilena Chauí

Assuma o seu mundinho, seu pequenino, o seu possível e o
seu sonho que está sendo projetado e criado diariamente.
Sua experiência tem valor.

Madalena Freire



Caderno
desenho

Nana

Abri! 20



INTRODUÇÃO

Considerar o estágio como campo de conhecimento significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supere sua tradicional redução à atividade prática instrumental.

Pimenta e Lima ¹

Nos movimentos espelhados das páginas que compõem esse trabalho, o atravessamento dos reflexos de cadernos, relatos, vivências e proposições formou a imagem autobiográfica da minha formação pessoal e profissional que mergulhei por desejo. Pôr-se à refletir é permitir ver-se pela própria *leitura de mundo*². É somente pelo reflexo que vemos os nossos próprios olhos, mas o olhar que dedicamos ao mundo pode manifestar-se de diversas formas. Os cadernos e diários são suportes físicos, sequências do espaço-tempo³, que transpassam o olhar e, assim como os reflexos, são, nas palavras de Marilena Chauí (1988), janelas da alma. A representação do espelho ao longo do trabalho e as referências poéticas às características de sua matéria aludem para a etimologia da palavra

¹ Selma Guarrido Pimenta e Maria Socorro Lucema de Lima, pesquisadoras e autoras do livro *"Estágio e Docência"*, 2012.

² Paulo Freire, 1996.

³ Ulises Carrión, 2011.

reflexão com o ato de refletir, de pôr-se à frente de uma superfície espelhada, e para a construção da identidade pessoal por meio dessa ação.

Os processos que permearam essa pesquisa envolveram refletir sobre as experiências adquiridas em minha formação nos ateliês da universidade e no período de residência do estágio pedagógico profissional realizado entre os anos de 2021 e 2022, em um colégio particular da zona sul da cidade de São Paulo. A diferenciação entre *estágio curricular* e *estágio profissional* foi tecido pelas autoras Selma Guarrido Pimenta e Maria Lucema Lima (2012) em seus estudos do papel do estágio na formação docente. Segundo as autoras, o *estágio profissional* propõe preparar os estudantes para o campo de trabalho atuante, voltando-se para a especialização e treinamento, enquanto o *estágio curricular* teria a função de integrar o processo de formação do aluno, buscando uma investigação e interpretação crítica da prática com as disciplinas do curso. A atuação em uma escola particular pouco se difere de uma atuação empresarial, entendendo que, segundo as classificações de Pimenta e Lima (2012), voltou-se para o treinamento do estágio profissional. Contudo, as reflexões e o hábito do registro contínuo adquirido nesse período possibilitaram que, de maneira retrospectiva, as vivências no estágio pudessem ser entendidas e criticadas por meio deste trabalho, compreendendo assim os objetivos do estágio curricular.

Abrir-se para as janelas interiores através do estudo de cadernos e diários realizados em diversos momentos da minha graduação compreendeu um processo semelhante ao formulado por Christine Delory-Momberger (2006) e estudado pela pesquisadora Luciana Ostetto, intitulado de *ateliê bibliográfico de projeto*. Segundo Christine, o conceito seria:

um procedimento que inscreve a história de vida de uma dinâmica prospectiva que liga o passado, o presente e o futuro do sujeito e visa fazer emergir o seu projeto pessoal, considerando a dimensão do relato como construção da experiência do sujeito e da história de vida como espaço de mudança aberto ao projeto de si. (DELORY-MOMBERGER apud OSTETTO, 2015, p. 163)

Sob essa perspectiva, o trabalho atua como um ateliê bibliográfico que, de maneira prospectiva e reflexiva, analisa e estuda os cadernos de artista realizados. Essa investigação dos processos e vivências que incorporam a minha formação, nas palavras de Ostetto (2015), permitem a visibilidade dos fios das histórias particulares tecidos com suas trajetórias e contextos, ou seja, valorizam as experiências pessoais como catalisadores de conhecimento e pesquisa.

Entendendo os cadernos como objetos únicos de narrativas poéticas autobibliográficas, as escolhas de diagramação e apresentação do trabalho buscaram recordar as características físicas destes objetos. Por esse motivo, o tom creme das páginas, a grafia da fonte em cinza e a presença de pauta em alguns

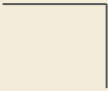
momentos foram escolhas visuais com o objetivo de representar, da melhor forma possível, a visualidade das folhas dos cadernos, a grafia dos registros em lapiseira e a pauta, tão presentes nos cadernos utilizados no estágio. Outro recurso poético utilizado na organização do trabalho foi dividir a pesquisa não em capítulos, mas em cadernos que espelham e revelam os momentos gravados em suas páginas.

O primeiro é o *Diário de registros da Professora*, que aborda os estudos e pesquisas realizadas acerca do professor reflexivo de Donald Schön e o hábito do registro na prática docente de Madalena Freire, usados para compreender e refletir sobre as notas diárias realizadas ao longo do meu estágio pedagógico. Além dos estudos, uma seleção dos registros realizados compõe e fortalece o caderno. Com o intuito de aproximação com os cadernos originais, optei neste caderno por trabalhar com o formato A5 da folha, evidenciado pelas margens desenhadas nas páginas.

O segundo é o *Elemento Poético - Caderno de Artista*, espaço no qual exponho o conceito de caderno ou livro de artista teorizado por Paulo Silveira e Edith Derdyk e os desdobramentos que o problematizam. Junto com esse prelúdio, o caderno abriga diversas produções e fragmentos de trabalhos que produzi ao longo da graduação e sob os quais dediquei a minha produção e compreensão como artista.

O terceiro caderno, o *Material - Caderno Propositor* revela os relatos de uma proposta didático-pedagógica desenvolvida e realizada em parceria com minha amiga e colega de trabalho Glória Maria dos Santos. A proposta baseou-se nos manifestos de arte propositiva de Lygia Clark e seu acontecimento ocorreu em uma tarde de dezembro na escola na qual realizei meu estágio pedagógico. Neste caderno os motivadores da pesquisa, os registros do evento e as discussões posteriores inscrevem-se nas folhas e na memória. Neste caderno incorpora-se também a publicação do material O Livro de Quatro Movimentos e os trabalhos realizados pelos alunos como resultado prático originários da ação propositiva.

Todos esses cadernos e publicações, cada qual da sua maneira, propõem uma reflexão sobre os eventos ocorridos e formadores da profissional artista-professora-pesquisadora que aqui se reflete. Entender e compreender as experiências pessoais como fontes de conhecimento é valorizar a profissional como consciente e crítico do seu trabalho e da sua contribuição intelectual no cenário artístico-educacional do qual se insere. Ver-se pelos olhos de seu conhecimento e tornar suas angústias e anseios em fontes de pesquisa, abre espaço para a autocompreensão e, para que possamos compreender e questionar o outro, devemos primeiro entender a nós mesmos.



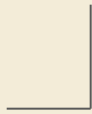
DIÁRIO

E

REGISTROS

DA

PROFESSORA



Introdução do caderno

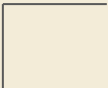
O início do estágio pedagógico, realizado em um colégio particular da zona Sul da cidade de São Paulo, e as reflexões latentes das primeiras experiências em sala de aula fomentaram em mim uma ânsia por registrá-las, por anexar trabalhos, tanto realizados pelos alunos como por mim em sala de aula, e por construir um repertório prático das propostas artísticas desenvolvidas pelas professoras. Seguindo um hábito pessoal construído pelo ambiente escolar, ainda como aluna, apeguei-me ao caderno, mas as relações que com este estabeleci divergiram muito do modo como fui ensinada a usar o objeto. Os cadernos que construí com os acontecimentos que experienciei não seriam validados quanto ao conteúdo, grafia ou manchas, e neles permiti que minhas reflexões acontecessem, que as páginas expressassem e refletissem a minha personalidade. Nesse ponto, em nada posso comparar os cadernos

ensinados no colégio com a potência daqueles que semeiei no meu estágio entre 2021 e 2022. Sobre este suporte, esses objetos poéticos, o traço da lapiseira revelou palavras, desenhos, setas e parênteses nas folhas que agora dedico minhas reflexões.

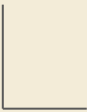
O primeiro deles, um caderno médio de tamanho A5, com capa mole azulada e recheado com folhas de tom creme pautadas em cinza, foi onde experimentei – no início de maneira insegura e incerta – a prática dos registros e reflexões de aula. Do primeiro caderno seguiu o segundo, objeto muito semelhante ao primeiro, de capa azul clara e de folhas de tamanho e cor semelhantes ao anterior, mas que abrigou fragmentos mais livres e espontâneos daquela que os registrou. Já o terceiro seguiu por páginas abandonadas, de um caderno de capa amarela, utilizado em parte por um estudante e esquecido no ateliê escolar. Nas folhas restantes desse caderno, explorei com os alunos – que frequentemente opinavam e me aconselhavam na

escolha de elementos e cores – as propostas passadas pelas professoras.

No intervalo dos anos que seguiram essas experiências, o processo reflexivo e construtivo manifestou-se em dois momentos, na observação da prática, ocorrida no momento do olhar e da criação dos cadernos, e na análise documental, momento o qual entrelaço a minha experiência com as produções e pesquisas já realizadas sobre o assunto, reorganizando e alimentando a reflexão feita. Escolhi trabalhar com o embasamento teórico do processo reflexivo, alinhado ao conceito do professor reflexivo de Donald Schön, que foi argumentado pela professora e pesquisadora Selma Garrido Pimenta (2006, p. 43) ao expor que “o professor pode produzir conhecimento a partir da prática, desde que na investigação reflita intencionalmente sobre ela, problematizando os resultados obtidos com o suporte da teoria. E, portanto, como pesquisador de sua própria prática.”



Assumindo essa posição de pesquisadora expressa por Pimenta, portanto, somarei os fragmentos de registros desenvolvidos na primeira reflexão às pesquisas desenvolvidas anteriormente sobre os conceitos, a fim de problematizar e construir um olhar crítico para a produção desses cadernos poéticos.



Reverberações sobre o conceito de *professor reflexivo*

Em uma perspectiva prática, podemos perceber um consenso dos profissionais da educação entre a atuação docente e a sua reflexão constante, mas essa ideia comum nem sempre interpreta o conceito do *professor reflexivo* elaborado pelo professor e pesquisador americano Donald Schön (1930 – 1997) em sua totalidade. Inspirado pelos estudos e colocações do filósofo e pedagogo, também americano, John Dewey (1859 – 1952), Schön dedicou sua pesquisa na área da educação para elaborar os processos reflexivos na prática educacional.

Entre as problematizações da teoria de Schön sobre a prática reflexiva docente, acredito que seja essencial apontar a diferenciação do conceito desenvolvido pelo autor para a colocação redundante da prática reflexiva ao

profissional da educação. O modo como a ideia do professor reflexivo foi elaborado por Schön (2000), embora ele mesmo tenha ressaltado que nada havia de novo nela, permitiu uma renovação nos métodos de formação de professores, principalmente nos anos de 1990 nos EUA, ao explorar a importância da formação continuada, a formação tanto para a prática quanto para a pesquisa e a valorização dos saberes e autonomia docente.

Por esse motivo, ao reduzir o conceito a um adjetivo, enfraquecemos a construção e as mudanças que o mesmo foi responsável.

Contemporânea e pesquisadora dos escritos de Donald Schön, a pedagoga paulista Selma Garrido Pimenta elaborou, em conjunto com outros pesquisadores, um estudo e crítica sobre o conceito de *professor reflexivo* do autor no livro "*Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*". Nesse livro, Pimenta (2006) expõe a problemática e ressalta a importância de analisar o

professor reflexivo como um conceito e não como adjetivo relacionado exclusivamente à profissão docente. A reflexão, como expõe a autora, é elemento comum dos seres humanos e o entendimento do conceito como adjetivação só leva à redundância da colocação e a uma cobrança excessiva sobre esses profissionais de revisão de suas ações e métodos. Por esse motivo, utilizarei nessa pesquisa o termo de professor reflexivo como referência ao conceito desenvolvido por Donald Schön e, posteriormente, problematizado por outros pesquisadores, como Selma Pimenta.

O ato reflexivo exposto por Donald Schön (2000) poderia se classificar como uma metodologia de formação docente baseada na formação contínua e empírica do profissional. Nesse método, o autor nomeia três principais estágios da prática reflexiva. A primeira delas, o *conhecer-na-ação*, apresenta o aprendizado que desenvolvemos de maneira empírica, através de uma ação performática que acontece com o sujeito. Manifestando-se no presente e na

experiência, o *conhecer-na-ação* está diretamente atrelado ao contexto social e institucional que esse indivíduo compartilha. Em segunda instância, o autor elabora a *reflexão-na-ação*, caracterizado pelo posicionamento e tomada de decisão frente ao evento performático, ou seja, o presente, após um breve estado reflexivo. Seria a reflexão que temos ao percebermos um imprevisto ou acontecimento não desejado por nós e que, ao notarmos essa anomalia, alteramos nossa ação conhecida e corriqueira adquirida no conhecer. Por necessidade de uma resposta rápida, a *reflexão-na-ação* representa reflexões e atitudes que tomamos de maneira rápida ante o imprevisto. E, em terceiro momento, haveria a *reflexão sobre a reflexão-na-ação*, ou seja, o momento em que o indivíduo avalia, no momento após ação, a resposta e consequências oriundas da decisão rápida que aconteceu no momento. Estipulando esses três momentos da construção do conhecimento pela prática, Schön discorre sobre a importância de aplicá-los como método para os cursos de

formação docente. Para o autor, a visão de mundo do educador constrói-se através da prática.

Pimenta (2006) ao problematizar a base exclusivamente empírica da metodologia de Schön questiona, e aqui exponho e reflito sobre a questão:

Que tipo de reflexão tem sido realizada pelos professores?

Observando sob minha experiência que as reflexões que realizei nesse período de estágio se pautaram, em grande parte, na análise e anotações sobre as propostas artísticas desenvolvidas pelas professoras em sala de aula e, conseqüentemente, as interpretações e respostas que os alunos entregavam sobre as mesmas. Revisitando e rememorando os cadernos, percebo que os fragmentos que selecionei, em primeiro momento, foram as experiências práticas e objetivas que tendiam mais para os resultados destas propostas. Aos poucos os registros foram tornando-se mais soltos e o olhar atento a outras manifestações da sala de aula.

Um relato semelhante ao vivenciado em meus registros pode ser encontrado nos estudos da professora, pedagoga e arte-educadora Madalena Freire, filha do educador e filósofo Paulo Freire (1921 – 1997), e autora de cadernos que a levaram a estudar a importância dos registros na prática e formação docente. Com a formação do hábito e disciplina das suas anotações, a autora visualizou as mudanças e a liberdade que seus cadernos tomaram com a prática reflexiva. Além das transformações nos registros de Madalena, a professora Silvia Cacace Cunha – com quem tive oportunidade de trabalhar – expõem em seu estudo sobre diários de professores-artistas que “uma vez que os professores “se metem” na dinâmica do Diário encontram, de modo geral, muito sentido e uma grande utilidade para eles mesmos e, a partir desse momento, o Diário costuma ultrapassar e muito os propósitos iniciais do pesquisador.” (CUNHA, 2008, p.39).

Somando as percepções e relatos de professoras e pesquisadoras, acredito que seja no momento de singularização do caderno, quando nos permitimos experimentar o registro em suas diversas possibilidades, que o suporte se transforma em um diário e um caderno significativo para a professora ou professor que o constrói.

O registro e os instrumentos de Madalena Freire⁴

Nas páginas dos diários que educadoras e educadores constroem com sua prática, é o olhar que singulariza e torna única e digna a reflexão de cada um. Por meio do registro captamos e expressamos nossa forma de ver, interpretar e sentir a realidade que pertencemos. Podemos visualizar essa singularidade, por exemplo, em grupos e sessões de desenhos de observação que, embora todos possuam o foco e o olhar para o mesmo elemento, cada pessoa representa essa realidade através das suas habilidades pessoais e sua forma de ver.

⁴ Madalena Freire é pesquisadora, professora, arte-educadora e diretora pedagógica da instituição de ensino Pró-Saber. Dedicar seu trabalho e estudo à reivindicação das práticas reflexivas e da formação continuada de profissionais docentes.

O ato da observação consciente e atenta compõe um dos quatro instrumentos metodológicos entendidos por Madalena Freire (2022), aliado à *reflexão da prática/teoria*, a *avaliação* e o *planejamento*. Essas ferramentas, segundo a autora, atuam como possibilitadores para a construção de uma disciplina e entendimento do professor como um estudioso, intelectual e autor da sua prática.

Em uma entrevista realizada em 2021, sob coordenação da professora Teresa Cristina Rego, Madalena Freire comenta em especial o instrumento da observação, ressaltando a necessidade não apenas do registro do professor, mas também do momento de troca entre educadores dessa experiência. Em sua fala coloca que “é na socialização das observações de cada um, que se opera um diálogo interno, alimentado pela linguagem do outro, favorecendo assim o conhecimento de si” . (FREIRE, M., 2022, p. 15).

Em minha experiência com o estágio pedagógico, contudo, nem sempre esses diálogos e trocas com a linguagem e percepções do outro estavam presentes. Em sua maioria, as trocas aconteciam em conversas casuais com as professoras que auxiliava em sala, mas não de modo mais abrangente e institucionalizado pela comunidade escolar. Comentando sobre uma percepção semelhante em suas experiências, Madalena expõe na entrevista:

Agora isso é uma verdadeira revolução, porque, quem é o professor dos professores? Creio que os coordenadores e diretores tem um papel muito importante nesse processo. Eles são os professores dos professores, são mediadores. Portanto, precisam assumir sua classe, ter o registro sobre o processo de formação de cada professor e do grupo de professores. Mais do que isso, ensinar os professores a pensar, a refletir sobre suas práticas e também a socializar essas reflexões

com o grupo de educadores da escola. Se esse papel não for exercido, os professores ficarão abandonados. Abandonados no seu pensar, no seu processo de construção de conhecimentos. (FREIRE, M., 2022, p. 12)

Este abandono dos professores na mediação dos processos de reflexão e construção de conhecimentos e trocas coletivas, exposto pela professora, ficou marcado no início do meu estágio de docência, momento em que este acompanhamento seria essencial na formação de uma profissional crítica e reflexiva. Embora a prática traga muito aprendizado e conhecimento, a falta de uma orientação guiada e partilhada de observações e opiniões levou às dúvidas e inseguranças nesse início da prática docente. É evidente que muitas trocas aconteceram entre minhas colegas de trabalho, mas quem sabe quais questões aqui proporia se houvesse um programa de acompanhamento de formação inicial que valorizasse as reflexões individuais e a socialização dessas experiências como ação pedagógica?

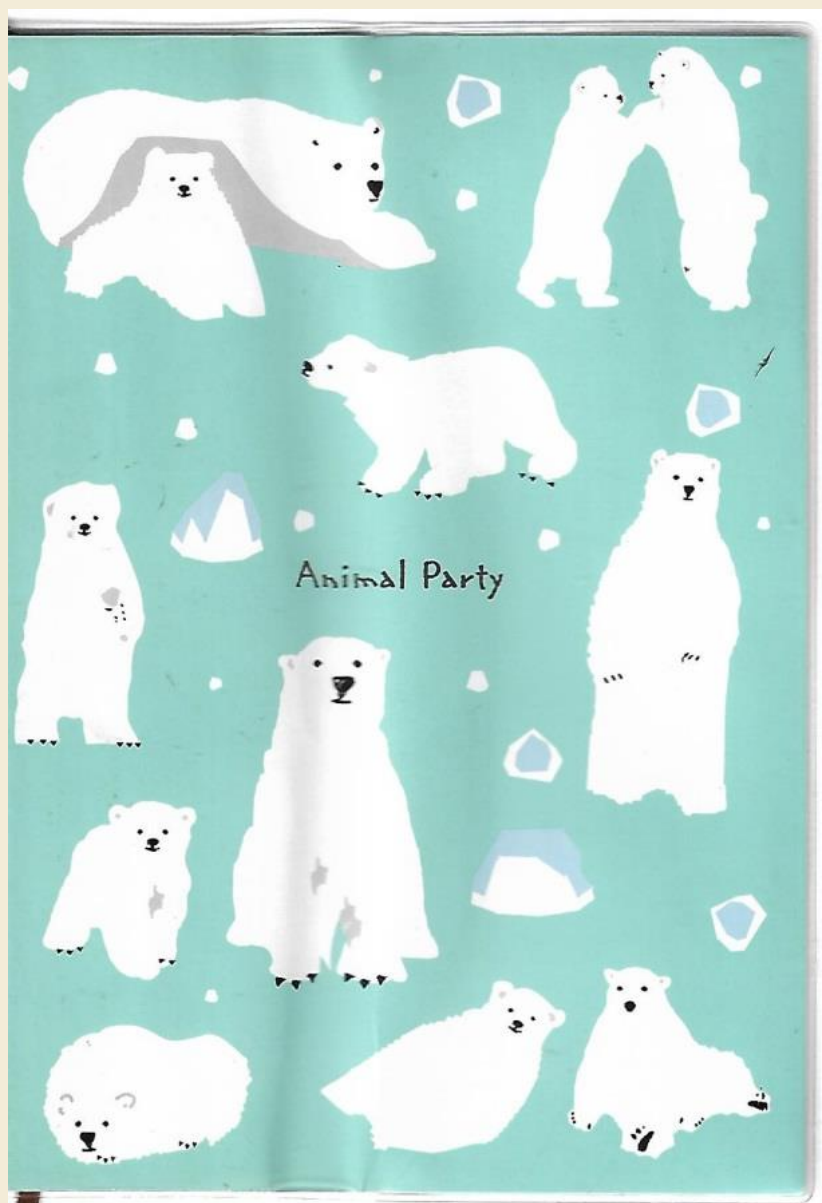
O Diário da Professora

Ainda que nem todas as condições e incentivos tenham favorecido para uma reflexão e pesquisa mais crítica no decorrer do estágio pedagógico, os registros e conhecimentos construídos nesse processo possibilitaram a formação da profissional e pesquisadora que elabora, com todas as suas questões e inseguranças, a pesquisa que a leitora ou leitor compartilham. É sobre esse contexto que construí e sigo desenvolvendo o senso crítico e a disciplina intelectual da minha prática.

O valor das experiências que ocorrem no nosso micro contexto social, como já diria Madalena Freire (2022), tem valor. As experiências e as notas registradas são norteadoras de conhecimento e os cadernos que as abrigam são produções, não apenas científicas, mas artísticas e autobiográficas. Sob esse ponto de vista, exponho nas próximas páginas fragmentos dos meus

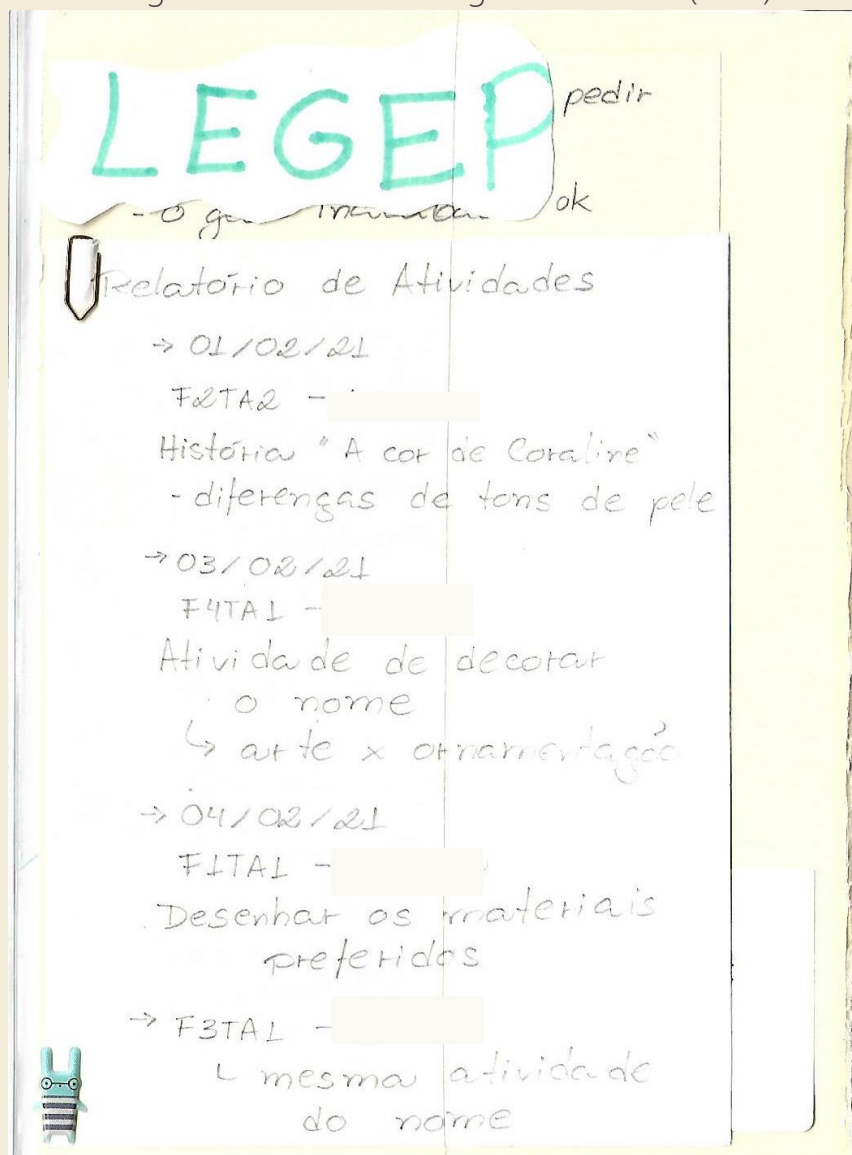
cadernos e registros realizados entre os anos de 2021 e
2022, ao longo das vivências em um colégio particular da
zona sul de São Paulo.

Figura 2: Caderno de registros de aula (2021)



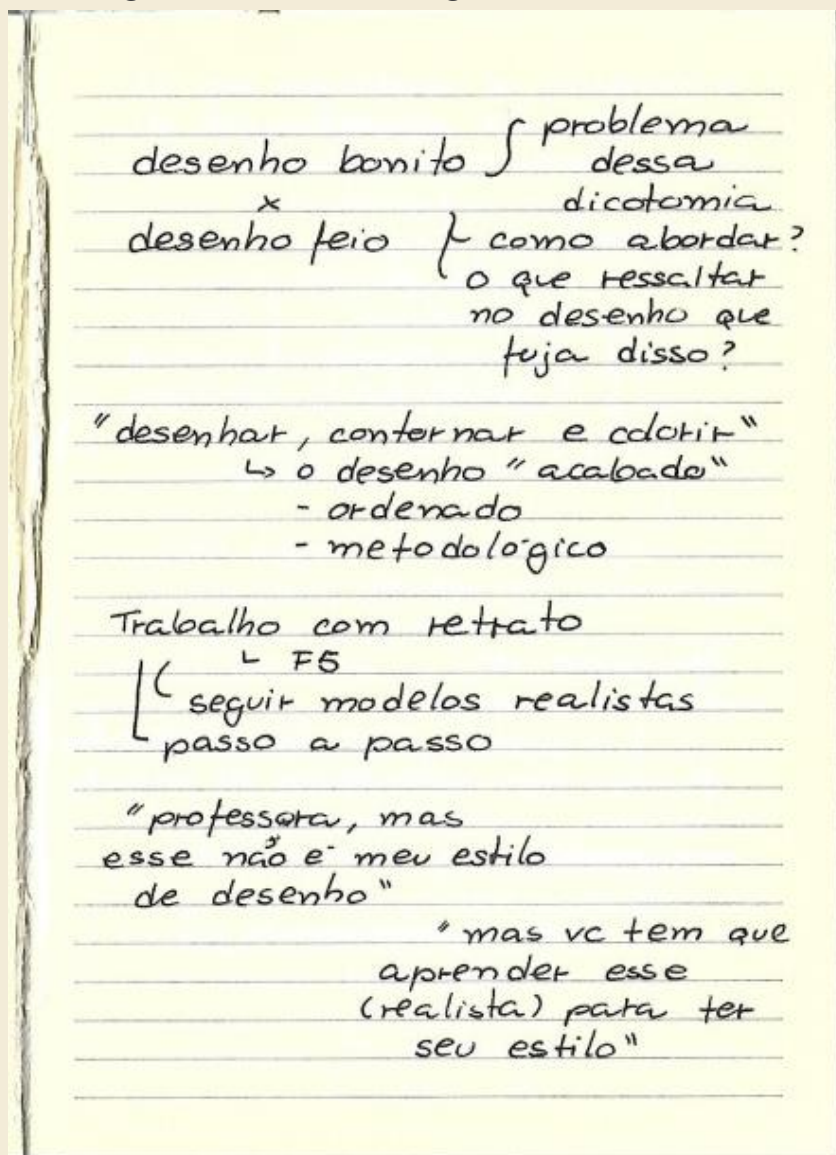
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 3: Caderno de registros de aula (2021)

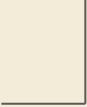


Fonte: Arquivo pessoal

Figura 4: Caderno de registros de aula (2021)

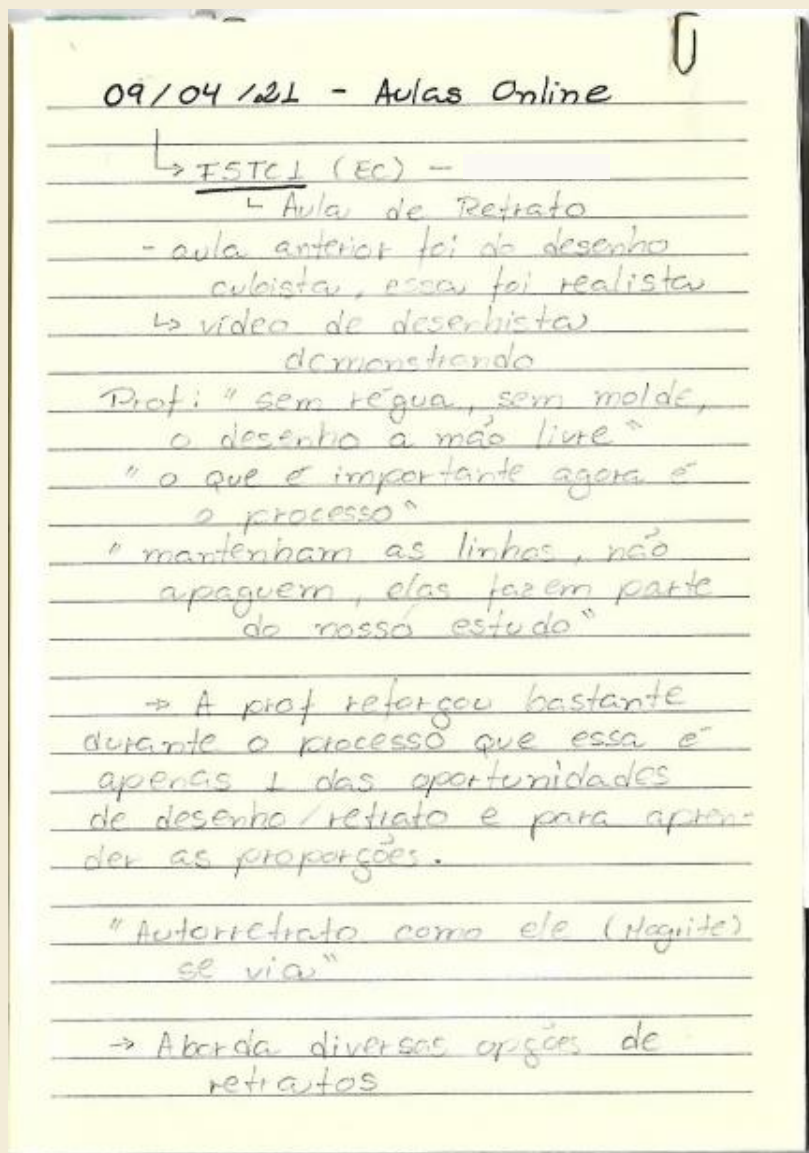


Fonte: Arquivo pessoal



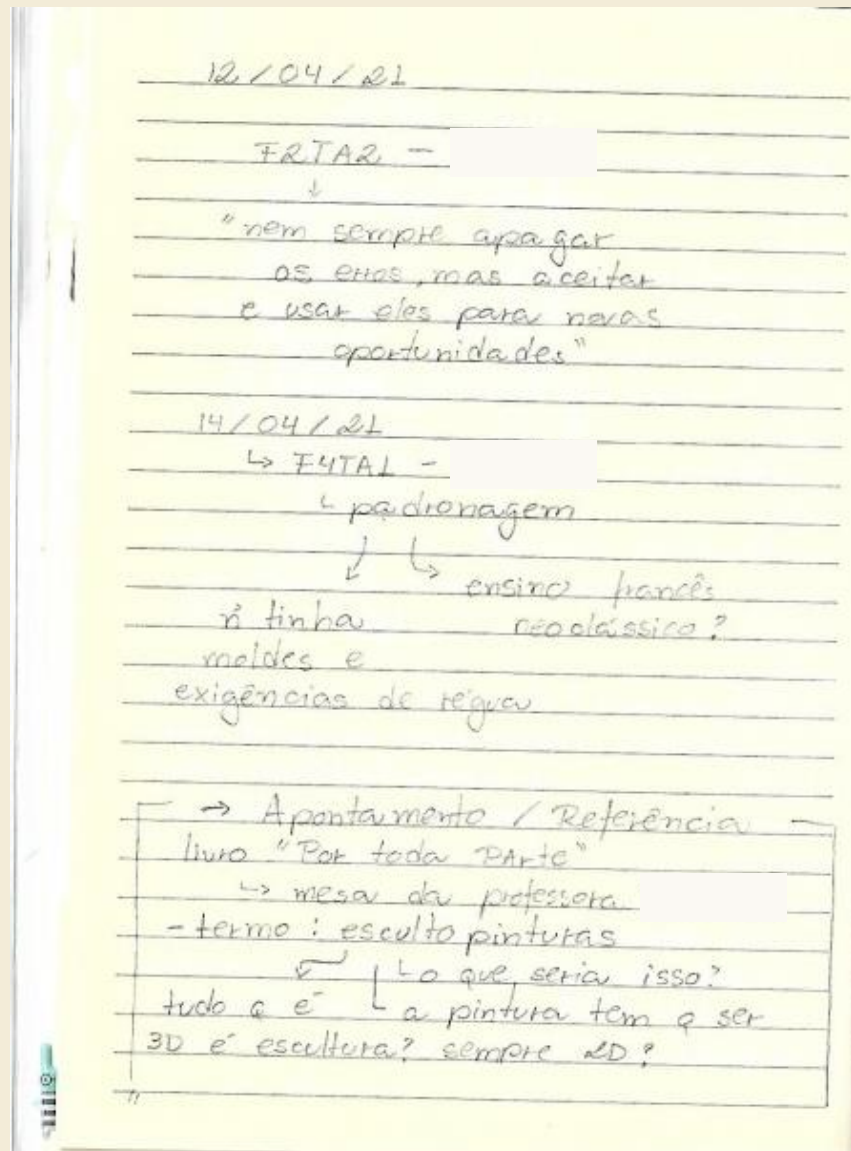
101

Figura 6: Caderno de registros de aula (2021)



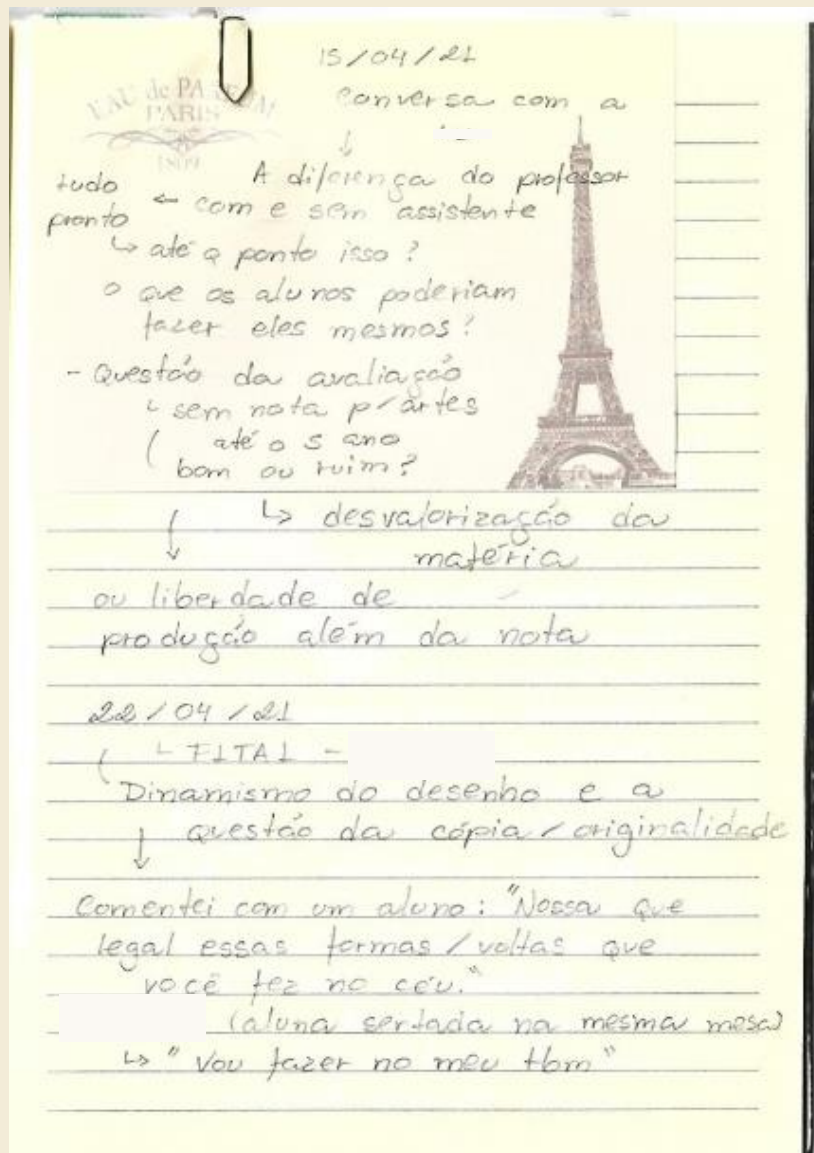
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 7: Caderno de registros de aula (2021)



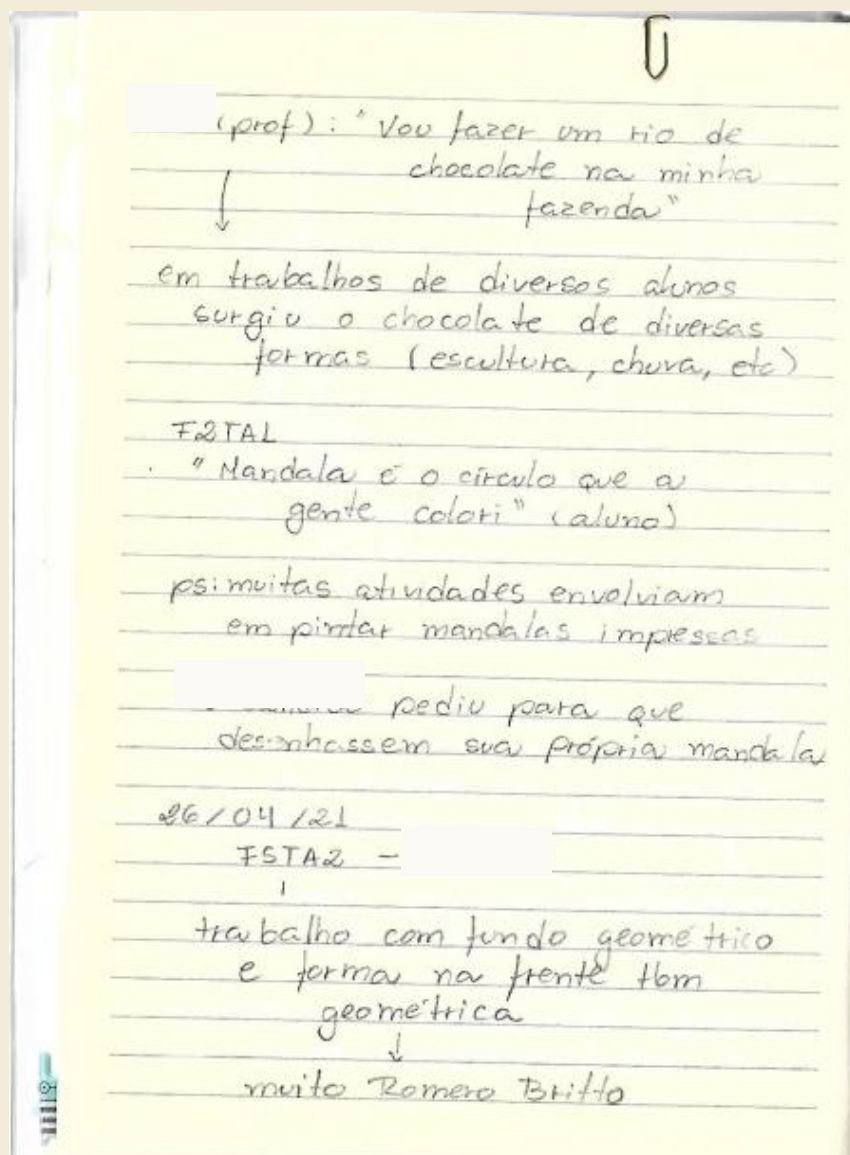
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 8: Caderno de registros de aula (2021)



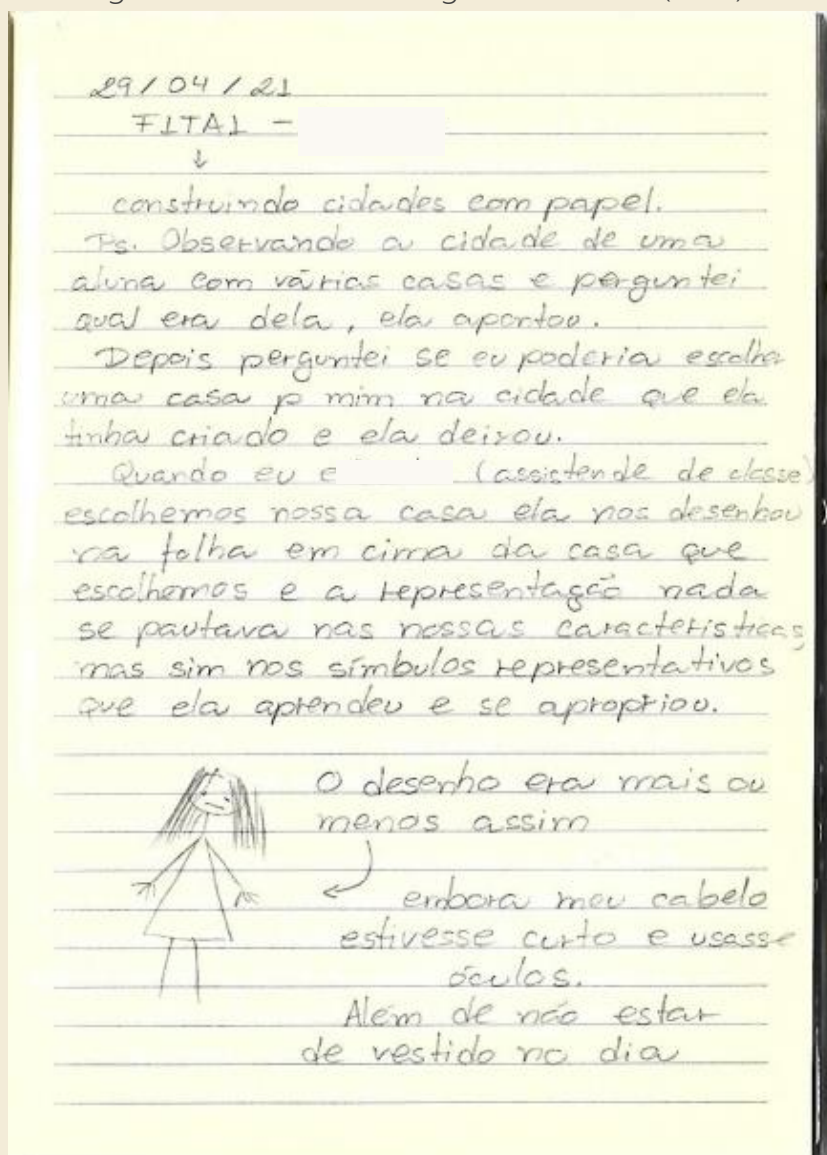
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 9: Caderno de registros de aula (2021)



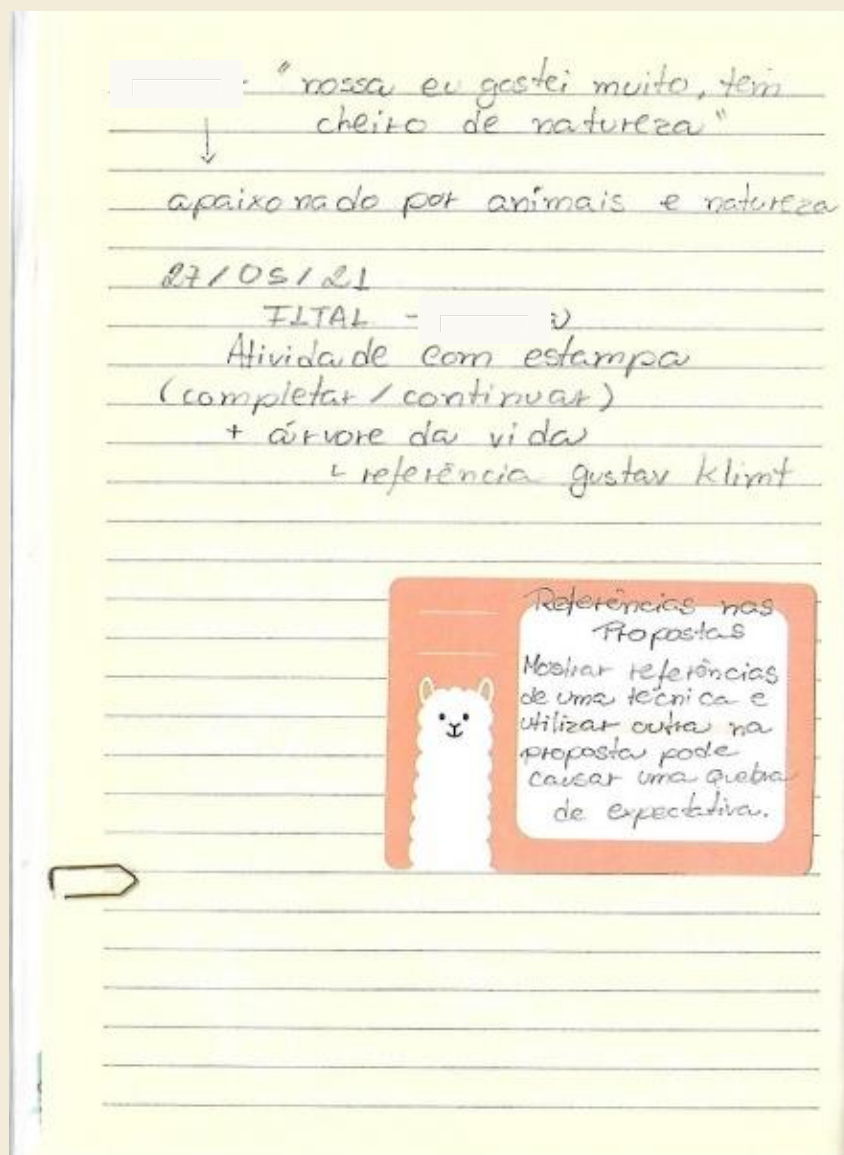
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 10: Caderno de registros de aula (2021)



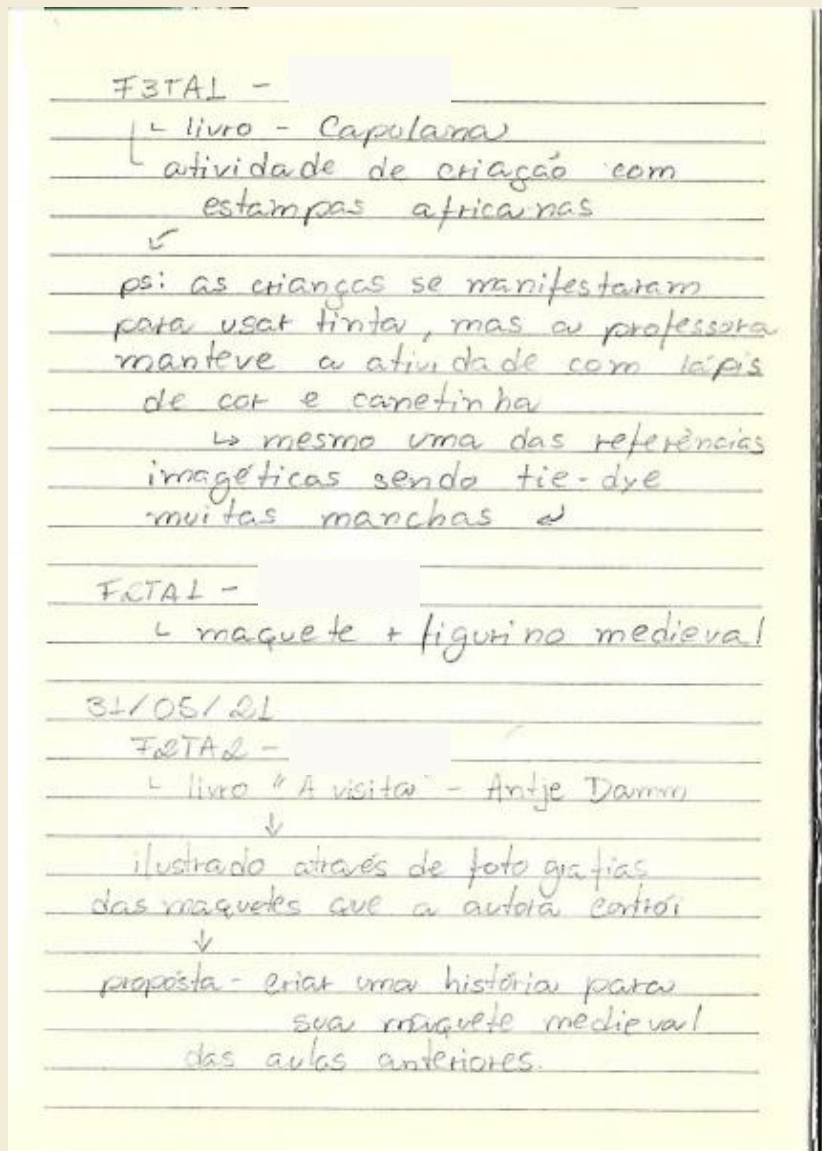
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 11: Caderno de registros de aula (2021)



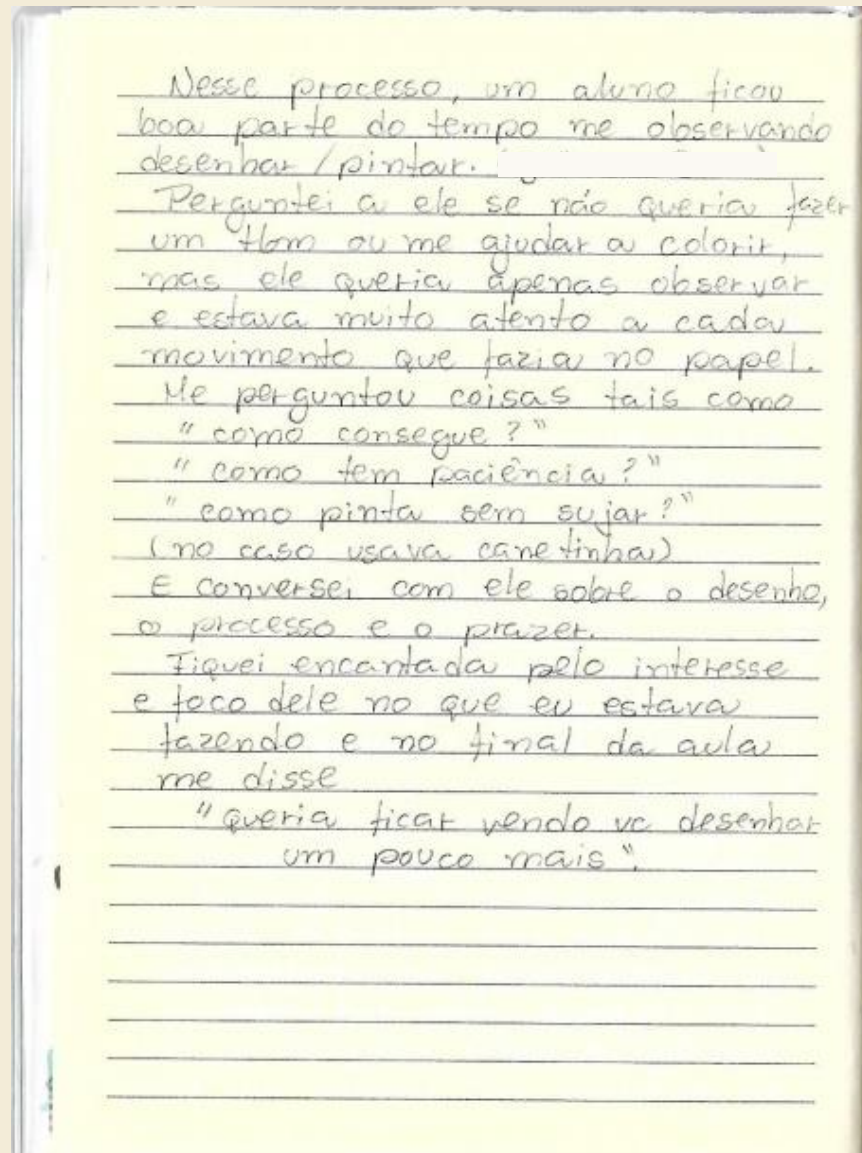
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 12: Caderno de registros de aula (2021)



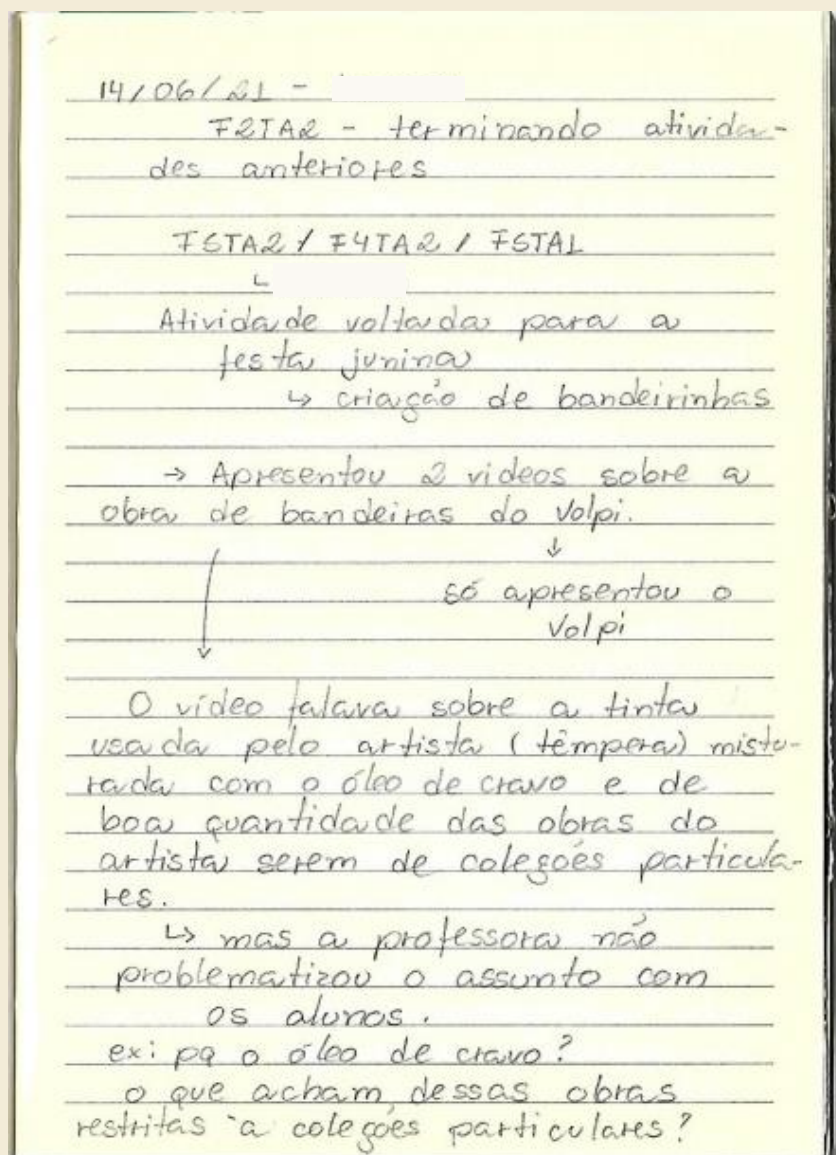
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 13: Caderno de registros de aula (2021)



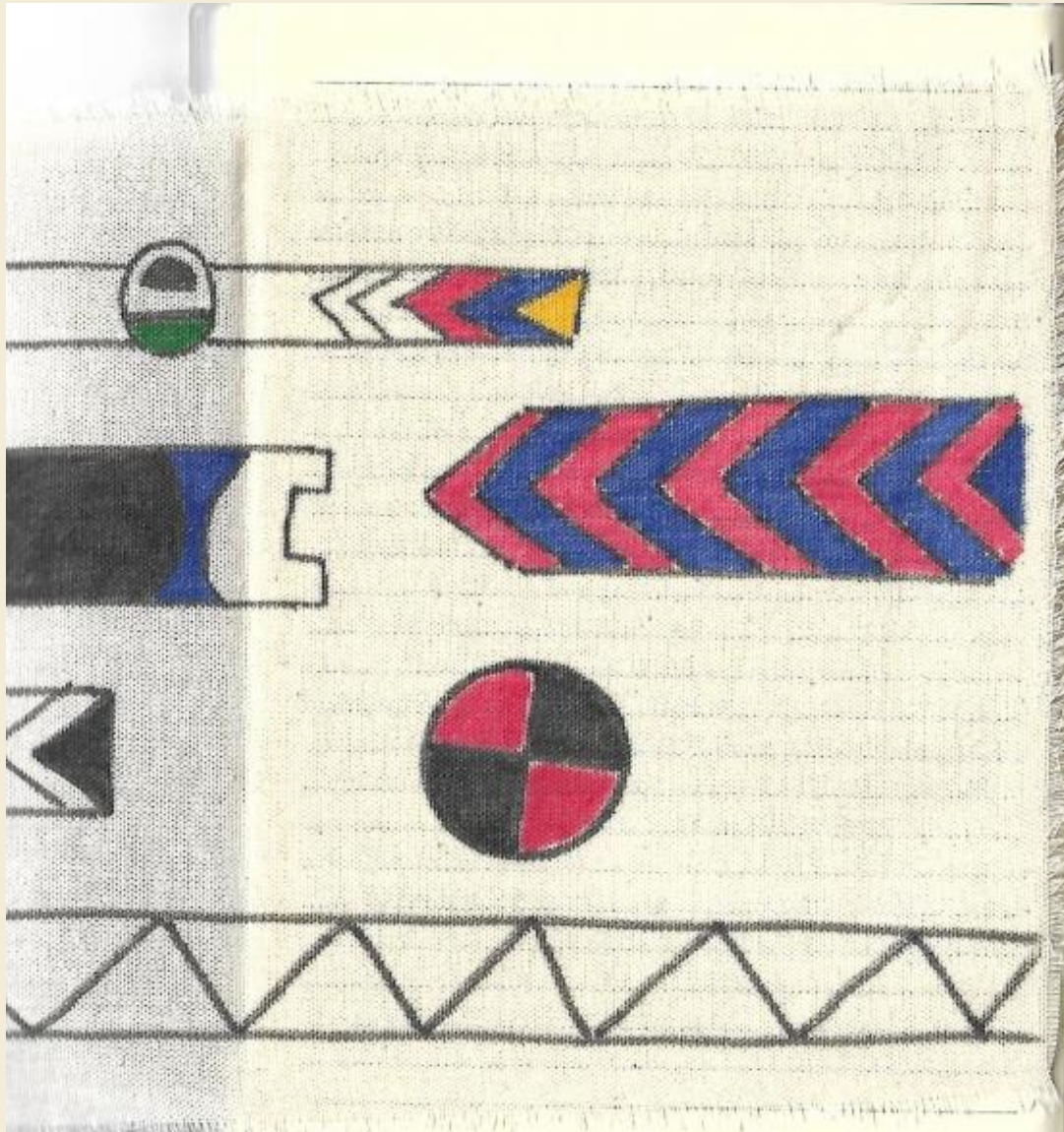
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 14: Caderno de registros de aula (2021)



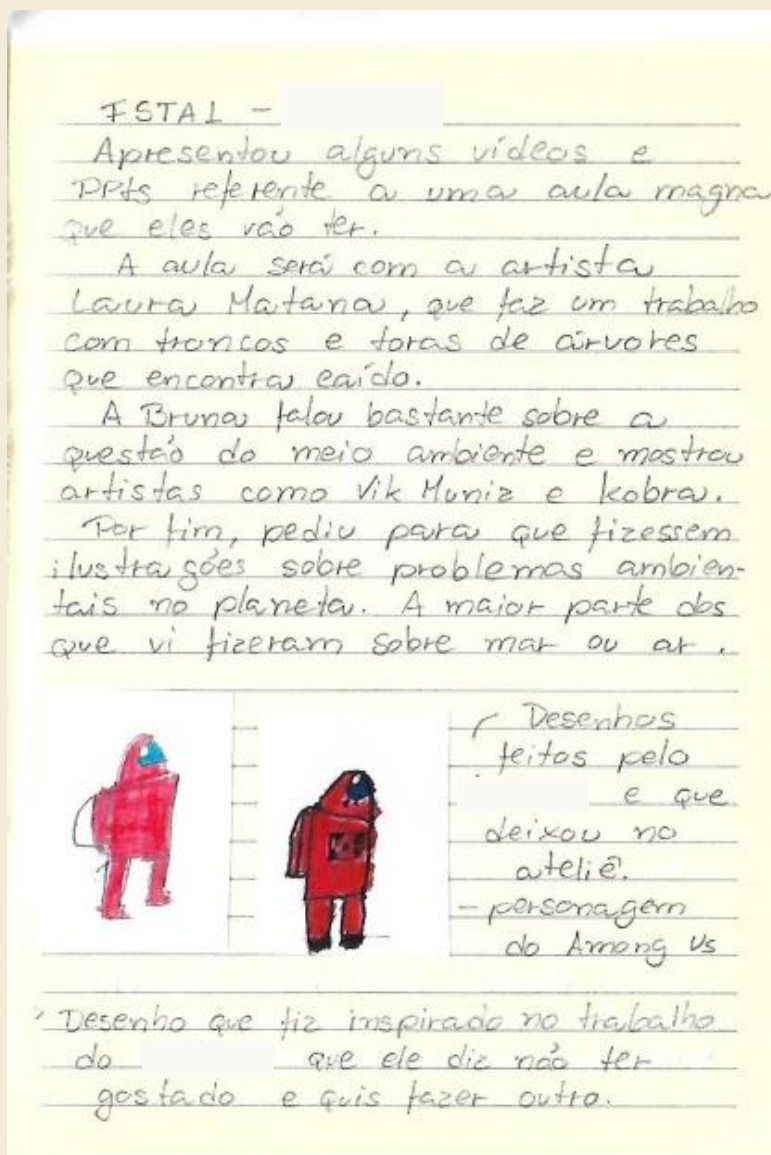
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 15: Caderno de registros de aula (2021)



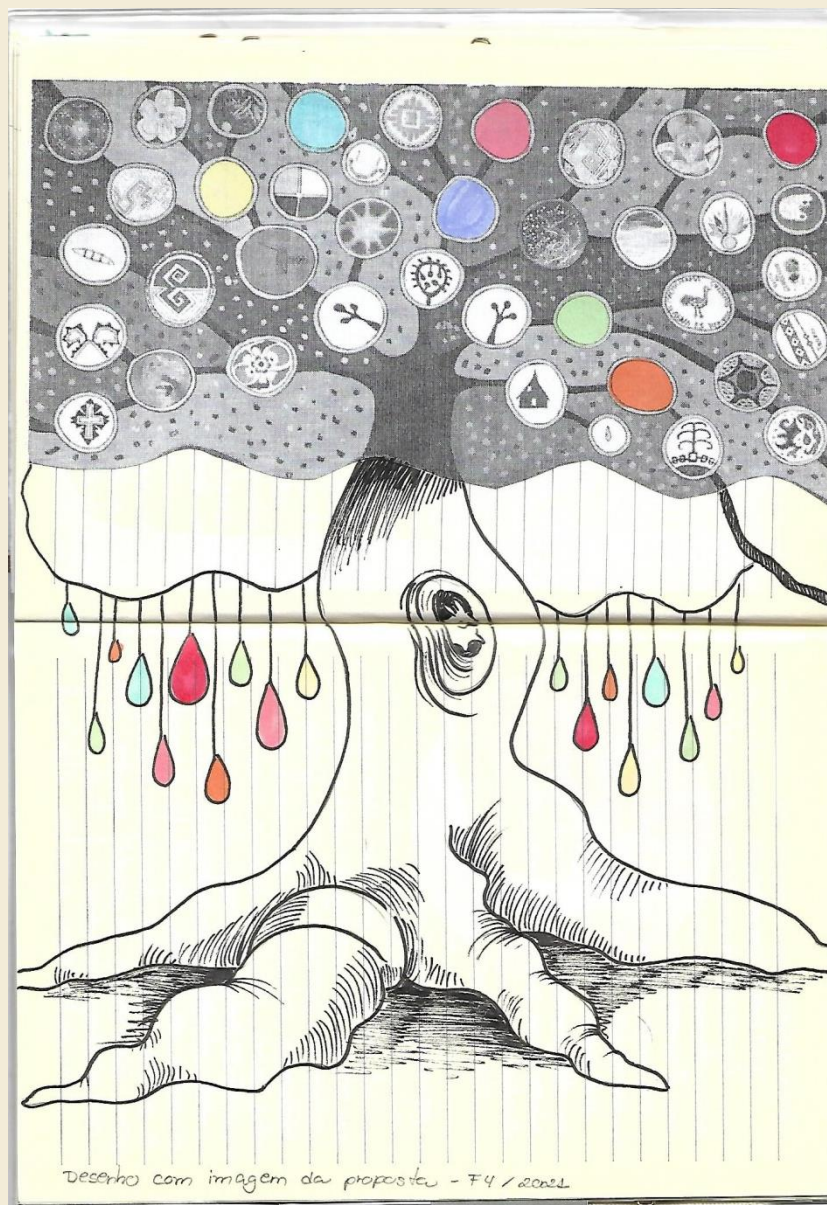
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 16: Caderno de registros de aula (2021)



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 17: Caderno de registros de aula (2021)



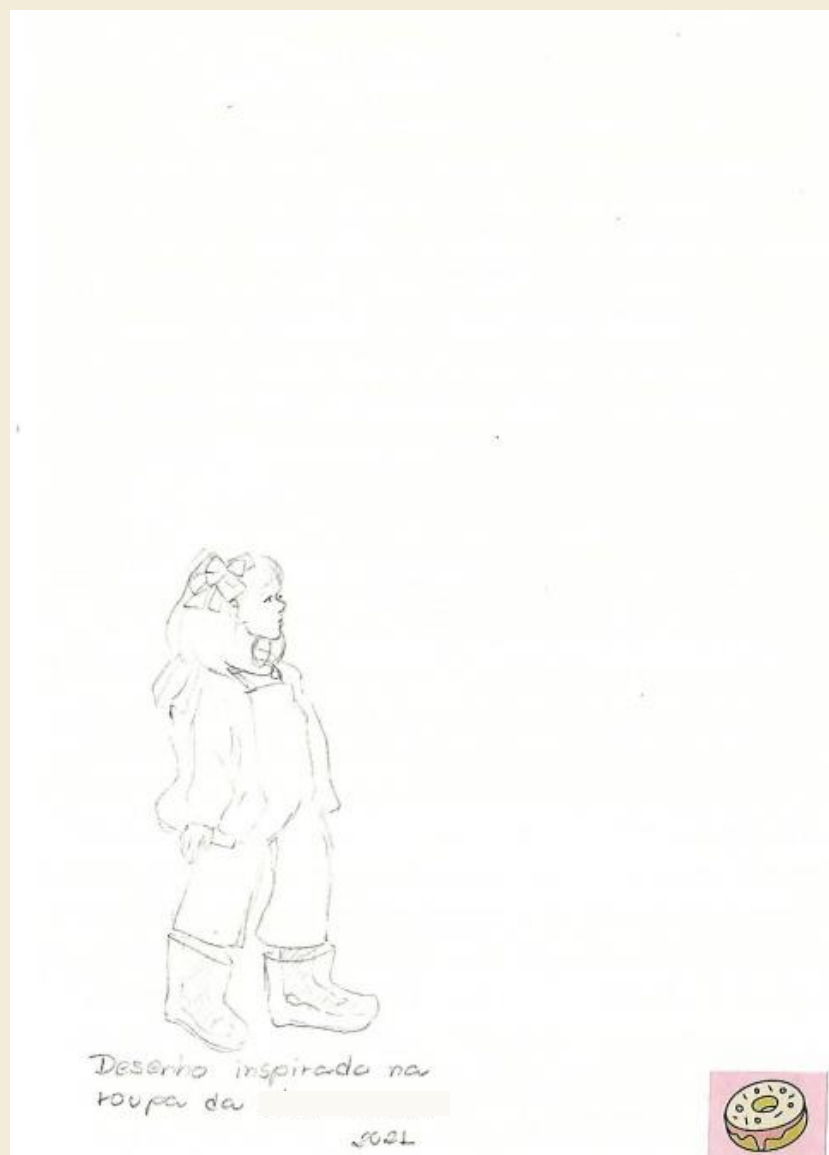
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 18: Caderno de registros de aula (2021)



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 19: Caderno de registros de aula (2021)



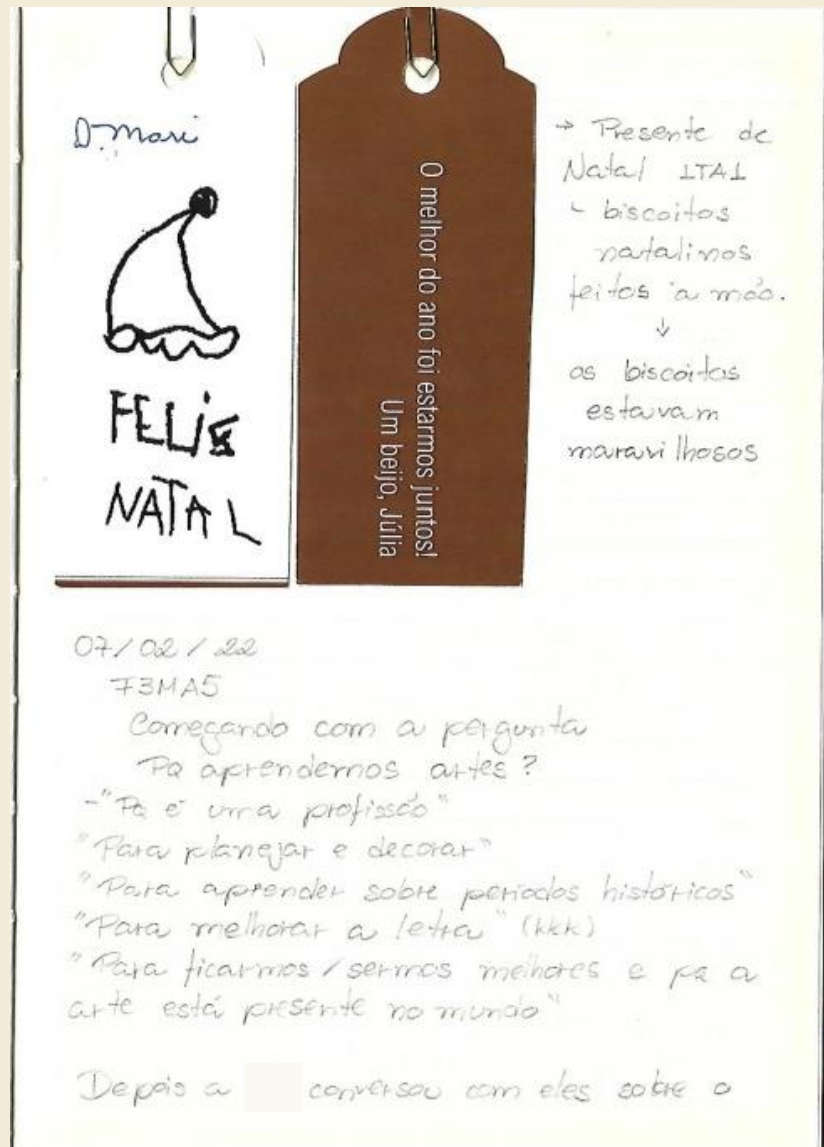
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 20: Caderno de registros de aula (2021)



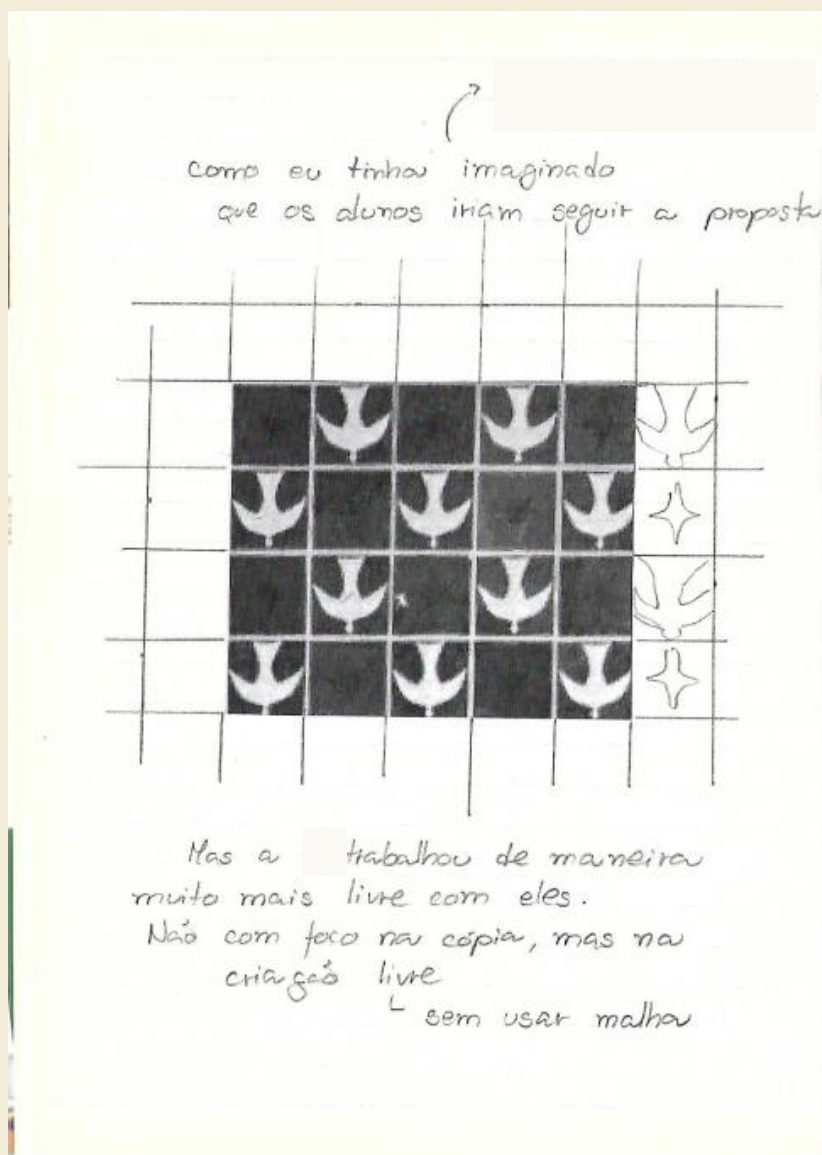
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 21: Caderno de registros de aula (2022)



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 22: Caderno de registros de aula (2022)



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 23: Caderno de registros de aula (2022)

F4MA3 - 25/02/22
L

Hoje a [redacted] teve outro bloqueio criativo por decepção de não alcançar o que ela queria. Na primeira aula que tive com ela eu a ajudei a desenhar um trator. Eu o fiz com linhas bem suaves.

Na segunda aula ela me pediu ajuda com um cavalo. Eu estava com um caderno (meu) e primeiro desenhei um cavalo para tentar lembrar do animal e ela gostou do meu desenho e pediu para que eu fizesse o mesmo cavalo no desenho dela. Disse então que seria ela quem faria o cavalo, não eu. Então quando ela o fez e comparou com o meu ela se decepcionou, desistiu, não quis mais fazer.

Conversei com a [redacted] sobre isso e que em parte a tristeza e decepção dela era minha culpa. Na conversa a [redacted] comentou algumas fáticas que usa de desenhar parte do desenho e pedir para a criança continuar.

Hoje então ela me pediu para fazer um touro (o logo da Red Bull) e falei para ela que não fazia nada, que não desenharia nada e apenas a ajudaria a chegar no resultado.

Fonte: Arquivo pessoal

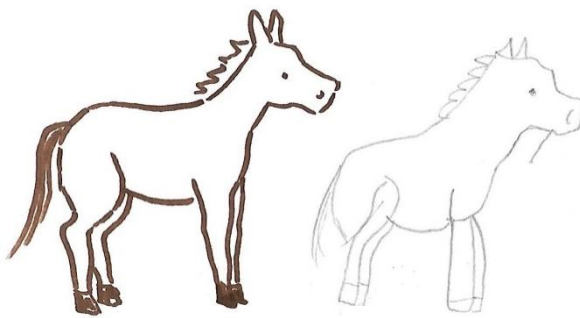
Figura 24: Caderno de registros de aula (2022)

Com isso abri a imagem no celular e pedi que ela olhasse e fui ajudando ela a compor. Iniciando com o círculo, depois pegando a forma geral do touro e acrescentando as patas, cabeça, rabo.

Mas novamente ela teve uma decepção, jogou o caderno pq seu desenho não atendia as suas expectativas, comparando seu desenho com o desenho de um adulto.

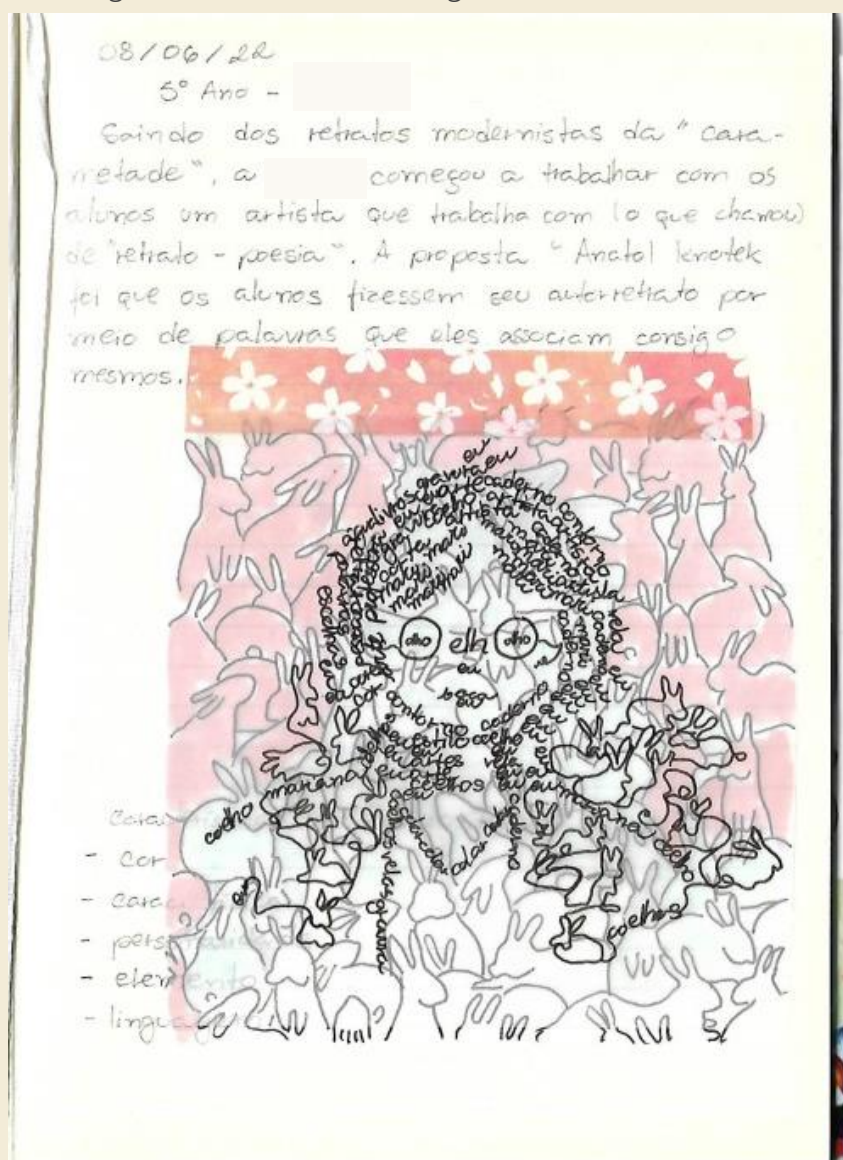
A ... conversou com ela e deu o exemplo dos desenhos e estudos do Picasso de animais e como ele chegou no resultado que queriam. Eu e a ... ficamos de trazer várias referências de touros para ela testar e experimentar várias vezes.

Como ajudar uma criança com esses bloqueios e auto cobrança excessivos?



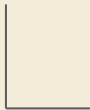
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 25: Caderno de registros de aula (2022)



Fonte: Arquivo pessoal

--	--



ELEMENTO

POÉTICO

CADERNO

DE

ARTISTA

Introdução do caderno

Desde criança, sempre fui apegada ao caderno e sua materialidade. Me recordo quando, no final das férias escolares, ia com minha mãe às papelarias do bairro comprar os materiais e me debruçava sobre as pilhas de cadernos para escolher aqueles que me acompanhariam naquele ano. O primeiro critério de escolha - o mais comum de todos - era a capa. Sempre me encantavam as capas que tinham detalhes em dourado, mas esses adereços também elevavam o preço do produto e, por isso, minha mãe - ciente também do carinho que tinha pelo objeto - permitia que escolhesse apenas um caderno com essa característica, e a este destinava para matéria que mais gostava. Além da escolha da capa, realizava uma curadoria das páginas do caderno, se as folhas tinham bordas desenhadas, a cor das pautas, o design do campo destinado à data, entre outras percepções.

Embora essa prática de escolha do material fosse comum entre as crianças, foram nesses momentos que me familiarizei e me apeguei com as características dos cadernos. Agradeço imensamente minha mãe por permitir que eu escolhesse e, com isso, criasse uma relação de pertencimento com esses cadernos que carrego até hoje. Durante o período escolar, contudo, esse direito de escolha não transpassava para as páginas do caderno. Os diversos métodos e regras estipulados pelas professoras e professores, como o número de linhas que

deveriam ser puladas e o local do título, padronizava os interiores dos cadernos, individualizados apenas pela caligrafia que os redigia.

Ainda no ambiente escolar, fui desenvolvendo - com o apoio de aulas extra curriculares - o gosto pelas técnicas de desenho e passei a realizar experimentações em cadernos destinados a esses estudos, conhecidos como sketchbooks⁵. Nesses objetos podia me expressar livremente, mas seguia presa às ideias de apresentação e avaliação ensinadas no meio escolar e, como consequência, frequentemente descartava páginas desses cadernos que acreditava não estar compatíveis com a apresentação e portfólio que moldava no suporte do caderno.

Foi na graduação, em contato com outras produções artísticas e outras possibilidades de utilizar o caderno, que permiti que minhas poéticas acontecessem. Por isso, dedico este caderno a todos os momentos e experiências vivenciadas ao longo da graduação, nos quais os incontáveis dias e horas dedicados aos ateliês produziram as obras e as memórias que aqui o compõem. Foram nesses espaços que explorei, compreendi e gravei, ainda que de forma embrionária, as matrizes da minha produção como artista e, por meio do caderno, revelo as transformações e pertencimentos que estabeleci com a construção desse objeto.

⁵ Termo em inglês utilizado para designar cadernos de rascunho ou esboço utilizados, em sua maioria, por artistas.

Apontamentos sobre o caderno de artista

Foram nos estudos das diversas técnicas de reprodução estudadas na graduação que descobri algumas das possibilidades e entrelinhas que compõem o conceito de *caderno* ou *livro de artista*. O pesquisador brasileiro Paulo Silveira - que dedica seus estudos aos campos de história e teoria e crítica de artes - analisou em sua tese "*A página violada: da injúria à ternura na construção do livro de artista*" , as diversas possibilidades e produções que englobam o conceito. Em sua pesquisa, Silveira (2001) ressaltou que a ideia de livro de artista é muito problemática e isso porque a sua abrangência e expressividade são amplas, não se limitando nem à forma do livro nem à autoria exclusiva do artista.

Embora a produção de obras e objetos que podem ser classificados como livros de artista estejam presentes antes mesmo da invenção do papel, Paulo Silveira (2001, p.30) expõe que "é no final do século 20 que o entendimento da autonomia desse tipo de obra é legitimado" . A legitimação do objeto/obra ampliou os campos de estudo dentro das produções artísticas, o que desencadeou estudos e pesquisas mais frequentes sobre essa relação.

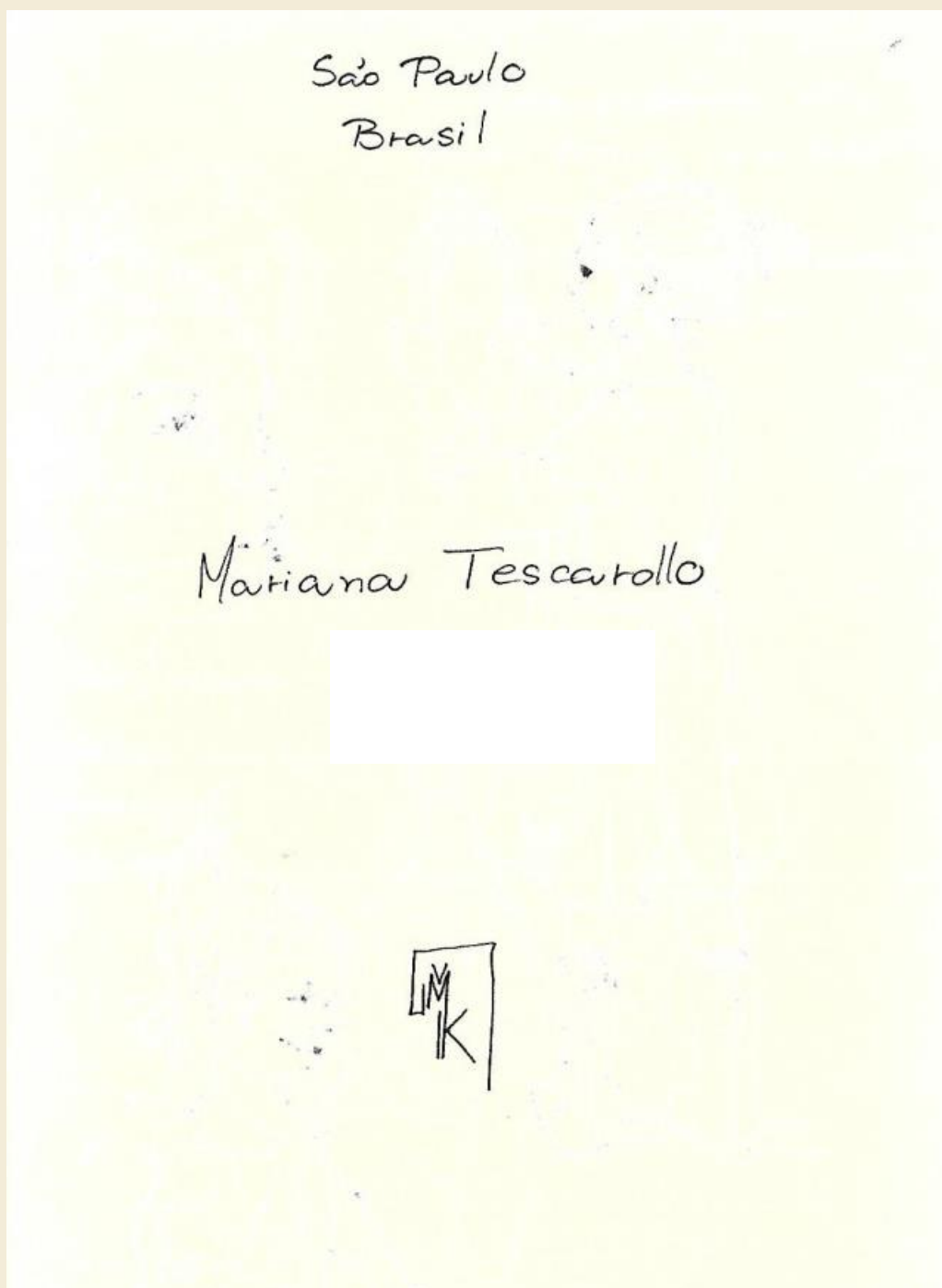
Dentre as pesquisas realizadas, podemos encontrar diversas nomeações para o objeto como: livro de artista, caderno de artista, livro-objeto, caderno de criação, livro-registro, diários, livro-obra, entre outras. A dificuldade da classificação desses objetos poéticos é bem-vinda nas palavras da artista visual e pesquisadora

brasileira Edith Derdyk (2013) quando expõe em seu livro *“Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas”* que essa dificuldade para a busca de contornos mais estáveis e permanentes para algo de natureza transitiva e móvel seja o maior mérito das pesquisadoras e pesquisadores que exploram esse campo. O livro de artista é transitivo, e é de sua natureza se reinventar e se reformular além das classificações. Por esse motivo, não ter uma definição estável da sua essência propicia um campo sempre fértil de experimentação, acontecimento e pesquisas poéticas.

A liberdade de proposição do caderno de artista possibilitou as diversas manifestações do conceito ao longo da pesquisa, como diário reflexivo autobiográfico, como condensado de produções plásticas realizadas ao longo da graduação e como proposta didático-poética realizada em um colégio particular com alunos de quinto ano. Todas essas se entrelaçam pela experiência e narrativa da autora desta pesquisa, expondo por meio dos cadernos, os diálogos íntimos e poéticos que marcaram o meu processo de formação como artista-professora-pesquisadora.

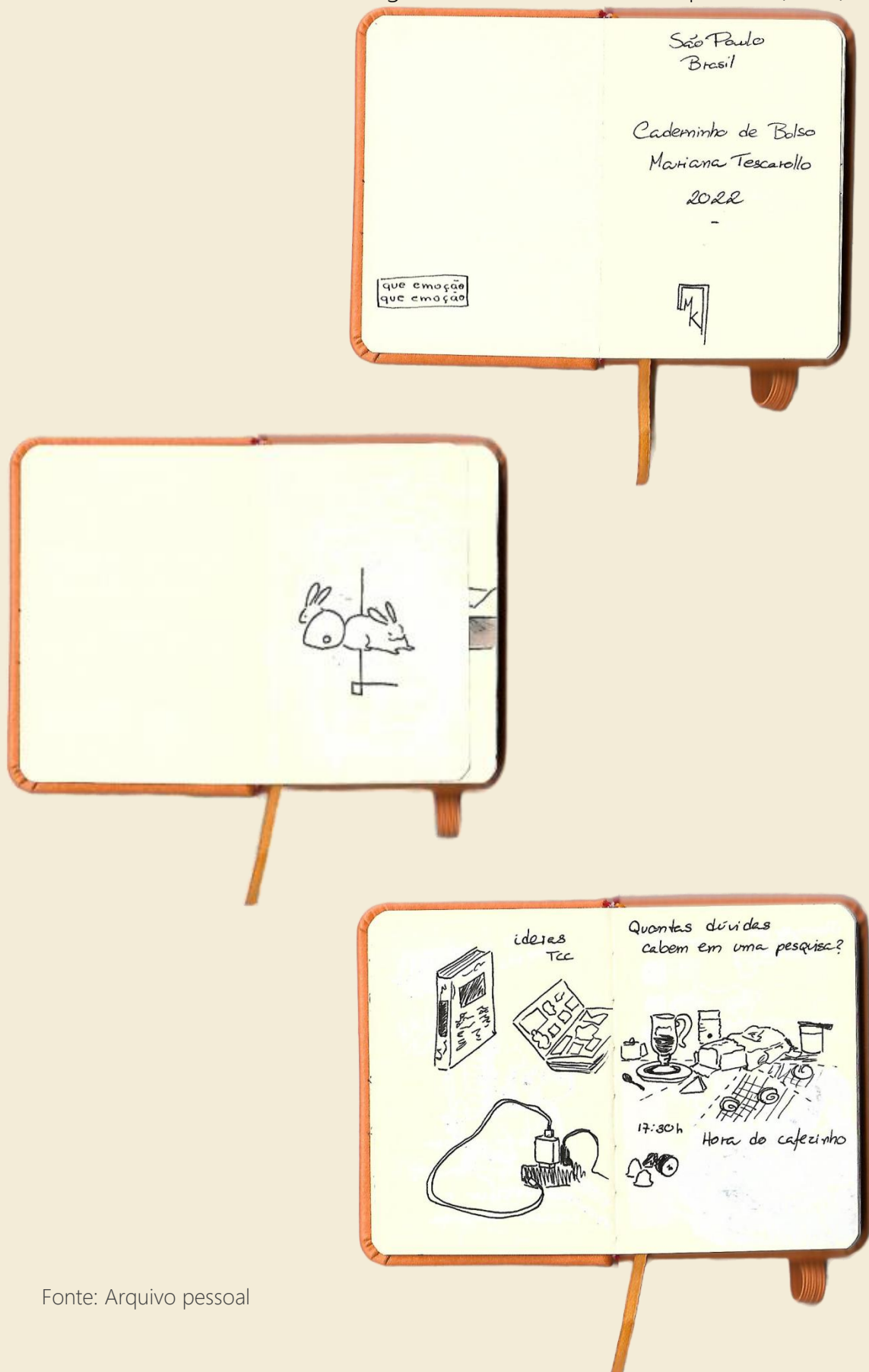
Caderno de Artista

Figura 27: Folha de rosto de caderno pessoal



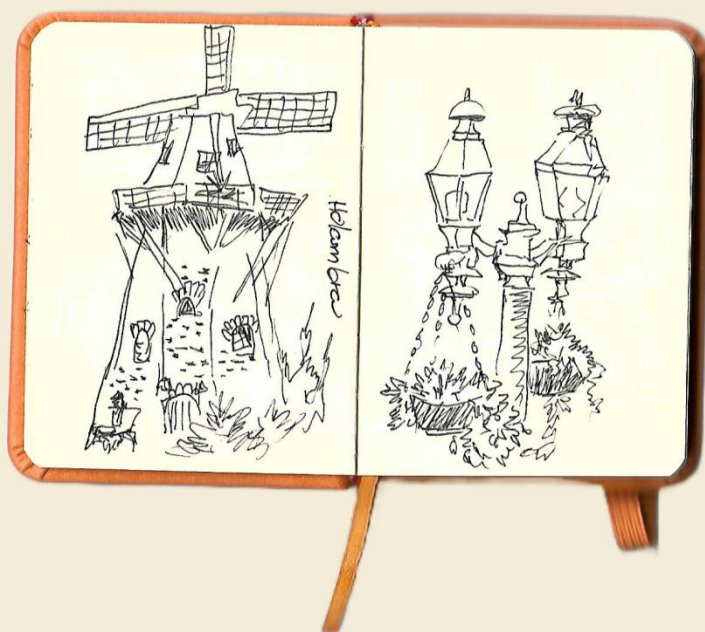
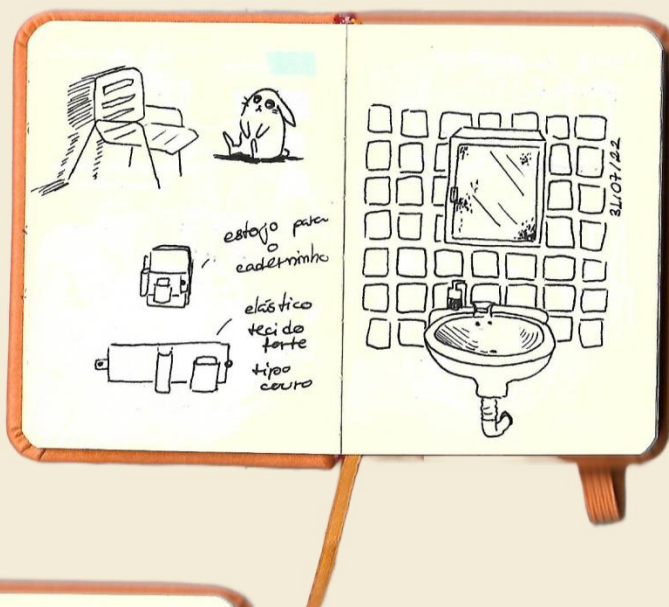
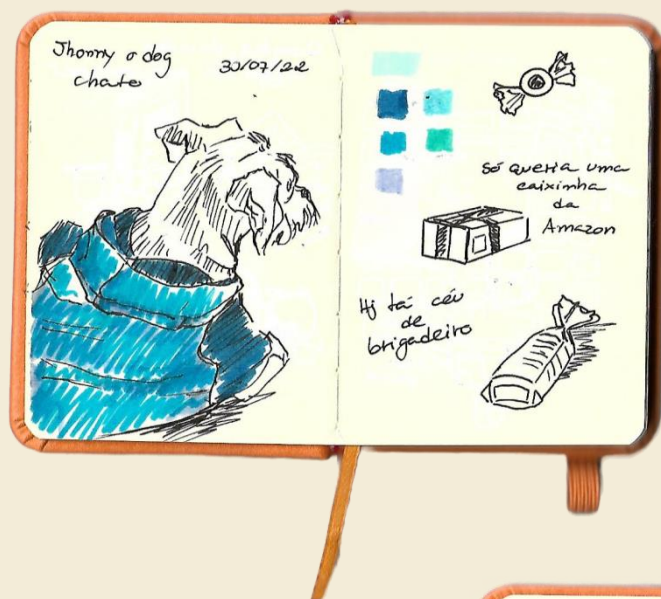
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 28: Caderno de Bolso pessoal (2022)



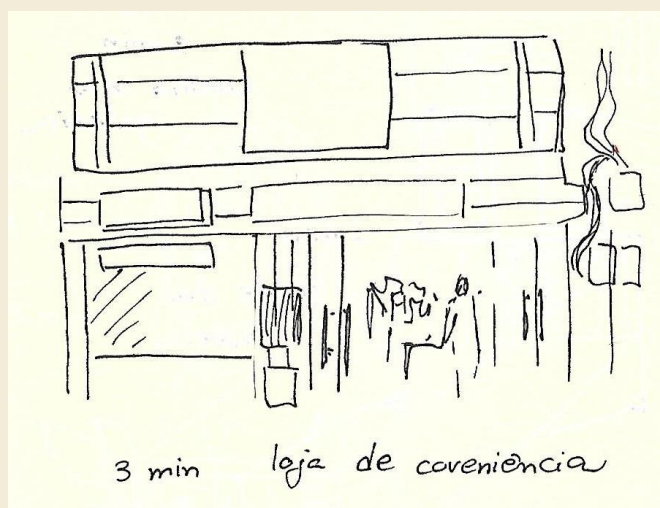
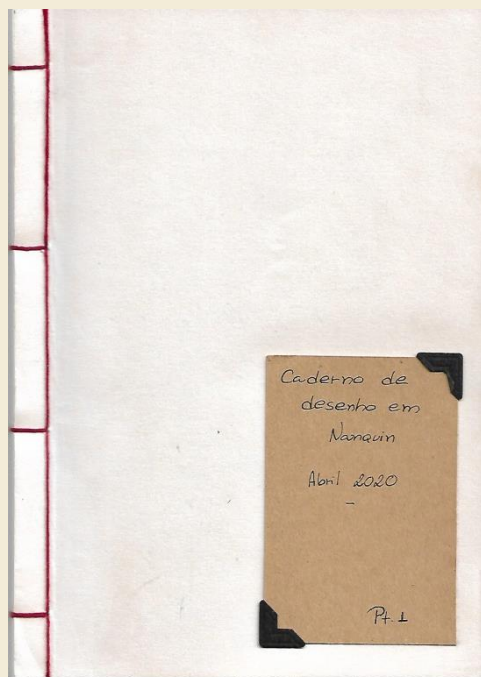
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 29: Caderno de Bolso pessoal (2022)



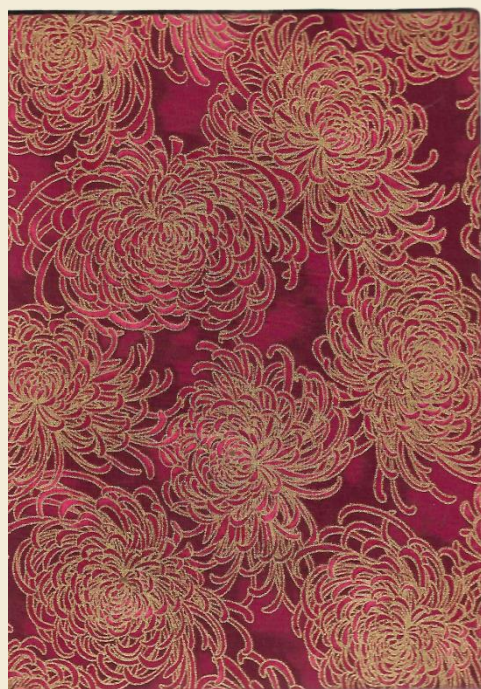
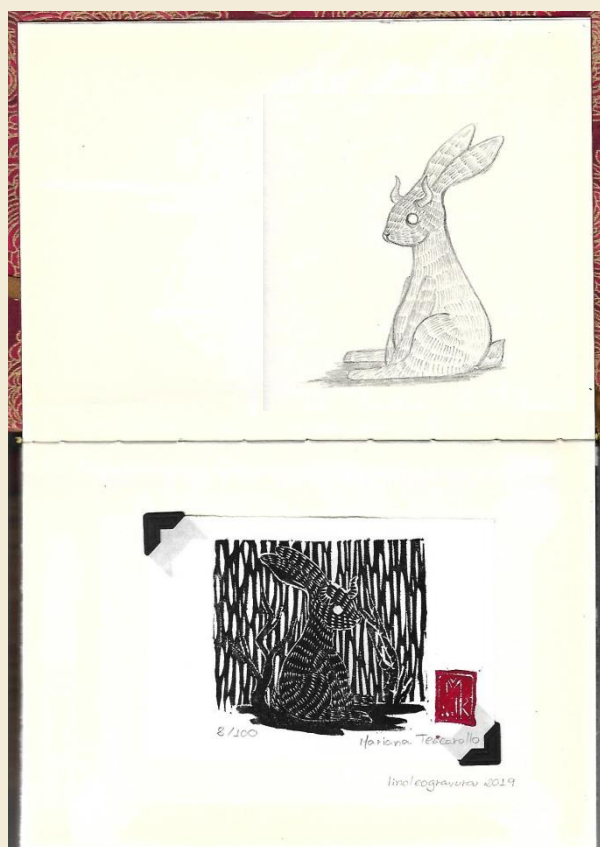
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 30: Caderno de desenhos em Nanquim (2020)



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 31: Caderno de gravuras (2019 – 2022)



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 32: Caderno de gravuras (2019 – 2022)



Fonte: Arquivo pessoal

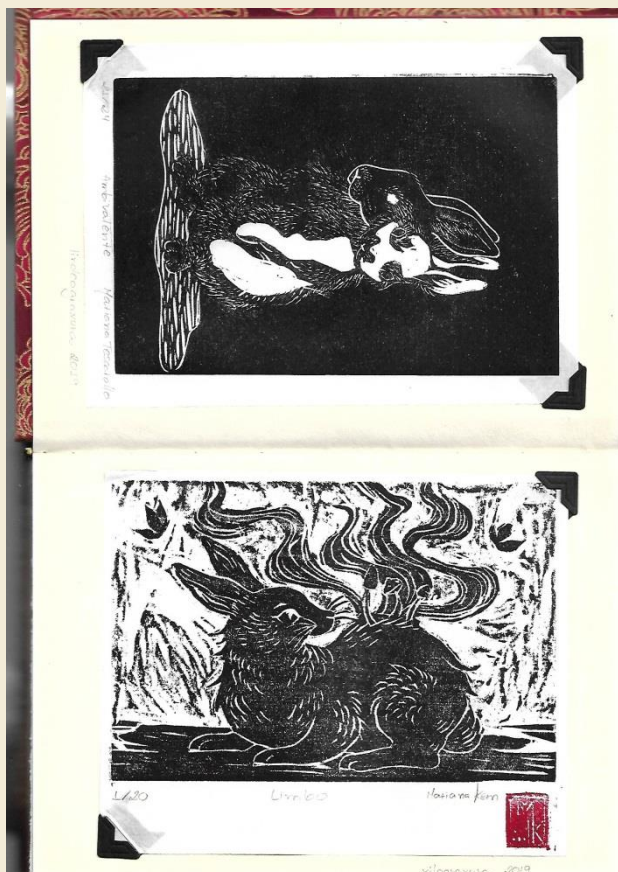
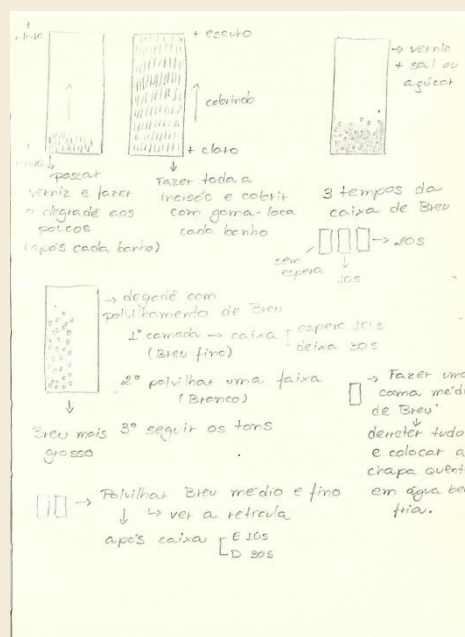


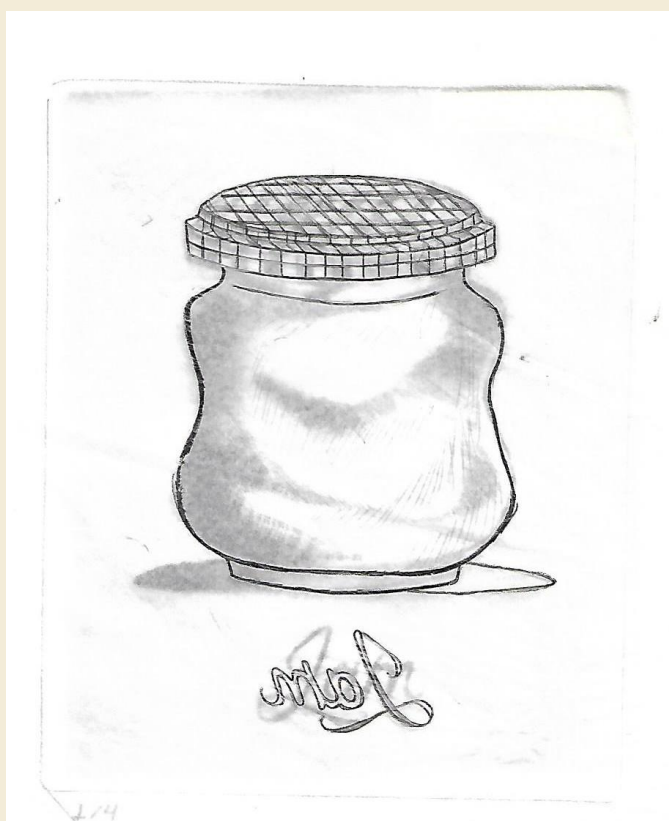
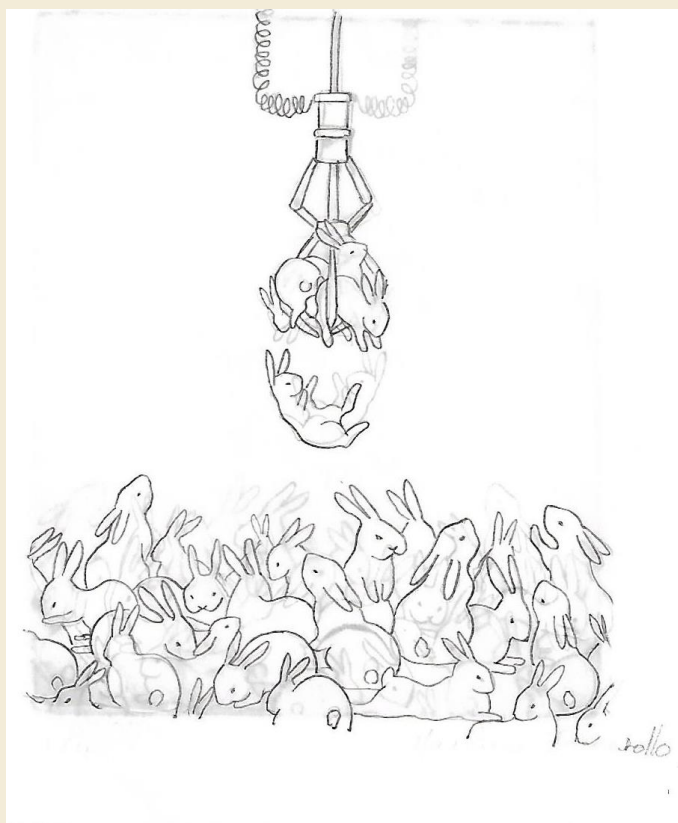
Figura 33: Caderno de gravuras (2019 – 2022)



Fonte: Arquivo pessoal

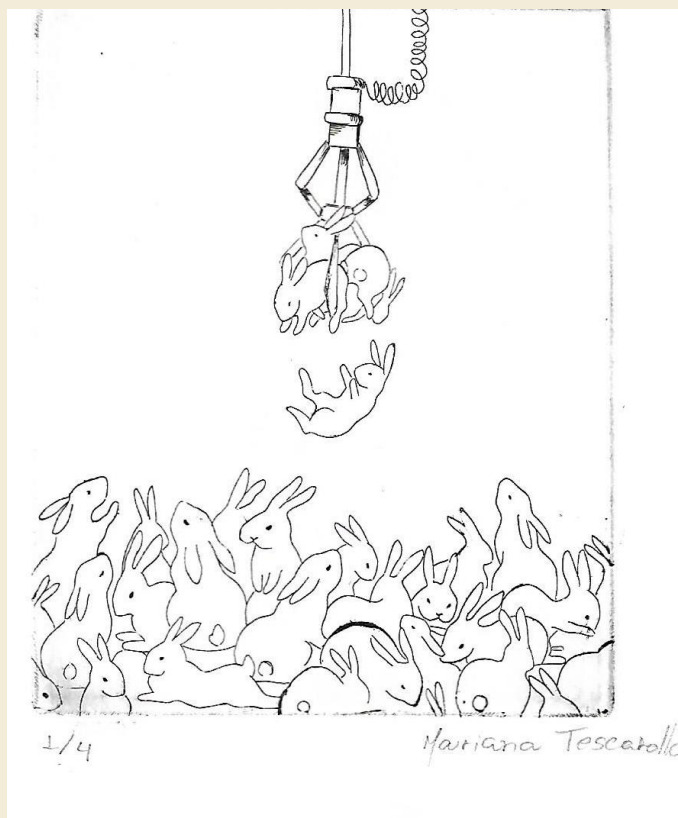


Figura 34: Folha translúcida de registro das gravuras (2019)



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 35: Gravuras em metal realizadas (2019)



Fonte: Arquivo pessoal

MATERIAL

CADERNO

PROPOSITOR

Convite

Já foi exposto neste trabalho a maneira como a vivência no estágio pedagógico em um colégio particular transformou meu olhar, minha linguagem e as minhas relações com as práticas artísticas. Devido ao caráter reflexivo dessa pesquisa, é natural que os estudos se pautem em experiências empíricas e em minha produção pessoal. Contudo, neste último momento proponho abrir a reflexão ao coletivo.

O trabalho que será apresentado neste capítulo é resultado de uma ação conjunta. Toda a sua estruturação e resultados só foram possíveis pela colaboração e envolvimento de todas aquelas pessoas que foram poeticamente afetadas por ele. Portanto, no percorrer deste capítulo substituo a linguagem, o tão presente sujeito singular, para acrescentar as novas vozes que se multiplicaram e reverberaram nos reflexos dos movimentos, expondo assim o *nosso* trabalho.

Sem mais delongas, convido então Glória Maria dos Santos, minha colega de curso e amiga - cujo amor e gratidão não podem ser expressos em palavras - para apresentar a *nostra* proposta didática.

Carta de uma Amiga

Dos termos em aberto e das perguntas em formação, surgiu o desejo de investigação que guiou a produção de um livro - didático, objeto, propositor, de artista - uma pesquisa dual e múltipla que continua se desenrolando.

Ao longo de encontros, cada folha se configurou para além da diagramação, em dobras de abrir, desdobrar, expandir e atravessar, ou muitas outras que complementam essa dança no contato, entre materiais, suportes, ideias e pessoas.

Agora, com um histórico de aplicação em uma sala de 5º ano, apresentação de processo para colegas da universidade e um pequeno formulário compartilhado com professoras que se conectaram com os movimentos propostos, ele segue como parte da pesquisa de conclusão de curso de uma de suas criadoras, minha amiga pela qual sou expressamente apaixonada, Mariana Tescarollo.

Assim, integra um processo de vivências e registros, coletados e organizados neste capítulo pensando em leituras sobre educação. Por isso, autorizo seu uso, que é intrinsecamente livre desde sua proposição.

São Paulo, 26 de julho de 2022, Glória Maria dos Santos
Co-idealizadora do *Livro dos Quatro Movimentos*

Proposta Didática: um passeio por objetos mediadores poéticos

A proposta didática que será aqui apresentada foi desenvolvida e realizada no ano de 2021, inicialmente como uma intervenção mediada pela disciplina de Didática Geral, ministrada pela professora Rita Luciana Berti Bredariolli. Com foco no conceito de didática e temas congruentes, recebemos na disciplina o desafio de elaborarmos uma oficina em arte educação. O tema do trabalho era de livre escolha e escolhemos trabalhar e investigar o conceito de material didático.

Ante a elaboração de nosso projeto, traçamos os objetivos para a construção da proposta de material didático investigativo, objeto que no nosso entendimento fosse experimentado pelos alunos e não apenas um suporte teórico nas aulas. Devido ao ambiente escolar vivenciado pela atuação no estágio pedagógico, estabelecemos um material com foco para as aulas de Artes dos alunos do Fundamental I, posteriormente direcionado ao 5º ano.

Para alcançarmos esse objetivo, contudo, precisávamos primeiro entender o que é ou se propõe a ser um material didático, principalmente no meio artístico. Perguntas relacionadas à destinação e uso dos materiais utilizados em escolas começaram a surgir em nossa pesquisa e, a fim de guiá-la de modo mais assertivo, dividimos em três questões fundamentais. Foram elas:

O que temos como material didático hoje?

O que um material didático se propõe a ser?

O que a gente pensa em propor como material didático?

Com propósito metodológico, iremos seguir nossa apresentação pelos mesmos questionamentos que guiaram a construção do material, não buscando, contudo, uma resposta, mas uma reflexão sobre suas possibilidades, além de expor as referências por nós utilizadas.

O que temos como material didático hoje?

Antes de abordarmos o cerne da pergunta, propomos uma introspecção e resgate das memórias construídas na infância. Ao longo da vida escolar socializamos e experimentamos diversos conhecimentos e afetividades que concebemos no processo. Talvez em suas memórias você se lembre de alguns colegas e professores com quem dividiu esses anos, de algumas aulas que saíram do convencional, da disposição das salas de aula que frequentou e, quem sabe, da carteira que costumava ocupar. Nesse ambiente que sua imaginação trabalhou em rememorar, pense e tente recordar como eram as aulas de Artes, onde aconteciam, como eram ministradas e quais atividades eram instruídas.

Foi resgatando essa memória afetiva que começamos a questionar o material de artes, quando ele existia, e como ele foi usado no nosso período escolar. Nos casos vivenciados e compartilhados conosco, os livros possuíam uma breve explicação e introdução do tema a ser trabalhado, seguido de páginas brancas marcadas por bordas onde as atividades deveriam ser realizadas. Quando presentes, essas margens indicavam o limite que o trabalho poderia alcançar e, frequentemente, o respeito a essa norma era atrelado ao seu valor avaliativo. Mas afinal, quais eram os objetivos e conhecimentos que esses materiais propunham?

Assim como o currículo básico seguido pelas escolas, sejam elas públicas ou privadas, os materiais didáticos são definidos e elaborados por instâncias superiores ao contexto escolar. Com objetivo de abrangência e padronização nacional, órgãos responsáveis tais como o MEC e as Secretarias de Educação, desenvolvem fora dos contextos escolares *como e o que* há de ser ensinado para os alunos. Essas decisões arbitrárias ante os meios educacionais são algumas das dificuldades que os profissionais da educação encontram em romper com barreiras e metodologias impostas, tornando necessário transformar o contexto escolar. Em consequência disso, podemos perceber, em nossas experiências e relatos compartilhados, um descontentamento entre professores, que não conseguem experimentar e inovar suas propostas, métodos e conteúdos; e alunos, que não são valorizados por seus conhecimentos prévios e avaliados por elementos que, em muitos casos, não fazem sentido para esses sujeitos.

Não excluimos aqui a importância de uma política nacional de educação, mas o modo como são aplicadas - e cobradas - desconsidera os contextos e saberes de seus alunos e professores. Como colocado pela professora e pesquisadora Clarissa Suzuki - que dedicou sua dissertação de mestrado a estudar e aplicar propostas artísticas que valorizassem o contexto e conhecimento dos seus estudantes - "definir o currículo antes de conhecer os estudantes e suas necessidades é uma forma autoritária de se posicionar frente a eles, é uma forma de desrespeitar as *leituras de mundo* existentes na escola." (SUZUKI, 2014, p. 27).

As exigências ao cumprimento das orientações curriculares estabelecidas pelo MEC por meio das LDBs (Lei de Diretrizes e Bases) e DCNs (Diretrizes Curriculares Nacionais) ficam evidentes na construção dos materiais didáticos e nas avaliações externas realizadas pelos governos. É importante ressaltar que no Artigo 3º da LDB,⁶ expressa-se a importância da valorização do professor e da experiência extra curricular dos alunos nos processos pedagógicos, mas sabemos, pela prática, que o modo como o conhecimento é articulado nas escolas e os baixos salários dos profissionais da educação, principalmente nas redes públicas, não são espaços férteis para que haja esse comprometimento expresso nas diretrizes.

A monopolização do discurso e o consequente desgaste físico e mental do profissional dificultam a liberdade e criatividade dos professores em sua prática docente que, por fim, após diversas tentativas frustradas, cedem às práticas e metodologias definidas e pensadas por outros. Temos consciência do papel consolidador de políticas e discursos que os materiais didáticos oferecem e, por esse motivo, dedicamos uma atenção e estudos cautelosos à sua construção e objetivos.

Por meio do Programa Nacional de Livros Didáticos (PNLD), criado em 1985, analisamos os materiais didáticos disponibilizados e aprovados pelo MEC segundo as normas vigentes da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), instaurada em 2018. Visitando e refletindo sobre os materiais destinados ao ensino de arte,

⁶ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm

Acesso em: 30 out. 2022

percebemos as interferências e exigências do poder público nas práticas pedagógicas dos professores, por meio de textos e instruções enfáticas sobre a forma como o educador deve seguir com a matéria e/ou atividade, ou seja, instruções práticas pensadas por educadores ausentes do contexto escolar, mas cientes de seus discursos. Embora tenhamos visto diversos materiais disponibilizados, focamos nossa pesquisa naqueles destinados às séries de 5º ano do Ensino Fundamental I, devido às nossas intenções propositivas do material em desenvolvimento com turmas de mesma série. Através do site *e-docente*⁷, analisamos o material didático *Ápis - arte*, realizado por Eliana Pougy e André Vilela em 2017, da editora Ática, e o material *Ligamundo - arte* elaborado por Rafael Presto, da editora Saraiva, e do mesmo ano do *Ápis*, ambos para as séries de 5º ano.

Com essa política de uso de apostilas com propostas pedagógicas pré-definidas propõe-se aulas organizadas, textos selecionados, exercícios criados por outros, não envolvidos no dia a dia da escola [...] temos um exemplo claro da interferência direta no trabalho de construção pedagógica do educador. (SUZUKI, 2014, p. 28)

Desvinculando do professor a elaboração de conteúdos, de propostas e de aulas temos a desvalorização do educador como intelectual e crítico de sua prática e, portanto, do seu processo reflexivo. Suzuki expõe que “ao introduzirem esses

⁷ Disponível em:

https://www.edocente.com.br/?gclid=CjwKCAjwh4ObBhAzEiwAHzZYU0fOxTtkpHiJfw-FKm8ZMGcuE8glTW-aCKUKMX2fZGt4QNusdUTaNxoCNsYQAvD_BwE.

Acesso em: 01 nov. 2022.

materiais estão delegando para outros profissionais a reflexão e organização do trabalho docente, o que exclui o exercício prático-reflexivo que alimenta o processo de criação pedagógica.” (2014, p. 30).

Seguindo a pesquisa, fomos buscar outros tipos de materiais - além dos livros didáticos disponibilizados pela PNLD - que ampliassem nosso repertório sobre as produções educativas presentes no contexto artístico. Concomitante com o início da nossa investigação no ano de 2021, acontecia a 34ª Bienal de São Paulo, *Faz escuro, mas eu canto*, que visitamos e recebemos o material educativo realizado pela fundação. Folheando o material em nossas mãos e estudando-o, decidimos por revisitar as produções anteriores disponibilizadas no site da Bienal. Embora também sejam materiais pensados por outros e distante dos contextos escolares, as propostas mais abertas e poéticas que, em nossa visão, possibilitam uma maior autonomia da professora ou do professor, serviram como guia para a elaboração do nosso material.

Além da maior liberdade de aplicação, percebemos nos materiais educativos da Bienal uma maior horizontalidade nas propostas pedagógicas e um diferencial no modo como suas apresentações e diagramações foram pensados poeticamente, lembrando-nos de estruturas de livros de artista. Dentre as produções enfatizamos nosso estudo nas publicações da 32ª, 33ª e 34ª Bienal dos anos de, respectivamente, 2016, 2018 e 2021.

Figura 36: Capa do Material Educativo da 32ª Bienal de São Paulo
Incerteza Viva, 2016



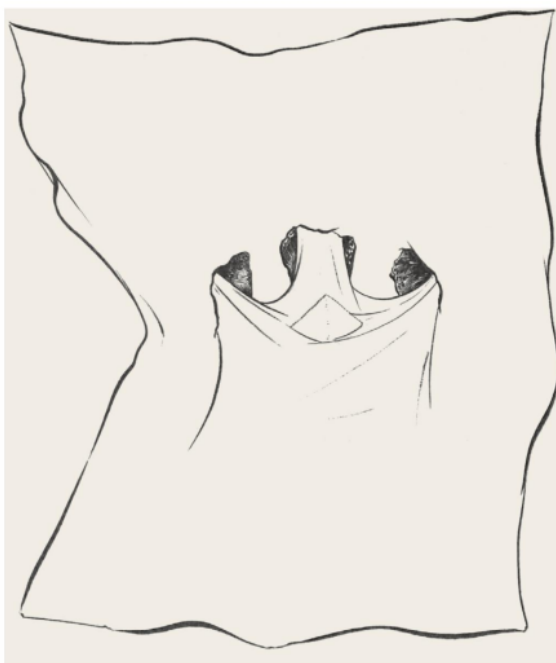
Fonte: Site de publicações da Bienal.⁸

⁸ <http://bienal.org.br/publicacoes>

Acesso em: 28 out. 2022

Figura 37: Imagem do poema de Yaxkin Melchy, 2016, retirada do Catálogo de Estudos da 32ª Bienal de São Paulo

Minhas palavras são como o som forte
como o som dos murmúrios
como a voz tua, e a de todos
incluídos os insetos
e que momentaneamente se cristaliza
alguns veem este cristal da voz
como um palácio, ou como uma árvore
ou como uma falésia transparente
ou talvez como uma estrela
na gráfica de um telescópio
hoje a vejo como uma flor
feita de montanhas e rios
nasceu aqui, eu a sinto em cada respiro
eu a adoro, com pequenos rituais
de plástico e de cinza
de barro e vidro
com as cores do meu sonho
os olhos, as orelhas e os dedos
por exemplo:
as amarelas acácias



Fonte: Site de publicações da Bienal.

Figura 38: Capa de um dos cadernos que compõe o Material Educativo – *convite à atenção* da 33ª Bienal de São Paulo, 2018



Fonte: <http://bienal.org.br/publicacoes>

Figura 39: Elemento que compõe o caderno 1 do Material Educativo – *convite à atenção* da 33ª Bienal de São Paulo, 2018

encontrar uma obra

**Até o encontro, há um caminho
a ser percorrido.**

**Nele, há espaço para aquilo de
que você não gosta?**

*“É que Narciso acha feio o que não é
espelho...”*

Caetano Veloso

Figura 40: Elemento que compõe o caderno 1 do Material Educativo – *convite à atenção* da 33ª Bienal de São Paulo, 2018

encontrar uma obra

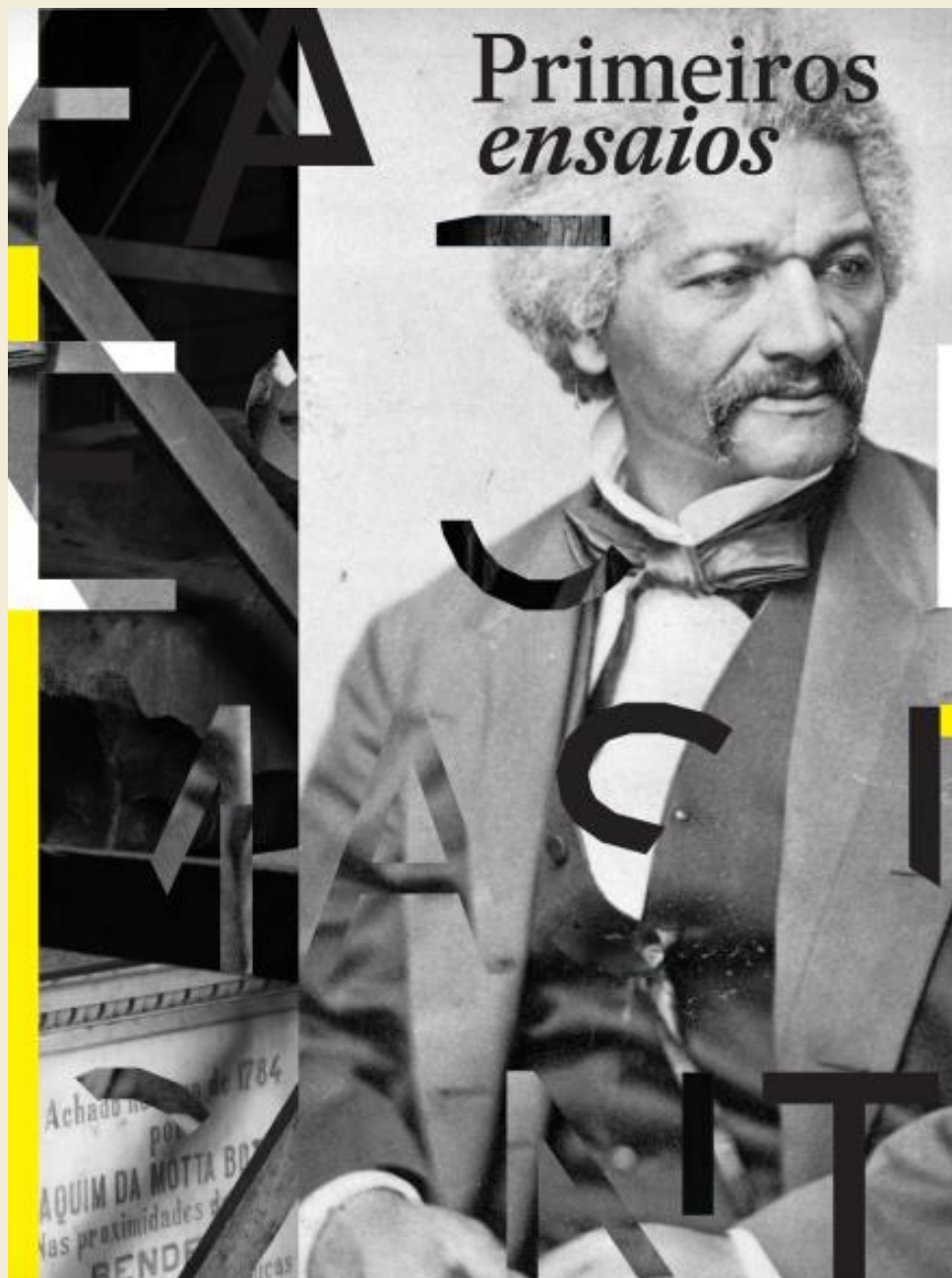
**Até o encontro, há um caminho
a ser percorrido.**

**Observar seus passos,
suas escolhas,
o que está à sua volta.**

**Se desejar, pedir a alguém que
lhe indique uma obra.**

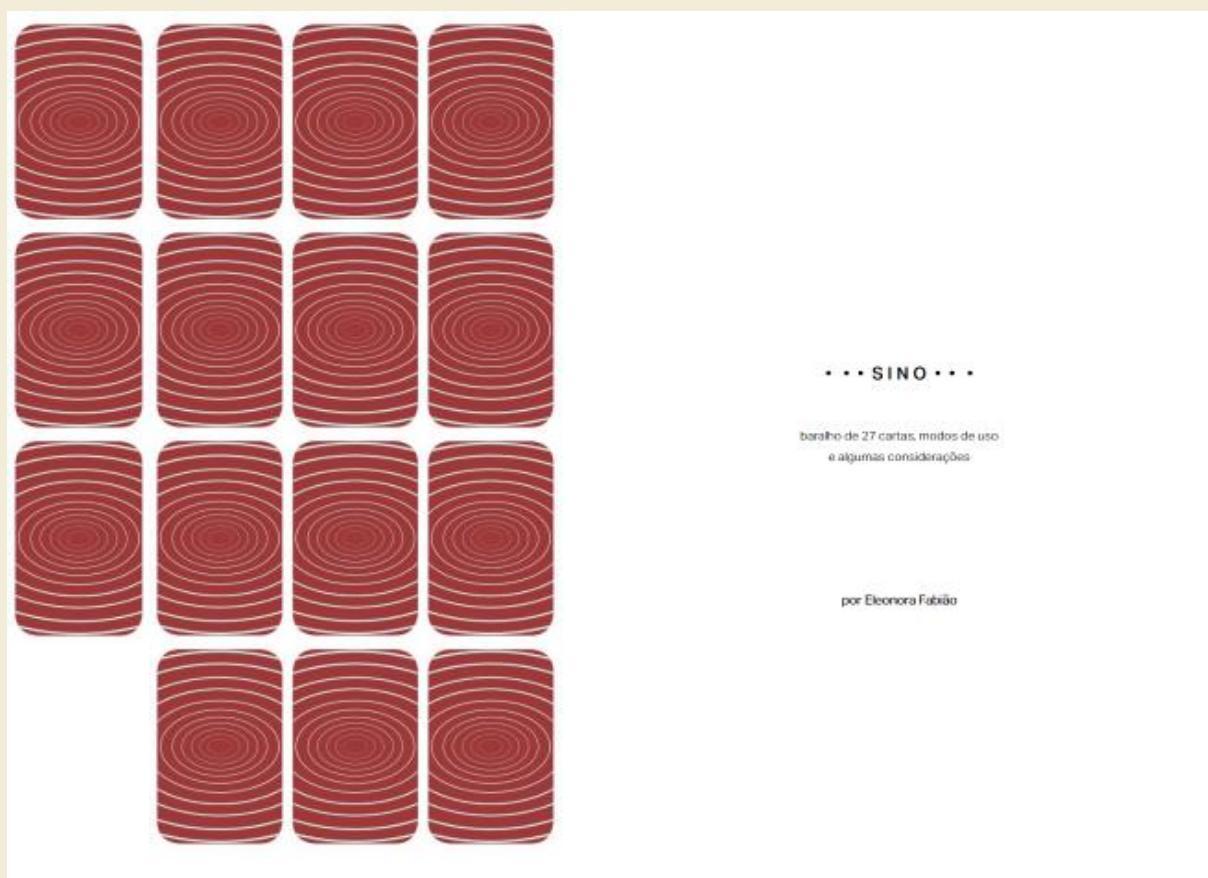
Fonte: <http://bienal.org.br/publicacoes>

Figura 41: Capa do Material Educativo da 34ª Bienal de São Paulo
Faz escuro, mas eu canto, 2021



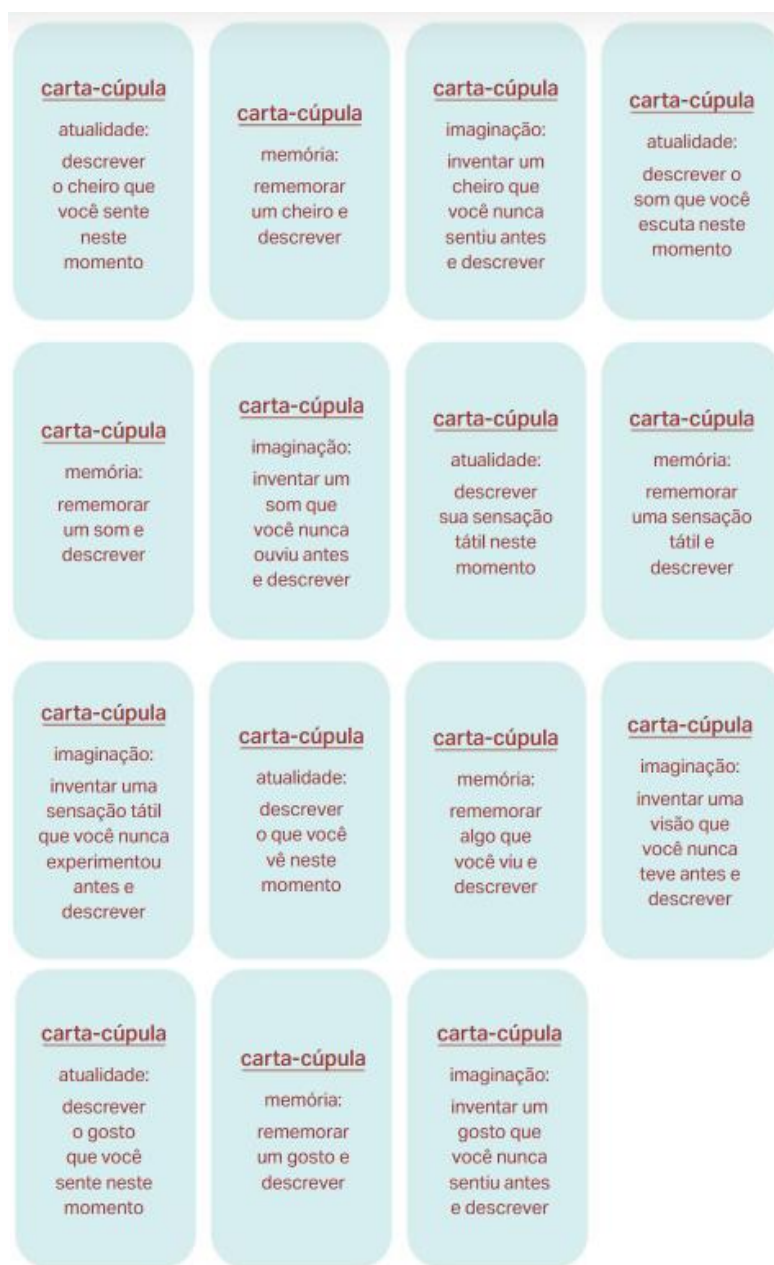
Fonte: <http://bienal.org.br/publicacoes>

Figura 42: Atividade / Jogo que compõe a publicação do Material Educativo da 33^o Bienal



Fonte: <http://bienal.org.br/publicacoes>

Figura 43: Atividade / Jogo que compõe a publicação do Material Educativo da 33° Bienal



Fonte: <http://bienal.org.br/publicacoes>

Visualizando outras possibilidades de construção de um material didático, buscamos nas pesquisas e estudos já realizados sobre o tema, uma maior compreensão da sua abrangência transgressora, encontrando nas palavras de Aran uma ideia generalizada de sua finalidade:

Os materiais didáticos, em geral, cumprem a função básica e essencial de mediação no processo de ensino e aprendizagem, constituem-se em meio e instrumento através do qual o conhecimento é organizado, estruturado e apresentado pelo professor ao aluno. Esta função geral [...] se desmembra em diversas funções específicas: inovadora, motivadora, estruturadora da realidade que é apresentada, configuradora da relação do aluno com o conteúdo, controladora dos conteúdos a ensinar, solicitadora de ação, comunicativa, formativa ou estritamente didática [...].
(PARCERISA ARAN, 1999 apud TROJAN e RODRÍGUEZ, 2008, p.55)

O material didático pode, portanto, mediar essas relações de diversas formas. Segundo a pesquisadora Andrea Hofstaetter (2015), a maneira mais assertiva de entender o material didático é compreender a sua alusão à função de mediação e de organizar conhecimentos, bem como ao caráter desejado de instrumento de comunicação e provocador de ações por parte do aprendiz. Dessa forma, entendemos que, independentemente do suporte em que o material didático atuar, seu principal objetivo há de ser a mediação.

O que um material didático se propõe a ser?

Todas as relações, sejam elas entre grupos, sociedades, indivíduos ou objetos, pressupõe uma mediação. Em seu sentido linguístico, mediação significa intervir, facilitar, guiar e amenizar conflitos. Ela pode ocorrer por meio da linguagem, quando conversamos com um grupo de pessoas através de uma língua em comum; por meio dos sentidos, quando olhamos, escutamos e tocamos um objeto; mas também através de objetos, como ferramentas e instrumentos utilizados no dia a dia. Assim, o material didático exerce um papel de mediador nas relações de ensino e aprendizagem dos quais se integra, sendo utilizado para reunir e propagar os conteúdos e interesses defendidos por aqueles que o constroem. Mas o material didático não é o único instrumento atuante nos ambientes educacionais, compartilhando espaço com o lápis, a caneta, a lousa, o caderno e assim por diante. Então, sendo a mediação a natureza do objeto, o que torna o processo mediador mais cuidadoso quando realizado pelo material didático?

Embora diversos materiais componham o meio educacional e sejam responsáveis por mediar inúmeras relações das experiências escolares, o material didático, diferente do lápis e da caneta do aluno, é parcial em sua atuação. Ao mediar a relação conteúdo – aluno, promove o discurso político de conhecimentos e valores defendidos por aqueles que elaboraram o material. Como enuncia Paulo

Freire (2014), a educação é um ato político e o material didático não transcende essa relação. O objeto didático, portanto, se propõe como mediador parcial que, por meio de sua construção e abordagem temática, irá problematizar as ideias e concepções daqueles que o desenvolveram.

Entre os discursos promovidos pela construção curricular temos a valorização do ser racional e a manutenção das estruturas e modelos escolares de origens autoritárias. Os sistemas avaliativos, a disposição das mesas e cadeiras nas salas de aula e o posicionamento hierárquico do professor, são heranças dessa concepção que se propagam até hoje. Nesse ideal de controle e dissociação do corpo e mente, a escola aprisiona e perde a energia criativa e construtiva da criança expressa pelo corpo, anestesiando seus sentidos e sua natureza investigativa.

Priorizando o “animal racional” a escola deixa de lado toda a riqueza do ser humano, A aprendizagem é repetitiva e o conhecimento é avalizado pela memória mecânica. A escola esquece desse ser simbólico e da aprendizagem significativa que é mediadora da construção do conhecimento e da memória formada por recordações, num processo criativo e construtivo, onde os fatos são organizados, sintetizados, reunidos num foco de pensamento. Priorizando o “animal racional” a escola deixa de lado os sentimentos, os sentidos e a imaginação, e com elas a Arte como forma de construção de conhecimento. (MARTINS, M., 1992, p. 10)

Figura 44: Tira de quadrinho de *Calvin e Haroldo*



Fonte: Retirado da internet.⁹

A fala de Calvin na tirinha representa, além da dissociação entre as naturezas humanas sensíveis e inteligíveis, as concepções autoritárias de controle nas estruturas escolares. Elaborando sobre as interpretações isoladas entre a razão e os sentimentos humanos, a pesquisadora Mirian Celeste Martins (2008, p.35) ressalta que “a crença na dualidade mente e corpo, razão e sentimento, presente na tradição do pensamento ocidental encorajou um desprezo pelo corpo na escola”. Essa anestesia provocada pelo desprezo e medo das manifestações sensíveis da criança dificulta a exploração de suas potencialidades naturais e criativas nas práticas formativas e educativas das escolas.

Neste ponto, a mediação realizada no meio artístico, sejam elas nas salas de aula, nos museus, em instituições culturais e/ou através dos materiais didáticos, podem fomentar a percepção sensorial em falta no sistema de ensino. A importância desse trabalho sensível no meio artístico e nas práticas pedagógicas é

⁹ Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/page/view.php?id=3121520&lang=de>
Acesso em 28 out. 2022.

amenizar a perda das crianças com o aprisionamento do corpo, proporcionando o que Mirian Celeste (2008) entende por *nutrição estética*. Para a autora, por meio de elementos e objetos culturais, tais como as obras de arte, os educadores, sejam eles do ensino formal ou não, possuem os artifícios para promover o abastecimento dos sentidos anestesiados pelo sistema escolar.

Para os arte-educadores surge o desafio de fomentar e provocar seus alunos a perceber o mundo além das práticas comuns, ensiná-los a *saber-perceber*.¹⁰ Treinar o olhar estético, o olhar atento e os modos de observar e interagir com o mundo além dos olhos; instigar a escuta e a ambientação sonora como forma de relação com o mundo; trabalhar com as sensações táteis provocadas pelas inúmeras texturas existentes. Todas essas são formas de estesiari e educar as crianças, instigando-os a utilizar seu corpo e sentidos para aprender e compreender o ambiente que habita. É importante nesse processo que o tempo de percepção de cada um seja respeitado para que o processo seja significativo para a criança.

As colocações de Mirian Celeste sobre a sensibilização das crianças no meio escolar nos faz refletir sobre sua importância, diversas vezes ignorada, do olhar cuidadoso com aqueles que compartilhamos experiências de vida, pessoais ou profissionais, nas necessidades e atenções físicas e psicológicas de cada um. É preciso sair desse estado anestesiado da rotina para sentirmos o mundo e, essas

¹⁰ Termo utilizado por Mirian Celeste Martins no livro *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura*, 2008.

investigações sensíveis, podem se tornar um caminho para o deslocamento tão necessário do nosso foco.

O processo de mediação artística, portanto, não deve esgotar a obra das percepções dos alunos. Ensinar a perceber é um trabalho semeado, de contínua reflexão e nutrição. Entregar elementos e objetos resolvidos não servirá de adubo para esse processo. Mirian ressalta as possibilidades interpretativas da obra de arte que, como elemento de comunicação, exerce sua própria mediação com o público. Portanto, “cabe também ao mediador deixar espaço para que este primeiro encontro seja vivido, no silêncio dos códigos da própria linguagem. Respeitar este tempo é respeitar a obra de arte (MARTINS, M. 2008, p.28).

Experimentando e sentindo a obra, a criança vivencia ruídos internos essenciais para sua estesia. Pela obra ela desenvolve apatia ou empatia, interesse, desgosto ou neutralidade, mas estabelece uma relação que a permitirá compreender mais de si, como o porquê gosta ou desgosta da obra, as cores que a atraem e os medos e traumas que podem ser revividos por esse contato. A mediação, aquela realizada por educadores e pelo material didático, consciente das suas potencialidades, pode ponderar as relações estabelecidas no primeiro contato e trabalhar sobre ela com intenção educativa. Na maior parte da realidade brasileira, o primeiro e, às vezes, o único contato que os alunos terão com uma obra estudada é mediado pelos materiais didáticos utilizados por professoras e professores em aula, principalmente quando abordado produções norte centradas. O professor deve atentar-se a essa realidade quando expor para seus alunos as

obras através de reproduções físicas ou digitais das mesmas. O mesmo zelo deve comprometer aqueles que constroem e refletem o material didático, buscando a estesia do processo, a qualidade da reprodução das imagens, dimensões, texturas e ruídos para que o aluno a interprete de sua maneira, evitando assim descrições muito limitantes e conclusivas das obras.

Para os materiais didáticos voltados ao ensino de artes, é interessante que os mesmos explorem outros formatos e metodologias daqueles aplicados nas publicações destinadas a outras matérias. Essa transgressão pode ser muito benéfica nas relações sensoriais que a criança irá desenvolver, não apenas com a obra, mas com o próprio material. Em nosso entendimento, o material didático de artes deve causar, assim como a obra de arte, sentimentos dúbios como curiosidade e estranheza, dúvida e incerteza; e desvencilhar-se da dicotomia do certo ou errado fomentado pelas metodologias educacionais utilizadas na maioria das escolas. O aprendizado pelo lúdico, pelo jogo e pela imaginação são grandes aliados para a estesia das crianças nas atividades artísticas. Segundo o pedagogo Liev Vigotsky, “no jogo, na mentira ou nas histórias, a criança encontra uma fonte inesgotável de vivências e, dessa forma, a fantasia abre novas portas para que nossas necessidades e aspirações adquiram vida.” (VIGOTSKI, 2003, p. 115).

A mediação feita pelo material didático pode ser tanto proveitosa quanto problemática para a formação do aluno, a depender de como é feita e de quais discursos se apropria. Por esse motivo, o educador deve atentar-se criticamente ao material que lhe é entregue e, quando possível, promover outras possibilidades e

aplicações para as aulas, mas sempre comprometido com o processo mediador de aprendizagem dos mesmos.

O processo de mediação há de ser provocativo, instigante ao pensar e ao sentir, à percepção e a imaginação. Um ato capaz de abrir diálogos, também internos, ampliados pela socialização dos saberes e das perspectivas pessoais de cada fruidor. (MARTINS, M., 2008, p. 33)

O que a gente pensa em propor como material didático?

Ciente da parcialidade presente nos materiais didáticos, das necessidades educacionais de sensibilização, da atenção de uma mediação cuidadosa capaz de nutrir e fomentar o aprendizado estético e sensorial de seus interlocutores e do compromisso do educador em artes de instigar a criatividade imaginativa de seus alunos, o leitor deve imaginar a complexidade e zelo que os educadores que por este caminho percorrem devem atentar. Como visto em páginas anteriores, os livros didáticos disponibilizados no site do PNLD (Plano Nacional do Livro Didático) são construídos a partir de uma abordagem metodológica que, em alguns casos, subestima os conhecimentos prévios adquiridos pelos estudantes e professores. Para nós é importante que, mesmo utilizando-se desses materiais didáticos, as professoras e professores tenham liberdade para trabalhar com os mesmos de modo condizente com o contexto da sua escola e dos seus alunos. Nisso, entendemos que o material didático de artes pode explorar sua materialidade e as ações dos alunos sobre ele ou o espaço, valorizando seu processo e sua experiência. Embora recentes, as pesquisas em torno do material didático artístico problematizam a utilização de materiais tais como disponibilizados pelo PNLD e exploram as diversas possibilidades sensíveis e subjetividades na construção de um

material artístico. Esses estudos levantaram a necessidade de qualificação e classificação dos materiais propositivos que surgiam.

Foi utilizando dos pensamentos, propostas e conceitos desenvolvidos pela artista Lygia Clark que Mirian Celeste elaborou o conceito de *objetos propositores* para práticas pedagógicas artísticas. Ambas as propostas mediadoras que serão apresentadas, *objetos de aprendizagem poéticos* e *objetos propositores*, ressaltam a importância do trabalho poético e experimental no ensino de artes e o uso de instrumentos disparadores nessa relação. Utilizados para a ação pedagógica, esses objetos atuam também como materiais didáticos não restringindo-os, porém, ao suporte do livro.

[...] os materiais didáticos entendidos como objetos propositores, podem ser pensados também como poéticos. E ganham a dimensão de dispositivos sensíveis, disparadores de experiências e compartilhamentos que geram sentido e produção de conhecimentos. (HOFSTAETTER, 2019, p. 5)

Em sua pesquisa, Fernández discorre sobre o uso recorrente do que intitulou *objetos de aprendizagem* (OA), em todo o sistema de ensino, desde a educação infantil até os cursos de ensino superior. Para a autora (FERNÁNDEZ, 2016, p. 247), os OA “são objetos especialmente produzidos para aprender algo” , geralmente atrelados ao planejamento escolar, auxiliando a organizar e modular o aprendizado. Seriam esses, como cita em seu trabalho, softwares,

aplicativos, jogos ou apresentações que o educador utiliza na sua prática pedagógica.

Os OA, embora muito utilizados no contexto educacional como um todo, não possuem todos os artifícios necessários para instigar o aprendizado sensível-poético necessário para o ensino de artes. Ciente da questão, a autora discorre sobre as adaptações desses instrumentos para o meio artístico que, utilizando e associando-se da imaginação em seus processos, atinge uma dimensão mais abrangente do que os OA e os qualifica como *objeto de aprendizagem poético* (OAP).

Essas “[...] aberturas à imaginação, à subjetivação, à singularização e à diferenciação são muito particulares das formas de operar dos eventos artísticos.” (FERNÁNDEZ, 2016, p. 275) e são nessas flexibilizações que o OAP se propõe.

Os OAP são, portanto, objetos especialmente pensados para reinventar e reconstruir conhecimento que continua a se transformar. Isso significa provocar novas formas de pensar e se relacionar com os conhecimentos. Assim, pensar na construção de um OAP já é, em si mesmo, um ato poético que exige pensar nas dimensões em que acontece a experiência estética e pedagógica. (FERNÁNDEZ, 2015, p. 3489).

Pensar e elaborar um material didático poético é, portanto, uma ação poética e artística do educador que, por meio deste, reafirma seu comprometimento com o seu processo criativo, sua reflexão e o processo de seus alunos.

Outro conceito foi elaborado pela pesquisadora Mirian Celeste Martins, que dialoga em seus estudos com a ideia de materiais abertos para propostas artísticas nomeando-os de *objetos propositores* (OP). Os OP propostos pela autora foram inspirados em experiências desenvolvidas pela artista brasileira Lygia Clark (1920 – 1988) e, por isso, enfatizam o aprendizado por meio de experiências sensíveis momentâneas desenvolvidas em conjunto com um grupo de participantes.

O abandono do acontecimento e autoria individual da obra ou objeto em prol do seu evento coletivo foi a proposta que a artista Lygia Clark trabalhou nos anos de 1960 e 1970 quando se desentitulou artista para se nomear propositora de suas obras. Em sua pesquisa, Andrea Hofstaetter aponta a mudança do diálogo da artista e como esta veio a influenciar nas pesquisas em arte educação.

Suas obras, em determinado momento, passaram a ser convites à participação, manipulação ou atuação das pessoas, abrindo novas perspectivas para o trabalho artístico e seus significados no contato com o público. A partir de determinado momento, a artista passou a se declarar como propositora e produtora de objetos propositores. [...] É significativo pensar nessa reversão e na inclusão do público na função autoral, tendo como foco a produção de objetos propositivos na educação. (HOFSTAETTER, 2021, p. 777).

Lygia Clark foi artista plástica e propositora, como ela própria se intitulou, dialogando com movimentos artísticos como o neoconcretismo brasileiro e a arte conceitual, relacional e participativa do século XX. Os constantes questionamentos e provocações artísticas do movimento da arte conceitual ante os paradigmas e

cânones da prática contemplativa da arte, culminaram para sua sensibilização que caracterizaria os primeiros passos para uma intitulação da arte contemporânea. O abandono dos suportes artísticos tradicionais, fomentado pelo movimento, trouxe espaço para propostas de maior participação do espectador. “O espectador na arte contemporânea oscila entre o papel de consumidor passivo e de testemunha, associado, cliente, convidado, co-produtor e protagonista.” (BOURRIAUD, 2009 *apud* MAGALHÃES & AZEVEDO, 2021, p.5).

Nesse contexto experimental, Lygia Clark abdica de sua posição como artista provedora de elementos materiais expositivos e comerciáveis, para entender-se como propositora de eventos poéticos, que para autora, nasce de uma relação. A poética é oriunda, então, da experiência e a artista é aquela que media, por meio da sua obra propositiva, as sensações originadas da ação. “Já nada invento só: as invenções nascem a dois, a três, numa troca comum de diálogo, sendo isso que mais colado à vida consegui propor. Divido a proposição e aceito a invenção do outro.” (CLARK, 2006 *apud* MAGALHÃES & AZEVEDO, 2021, p.6).

Ao desenvolver suas obras propositoras, tais como *Caminhando* (1963), *Nostalgia do Corpo* (1966) e *Estruturação do Self* (1976); Lygia Clark introduziu os conceitos de *o estado singular da arte sem arte* e *propositor* em seu vocabulário. Em um dos trabalhos da autora escritos em 1965, Lygia utilizou a ideia de *o estado singular da arte sem arte* como referência para a transferência do estado criativo da obra para seu espectador. Segundo as autoras Magalhães e Azevedo (2021), a formulação de Lygia Clark ressalta a não obrigatoriedade em se criar um objeto

expositivo para que ocorra a experiência artística. O *estado singular da arte sem arte* seria então, para as pesquisadoras, um processo anterior à expressão material. Clark acreditava que o espectador, ao deparar-se com uma obra de arte material finalizada, deixava de vivenciar a experiência artística primordial que o processo criativo proporciona.

Para que o público, então, experimentasse e vivenciasse a obra por seu processo criativo e poético, as proposições foram criadas, e a palavra evidenciada nos manifestos feitos pela artista. Como exemplo, ressaltamos um trecho do manifesto redigido pela artista em 1968, disponível no site da Associação Cultural Lygia Clark.¹¹

[...]

Nós somos os propositores: nossa proposição é o diálogo.

Sós, não existimos. Estamos à sua mercê.

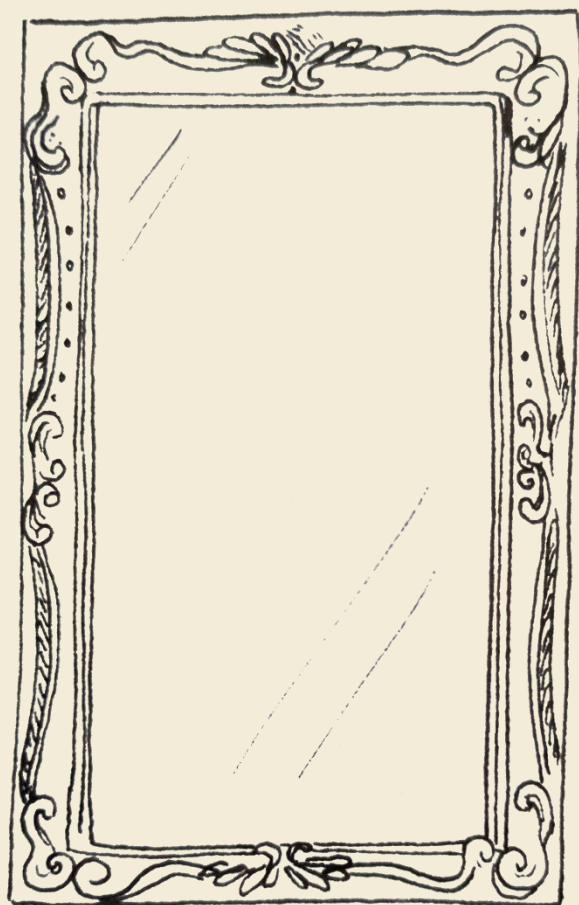
Nós somos os propositores: enterramos a obra de arte como tal e chamamos você para que o pensamento viva através de sua ação.

Nós somos os propositores: não lhe propomos nem o passado nem o futuro, mas o agora. (CLARK, 1968).

Nutrindo-nos das pesquisas e ideias difundidas pelas proposições de Lygia Clark e das pesquisadoras, e cientes do evento parcial e mediador dos materiais didáticos, elaboramos um material para o contexto educacional vivenciado no estágio pedagógico em uma escola da zona sul da cidade de São Paulo, responsável pelas indagações e reflexões realizadas nesse trabalho. O material construído foi pensado como objeto propositor do processo criativo através da

¹¹ Disponível em: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/59279/nos-somos-os-propositores>
Acesso em: 30 out. 2022

construção e elaboração de um caderno de artista. Como proposta aberta, embora direcionado para seu contexto, o material espera provocar e estesiá-los aqueles que o vivenciarem.



O Livro de Quatro Movimentos

Abrir, desdobrar, expandir e atravessar

Sob influências do estágio pedagógico refletido nesse trabalho e conhecendo a importância de um material didático poético e reflexivo no ensino de artes na educação básica que dialogue com os contextos e diversidades expressos em seu meio e por seu profissional, criamos, eu e Glória Maria dos Santos, em 2021 um material destinado às turmas de 5º ano do ensino Fundamental I do colégio em que atuava como residente, com o objetivo de abordar os temas estudados pela série de forma poética por meio da proposição de livros de artista coletivos.

Nas conversas e trocas que estabelecia com as professoras de arte da escola que estagiei, descobrimos que uma introdução sobre o conceito de livro de artista já havia sido trabalhada com os alunos ao longo de sua formação no Fundamental I, mas, ainda sim, entendemos que abordar e explicar brevemente o conceito e trazer referências visuais na proposta fortaleceria o potencial poético do material. Desta forma, pensamos na publicação como objeto livre e autodidata, ou seja, que sua proposição fosse mediada de forma clara e concisa, sem a necessidade, embora proveitosa, de uma instrução externa.

O material, impresso em formato A3, foi pensado como um conjunto composto por quatro elementos e uma proposta de atividade que poderia servir de guia para o primeiro contato com a publicação. Embora a proposta acompanhe o material e represente um dos inúmeros meios de aplicação do livro, prezamos que as professoras e professores construam, interpretem e reflitam sobre a aplicação do material por sua maneira e seus contextos. Entre os quatro elementos presentes temos a dobra ABRIR, que faz a apresentação e junção de todos os componentes do trabalho; a DESDOBRAR, uma dobra em leque, com formato que remete à uma bula de remédio, que busca direcionar os exploradores do material; a EXPANDIR, uma dobra quadrada composta por uma palavra impressa em cada quadrante e que propõe um direcionamento de ideias pelo método do *brainstorming*¹²; e a ATRAVERSAR, uma dobra de 8 partes com começo e fim representados por espelhos que reverberam para seu centro em branco que servirá de suporte para a construção coletiva do livro de artista. Todos os movimentos expansivos que compõe o trabalho se relacionam com as relações de ensino aprendizagem buscadas e os movimentos fomentados.

A imagem do espelho percorre todo o material e sua representação tem o intuito de conectar todos os seus elementos e acontecimentos internos que neles ocorrer, não havendo uma ordem a ser seguida e nem hierarquias entre os

¹² Expressão em inglês para uma dinâmica, geralmente coletiva, de compartilhamento de ideias. Em tradução livre pode ser lida como *tempestade cerebral* ou *tempestade de ideias*.

componentes nem entre professor e aluno no uso do material, pois todo o seu acontecimento é espelhado e reverbera no coletivo.

Figura 45: Visão frontal do material



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 46: Visão frontal do material aberto com todas as dobras que o compõe

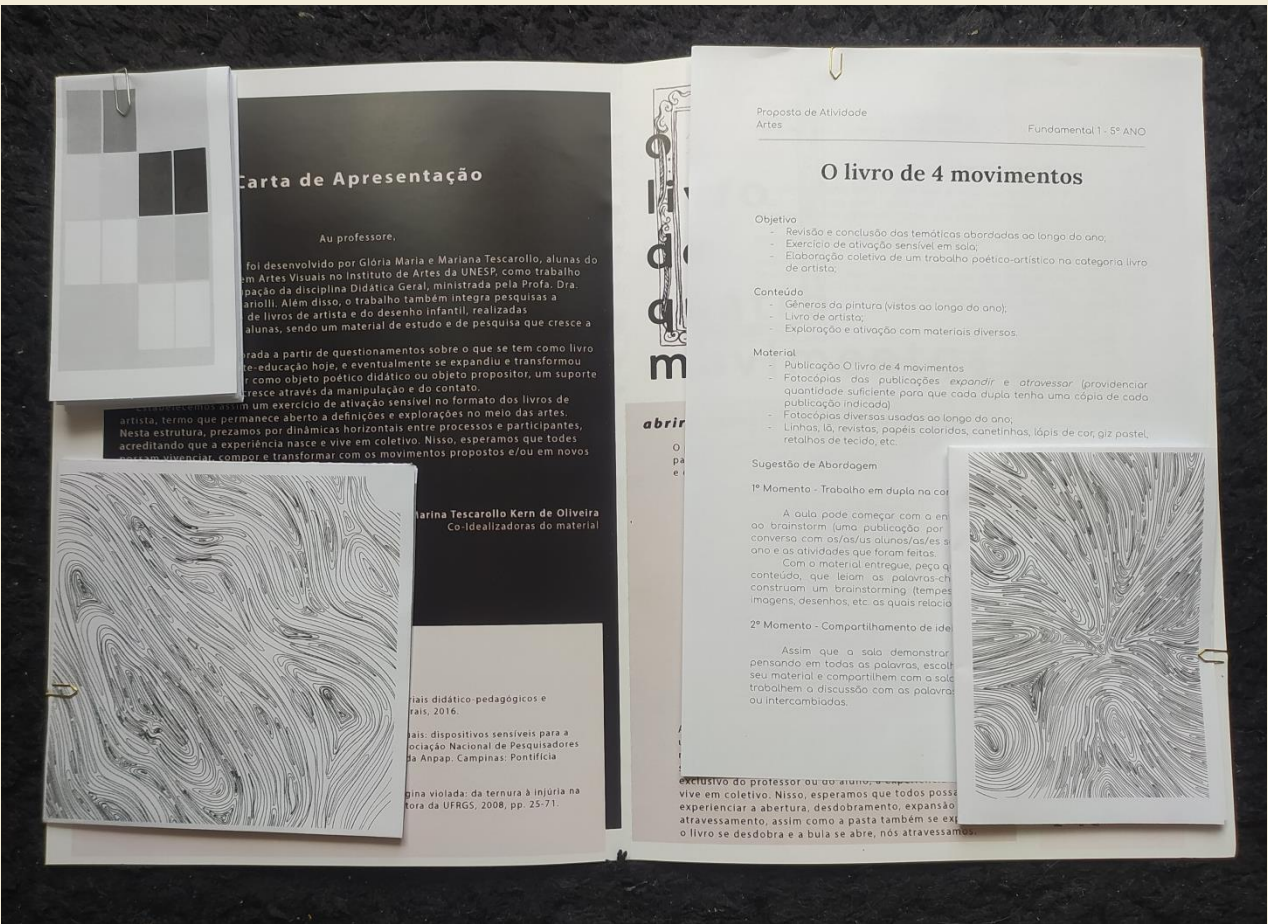
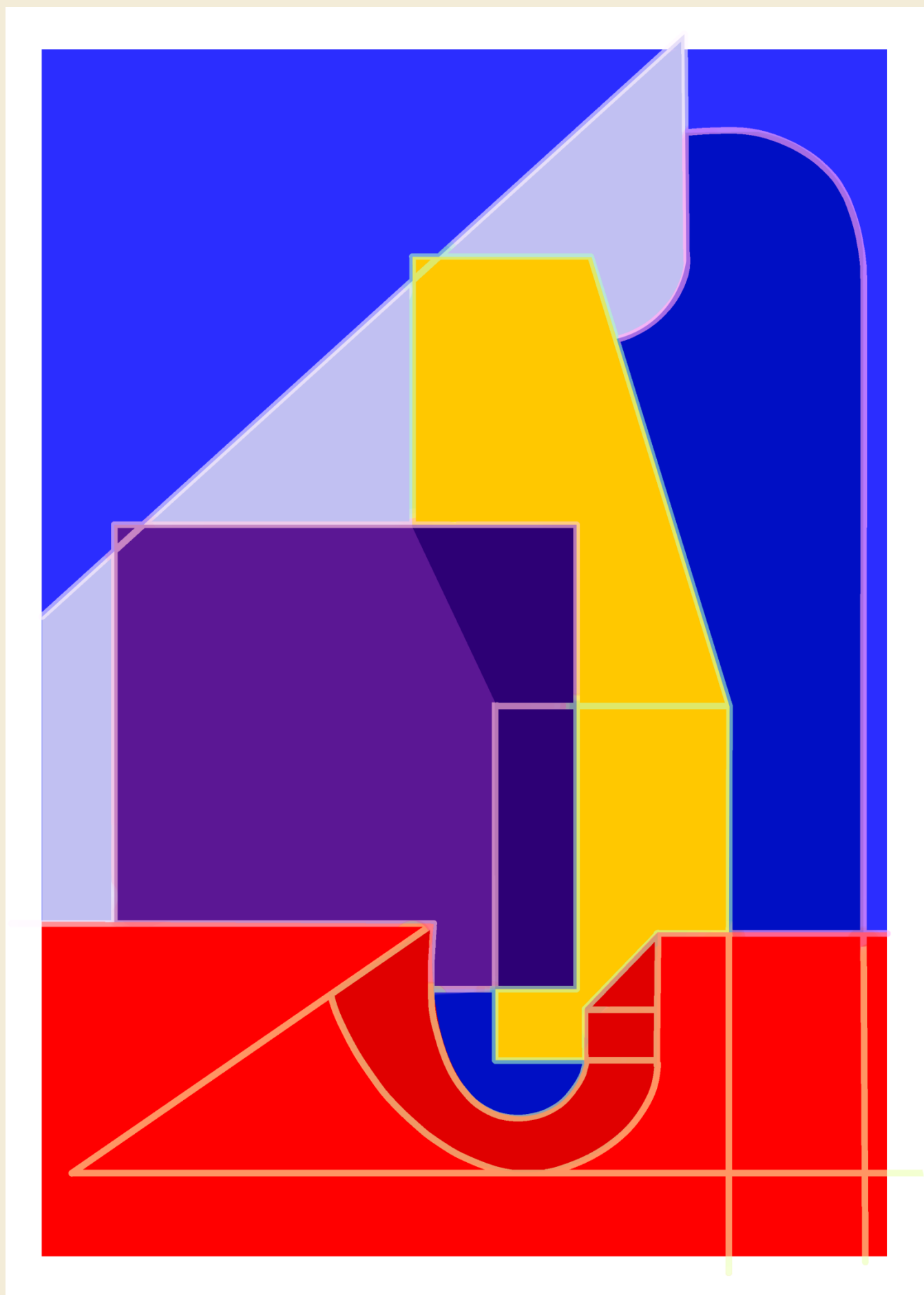


Figura 47 – Capa da frente do material



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 48: Elemento de composição do interior da pasta ABRIR do material

Carta de Apresentação

Au professore,

O presente material foi desenvolvido por Glória Maria e Mariana Tescarollo, alunas do curso de Licenciatura em Artes Visuais no Instituto de Artes da UNESP, como trabalho final e proposta de ocupação da disciplina Didática Geral, ministrada pela Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli. Além disso, o trabalho também integra pesquisas a respeito da construção de livros de artista e do desenho infantil, realizadas respectivamente pelas alunas, sendo um material de estudo e de pesquisa que cresce a partir do contato.

A proposta foi elaborada a partir de questionamentos sobre o que se tem como livro didático no meio da arte-educação hoje, e eventualmente se expandiu e transformou para o que podemos ter como objeto poético didático ou objeto propositor, um suporte aberto e múltiplo que cresce através da manipulação e do contato.

Estabelecemos assim um exercício de ativação sensível no formato dos livros de artista, termo que permanece aberto a definições e explorações no meio das artes. Nesta estrutura, prezamos por dinâmicas horizontais entre processos e participantes, acreditando que a experiência nasce e vive em coletivo. Nisso, esperamos que todos possam vivenciar, compor e transformar com os movimentos propostos e/ou em novos eixos estabelecidos pelo grupo.

Glória Maria dos Santos e Mariana Tescarollo Kern de Oliveira
Co-Idealizadoras do material

Bibliografia

LOYOLA, Geraldo. Professor-artista-professor [manuscrito] : materiais didático-pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte. Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

HOFSTAETTER, Andrea. Criação de material didático em artes visuais: dispositivos sensíveis para a proposição de experiências de aprendizagem, In Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26o, 2017, Campinas. Anais do 26o Encontro da Anpap. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p.2077-2092.

SILVEIRA, P. Definições e indefinições do livro de artista. In: A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista [online]. 2nd ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008, pp. 25-71.

Figura 49: Elemento de composição do interior da pasta ABRIR do material



movimentos

abrir, desdobrar, expandir e atravessar

O presente material se divide em 4 partes, alinhadas a partir de movimentos a serem explorados entre docentes e discentes.

O **primeiro movimento: abrir**, corresponde a esta dobra, com formato de pasta, e é acompanhado de breves introduções e referências bibliográficas que participaram da construção deste trabalho.

O **segundo movimento: desdobrar**, corresponde a dobra com formato de bula, e é preenchido por propostas motivadoras, como exemplos das possibilidades de livros de artista, verbetes poéticos e alguns empurrões que podem ser o primeiro contato na apropriação do material.

O **terceiro movimento: expandir**, corresponde a dobra quadrada, com espaços vazios a serem ocupados com uma tempestade de ideias. Uma sugestão de ocupação do material é definir eixos (palavras, sensações, formas ou movimentos) que carreguem a chuva e respinguem no papel.

O **quarto movimento: atravessar**, corresponde a dobra em formato de livro, com páginas vazias nas quais a tempestade pode ser acomodada.

Ao final de cada material, a imagem de um espelho é usada como lembrete e abertura que conecta todos os movimentos. Prezamos aqui por dinâmicas horizontais em sala de aula e entre os processos, nenhum material é exclusivo do professor ou do aluno, a experiência nasce e vive em coletivo. Nisso, esperamos que todos possam experienciar a abertura, desdobramento, expansão e atravessamento, assim como a pasta também se expande, o livro se desdobra e a bula se abre, nós atravessamos.

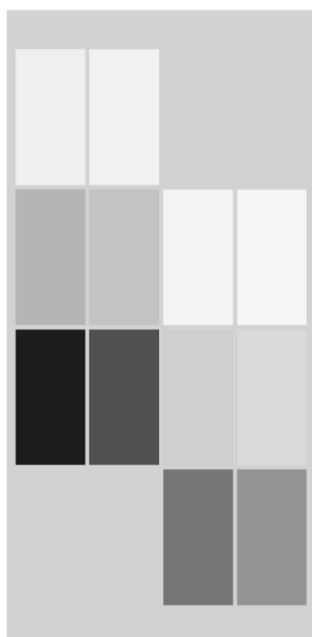
Introdução

Pensado para ser um trabalho coletivo, mas também em um contexto pandêmico de retomada gradual das atividades pedagógicas em sala, esse material didático busca promover experiências poéticas e atuar como um objeto propositor¹ e estético.

Para Lygia Clark, pintora e escultora brasileira, objetos propositores atuam como suporte aberto e múltiplo, buscando encontros e trocas entre arte e cultura. Como material didático, é a possibilidade do imprevisto e inesperado, aqui alinhada a construção de livros de artista (e/ou livros-objeto), que através da manipulação multiplicam os movimentos de ocupação poética no ensino de arte.

Notas

¹ O conceito de objeto propositor foi desenvolvido por Mirian Celeste Martins no livro "Mediação: provocações estéticas".



livro de artista palavra aberta

- ARTES PLÁSTICAS [1]**
qualquer objeto que permita a leitura, seja de papel ou outro material.
- ARTES PLÁSTICAS [2]**
corpo sem forma fixa e em constante mudança. Não possui limites, barreiras, parâmetros ou completas definições.
- ARTES PLÁSTICAS [2]**
obra de arte que se incorpora ao formato do livro ou, então, que faz do livro sua base para dar vida a uma criação artística.
- ARTES PLÁSTICAS [3]**
obra de arte que se incorpora ao formato do livro ou, então, que faz do livro sua base para dar vida a uma criação artística.

semelhantes

livro ilustrado livro-objeto arte-livro
poema-livro livro-obra
livro-arte livro de arte livro-poema

livro-objeto palavra aberta

- ARTES PLÁSTICAS [3]**
objeto tipográfico e/ou plástico formado por elementos de natureza e arranjos variados.

Livro de artista ou livro-objeto pode designar tanto uma obra quanto uma categoria de trabalhos. Não existe definição concreta do que se trata. Assim como Arte, a palavra continua aberta a novas respostas, por isso reunimos meios em que já aconteceu.

permanente adjetivo de dois gêneros

- que permanece no tempo; duradouro, estável.
- constante, frequente, continuado.

Embora seu nome remeta ao livro, que aparece de forma mais definida no imaginário popular, o livro de artista **não precisa necessariamente ser um**. Podem ser cadernos de desenho, diários, uma coleção de bilhetes de metrô, uma maleta de ferramentas e até mesmo uma caixa, sendo a forma uma escolha. Também **não precisa se limitar a textos ou ilustrações. Pode ser interativo**, ou seja, pensado para o contato com outras pessoas, ou **muito pessoal**, algo acessado só pelo artista ou grupos definidos por este. Muitos dos trabalhos que consideramos como livros de artistas foram feitos com intenção de registro pessoal, por exemplo.

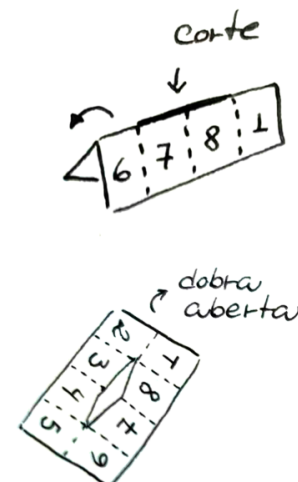
Então pode tudo?
Por que não poderia?

Um passo de coragem (e um pequeno empurrão)

Um livro de artista pode demorar até anos para ser feito, mas um trabalho rápido não deixa de ser igualmente válido. Um trabalho espontâneo se entrelaça com o tempo no seu andamento, inclusive em possíveis barreiras como “mas o que eu faço”, por isso reunimos algumas notas sobre o primeiro passo nesse texto de empurrão:

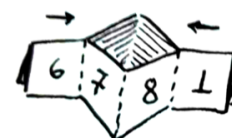
Assuma o erro! O erro é apenas uma possibilidade e não o fim de todas, por isso não tenha medo e tente aceitar esse caminho quando encontrá-lo. Por mais que a gente queira e tente, não temos controle sobre tudo, e é assim que aprendemos e inovamos, por isso
NADA DE FOLHAS NOVAS!

Manual de construção (para lembrar a forma do começo)



Recorte, cole, transforme...

O material não precisa continuar no formato que receberam, é livre para transformações, recortar páginas, criar espaços vazios, colagens, dobraduras, emendas, formas que ultrapassem seu espaço e que desconstroem a imagem do livro.



Horizontes vizinhos também nos tocam! Nenhuma ideia é 100% original, compartilhamos contextos, materiais e, muitas vezes, resultados. Por isso lembre-se que não é errado gostar do que acontece na mesa ao lado, e essa admiração pode continuar de diversas formas: por que não comentar com a mesa o que te chama a atenção?! Ou até mesmo deixar que esse interesse também floresça no seu trabalho...

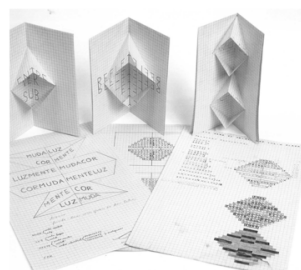


Por onde começar?

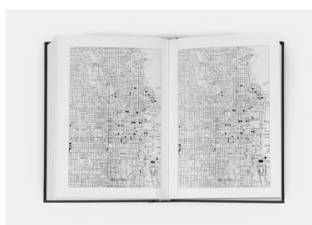
Se mesmo assim ainda não sabe o que fazer, tente lembrar da atividade que você mais gostou de fazer. Qual era o tema? Qual era o material? Por que você gostou? O que ela te lembra? Do café da manhã à primeira palavra que você leu hoje, registre as memórias que aparecem como uma tempestade de ideias, coloque no papel essas palavras, imagens, gestos, desenhos, etc. Aqui está um começo.



Marcel Duchamp
La Boîte-en-valise
[Caixa em uma valise]



Augusto de Campos e Júlio Plaza
Poemóviles

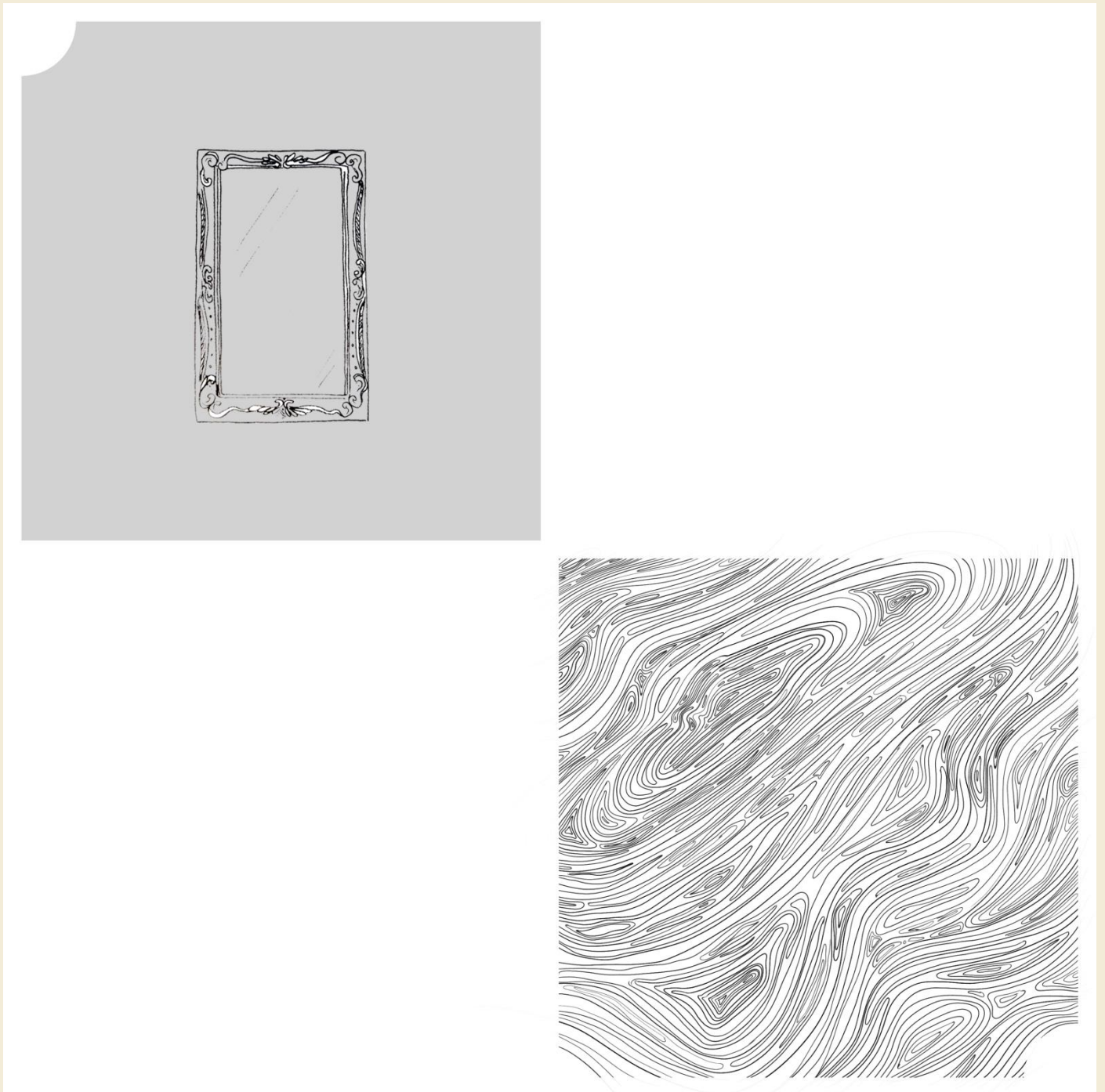


On Kawara
I went [Eu fui]



Kátia Fiera
O mapa da casa infinita

Figura 51: Frente do material EXPANDIR utilizado para o brainstorm



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 52: Verso do material EXPANDIR utilizado para o brainstorm

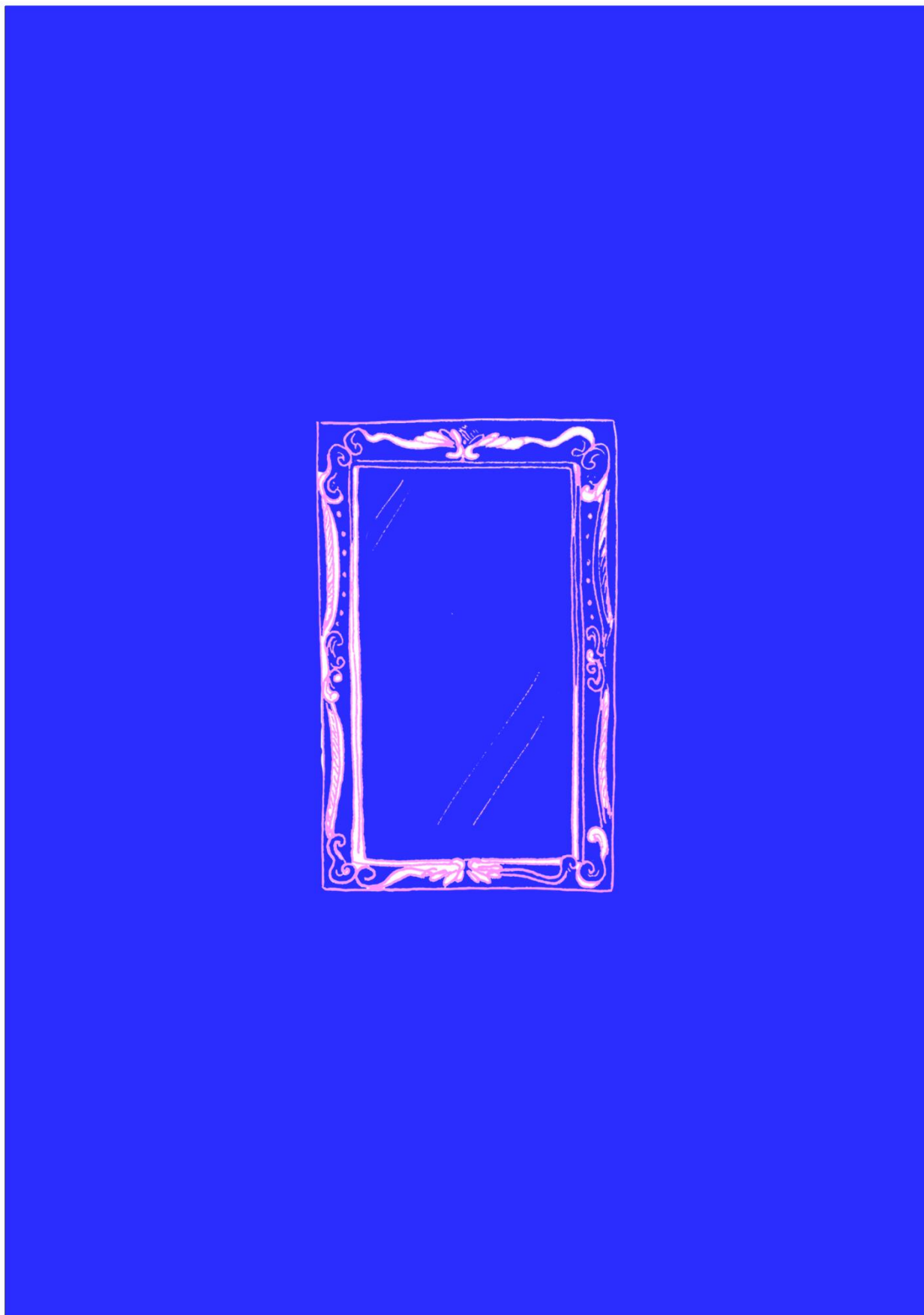


Fonte: Arquivo pessoal

Figura 53: Folha da dobra ATRAVERSSAR que compõe o trabalho



Figura 54: Capa de trás do material



Junto com o material e as dobras que o compunham, elaboramos como uma das diversas formas de ativação, um plano de aula com algumas das possibilidades pensadas por nós no momento de sua elaboração. Vemos após essa reflexão que as relações e tempos estabelecidos com uma proposta são definidos no momento, pela dinâmica das relações humanas e, por isso, não dever se limitar a uma elaboração prévia. Dito isso, expomos adiante o plano de aula elaborado que mobilizou a primeira conversa e ativação com o material desenvolvido.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Artes

Fundamental 1 - 5º ANO

Título: O Livro de Quatro Movimentos

Objetivo

- Revisão e conclusão das temáticas abordadas ao longo do ano;
- Exercício de ativação sensível em sala;
- Elaboração coletiva de um trabalho poético-artístico na categoria livro de artista;

Conteúdo

- Gêneros da pintura (vistos ao longo do ano);
- Livro de artista;
- Exploração e ativação com materiais diversos.

Material

- Publicação O livro de 4 movimentos
- Fotocópias das publicações *expandir* e *atravessar* (providenciar quantidade suficiente para que cada dupla tenha uma cópia de cada publicação indicada)
- Fotocópias diversas usadas ao longo do ano;
- Linhas, lã, revistas, papéis coloridos, canetinhas, lápis de cor, giz pastel, retalhos de tecido, etc.

Sugestão de Abordagem

1º Momento - Trabalho em dupla na construção do Brainstorm

A aula pode começar com a entrega do material/dobradura referente ao brainstorm (uma publicação por dupla), enquanto o/a/u professor/a/e conversa com os/as/us alunos/as/es sobre o que foi trabalhado ao longo do ano e as atividades que foram feitas.

Com o material entregue, peça que as/os/us alunas/os/es explorem seu conteúdo, que leiam as palavras-chaves escolhidas e que, em duplas, construam um brainstorming (tempestade de ideias) colocando palavras, imagens, desenhos, etc. as quais relacionam aos eixos propostos.

2º Momento - Compartilhamento de ideias

Assim que a sala demonstrar ter concluído o primeiro material, pensando em todas as palavras, escolha algumas duplas para que mostrem seu material e compartilhem com a sala as ideias que tiveram. Pode pedir que trabalhem a discussão com as palavras-chave separadas (uma de cada vez) ou intercambiadas.

Nesse momento, incentive os/as/us alunos/as/es a complementarem os próprios brainstormings, compartilhando ideias que tiveram mas que ainda não foram reveladas para o grupo.

3º Momento - Descoberta e construção

Depois de abrir o espaço para a sala compartilhar suas experiências, entregue as dobras *desdobrar* (bula) e *atravessar* (livro) para cada dupla. Estimule a investigação da atividade que estão recebendo antes mesmo de abrir os materiais.

Continue o processo pedindo que leiam e observem os textos e imagens presentes na bula.

Assim que todas as duplas tiverem recebido e aberto as dobras, instrua-os a criar, com base nas ideias que desenvolveram coletivamente no brainstorming e

nas instruções que eles tem em mãos, um livro de artista que reúna o que foi esse ano para eles como um todo.

Esse ano em relação à escola;

Esse ano em relação às aulas;

Esse ano em relação às amizades;

Esse ano em relação aos desejos (realizados ou não);

Esse ano em relação aos espaços;

Esse ano em relação a eles.

Deixe disponível e incentive que utilizem diversos materiais, como fotocópias, papéis coloridos, giz pastel, lã, lápis de cor, canetinha, tesouras, etc. É interessante também que a/o professora/o realize o seu livro e experimente a proposta, as sensações e as dúvidas que ela trás.

Esperamos que o material seja reinventado por cada aluno e cada uso, que seja desconfigurado por aqueles que experimentarem e que não exista certo ou errado e sim sua própria relação com aquele que o transformou.

Esse material didático e plano de aula foi desenvolvido e pensado para os alunos do 5º Ano do ensino Fundamental 1, baseado nas aulas e currículo apresentado pelo Colégio Visconde de Porto Seguro em 2021.

Idealizado por Glória Maria dos Santos e Mariana Tescarollo Kern de Oliveira para a conclusão da disciplina Didática Geral no curso de Licenciatura em Artes Visuais da UNESP.

Embora seja um espaço institucionalizado, a sala de aula pode ser um lugar para transgredir e edificarmos uma maneira inovadora de nos relacionar. Para além dos conteúdos que aí circulam, é possível que a comunidade escolar, sobretudo professores e alunos, criem e inventem ocasiões para experimentar novos diálogos e novas relações. (CARVALHO *et al*, 2010, p.22)

Relatos de um acontecimento poético

Ao elaborarmos a proposta do material didático, tínhamos uma perspectiva de conseguir aplicá-lo e experimentá-lo com as turmas de quinto ano, nas últimas aulas do 2º semestre. Já havíamos conversado com a professora, enquanto elaborávamos o projeto, sobre nossa pesquisa e sua aplicação e, assim que finalizamos e imprimimos a versão física da publicação, entregamos uma cópia para a professora responsável pelas aulas que iríamos aplicar, a fim de avaliar a sua possibilidade e coerência. Com a autorização concedida, iniciamos os preparos das dobras DESDOBRAR (Figura 50), EXPANDIR (Figuras 51 e 42) e ATRAVERSSAR (Figura 53) que seriam trabalhadas com os alunos. Tínhamos o intuito de entregar aos alunos a pasta completa com o material, assim como foi entregue à professora, uma vez que o material fora pensado sem hierarquias de aprendizado, mas a impressão da dobra ABRIR (Figuras 45, 47, 48 e 49), como foi elaborada, não era possível ser realizada no ambiente escolar por conta do tamanho da folha e da impressão frente e verso personalizada, necessária para a sua visualização e compreensão. Por isso, apenas as dobras internas foram entregues.

Acertamos com a professora a atividade para a última semana de aula dos alunos, como atividade de finalização do ciclo do Fundamental I desses estudantes. Mas nem tudo foram rosas. Mesmo ciente do acontecimento e da data programada da atividade, a professora nos aconselhou a realizá-la de forma

inesperada e antecipada, cerca de duas semanas antes do acordado e minutos antes do início da aula. Embora dominasse o material por completo, a presença de ruídos, a ação repentina e o tempo escasso não permitiram sua exploração total e paciente como havíamos pensado e planejado para o contato poético.

Nesse contexto, classificamos como ruídos, em primeiro lugar, a posição hierárquica entre a professora e a estagiária estabelecida pela escola. A quebra desse *status quo*¹³ causa, inevitavelmente, um estranhamento do lugar de fala e ele foi reforçado pelo fato de a professora manter-se presente na sala, mas sem envolvimento com a atividade, dificultado a horizontalidade da relação pedagógica. O segundo ruído foram as interferências sonoras causadas pela professora que ocupava seu espaço em frente ao monitor que, em alguns momentos, iniciava um vídeo que trabalhava em editar. A voz da estagiária era repentinamente silenciada por um evento de maior autoridade. Em terceiro, o ruído da imprevisibilidade, que interferiu no planejamento e alinhamento da proposta entre as co-idealizadoras e, conseqüentemente, na forma como ele aconteceu. Por último, e talvez o mais incômodo, tivemos o ruído do tempo.

As imprevisibilidades dos acontecimentos e das respostas que os eventos coletivos instigam ao educador uma atuação flexível com o contexto e as condições que dispõem para realizar suas propostas. Tendo consciência da volatilidade do trabalho pedagógico, a mediação realizada e aqui exposta foi uma adaptação frente a todos os ruídos expostos e seus resultados permitiram a

¹³ Expressão em latim que indica “o estado das coisas” .

reflexão crítica da abordagem tanto do material, quanto da estagiária no contexto traçado e das relações de poder pré-estabelecidas e reforçadas no contexto escolar vivenciado. Neste processo foi preciso repensar o tempo de relação dos alunos com cada dobra e as expectativas que tínhamos do trabalho, como por exemplo, a relação de individualidade e autoria no contexto coletivo.

Figura 55: Registro da proposta realizada com os alunos



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 56: Registro da proposta realizada com os alunos

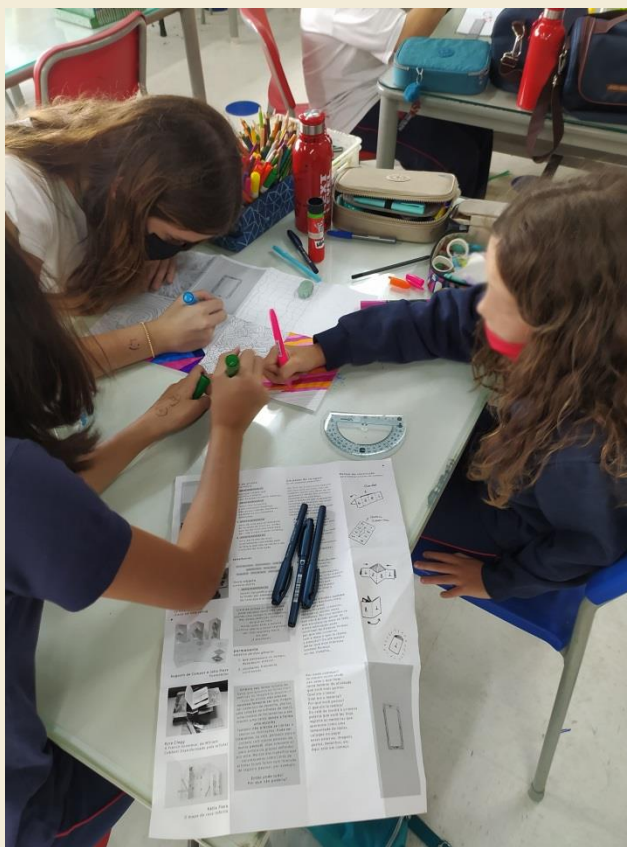


Figura 57: Proposta realizada pelos alunos



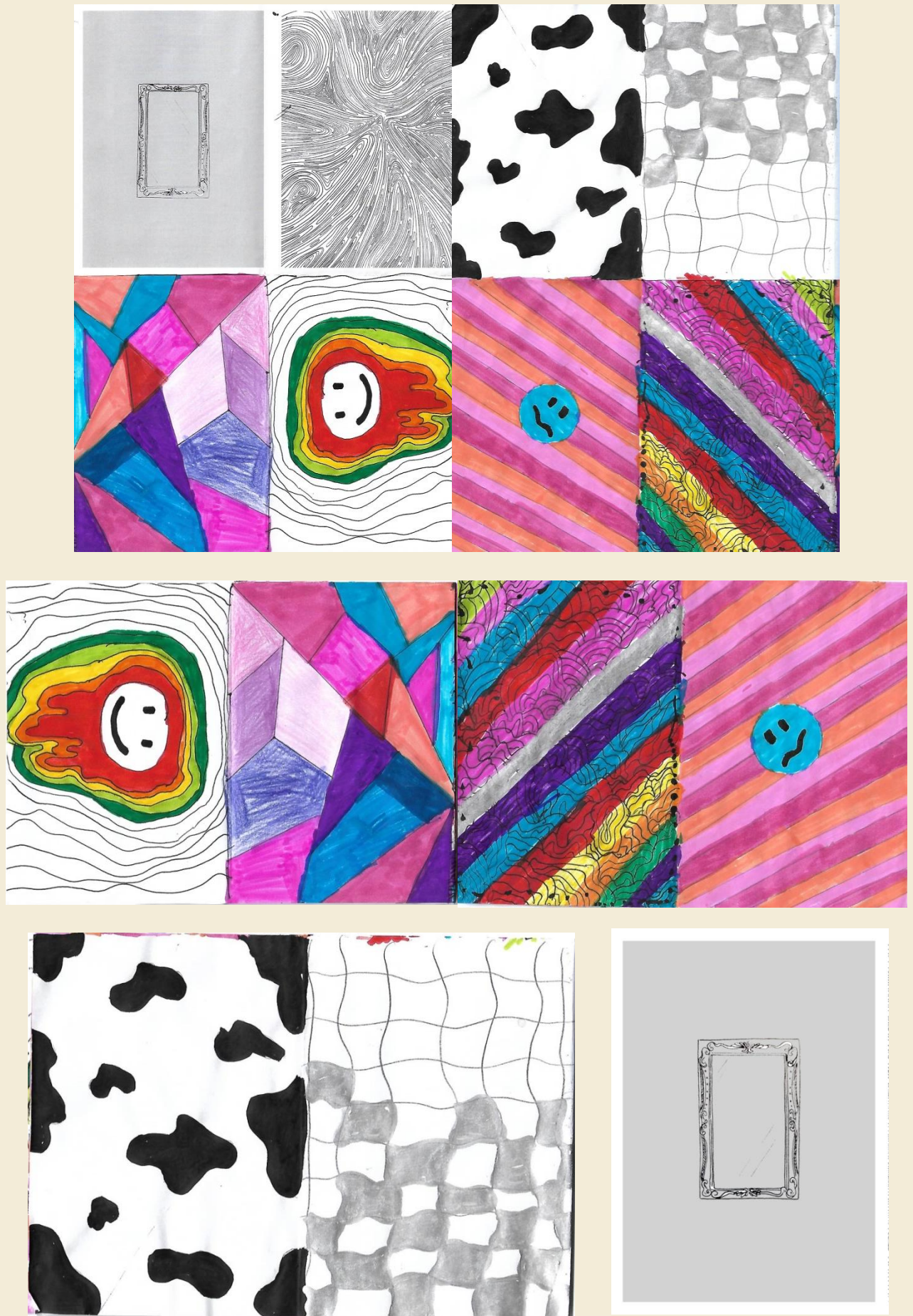
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 58: Proposta realizada pelos alunos



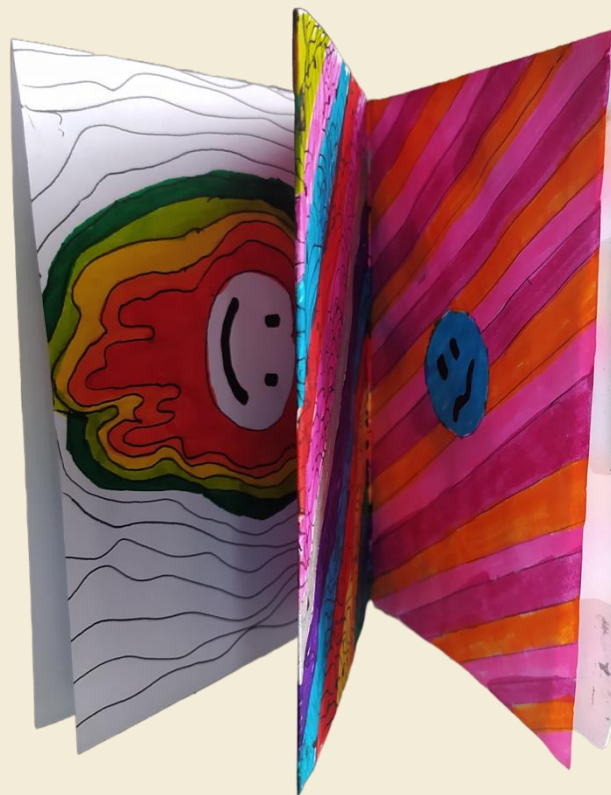
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 59: Proposta realizada pelos alunos



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 60: Visão tridimensional da publicação dos alunos



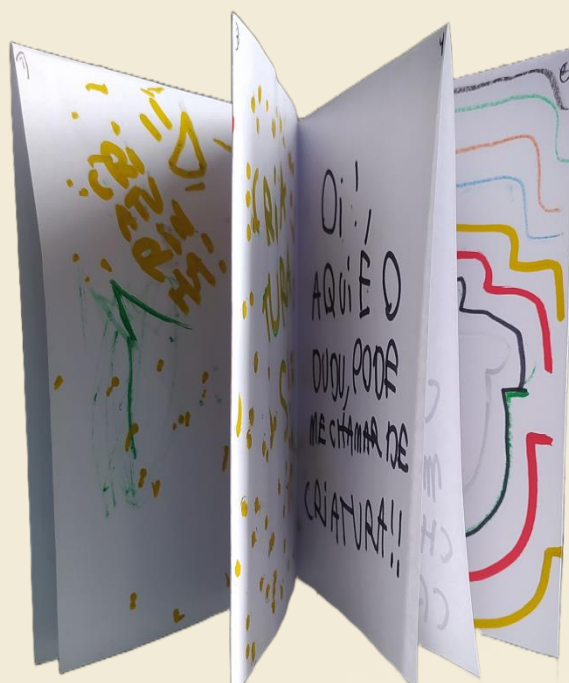
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 61: Proposta realizada pelos alunos – “Criaturinhas”



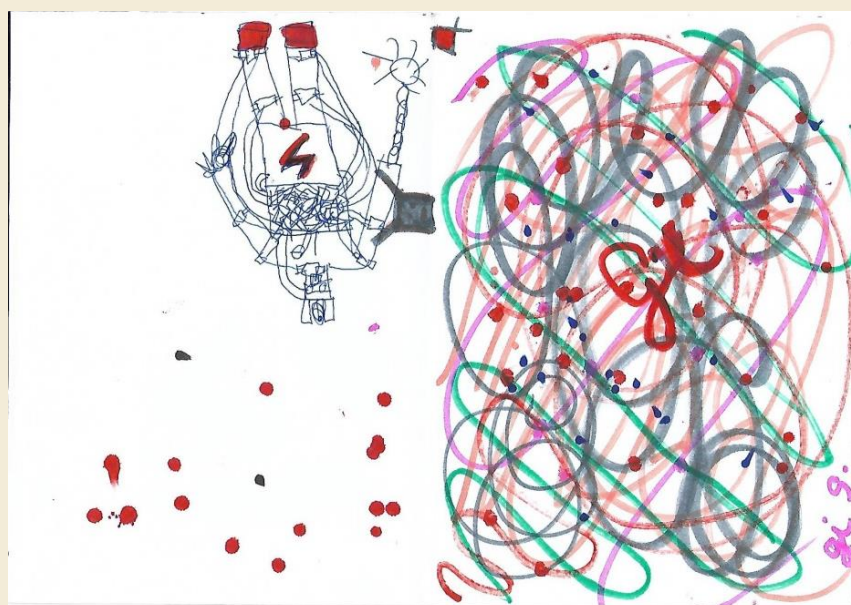
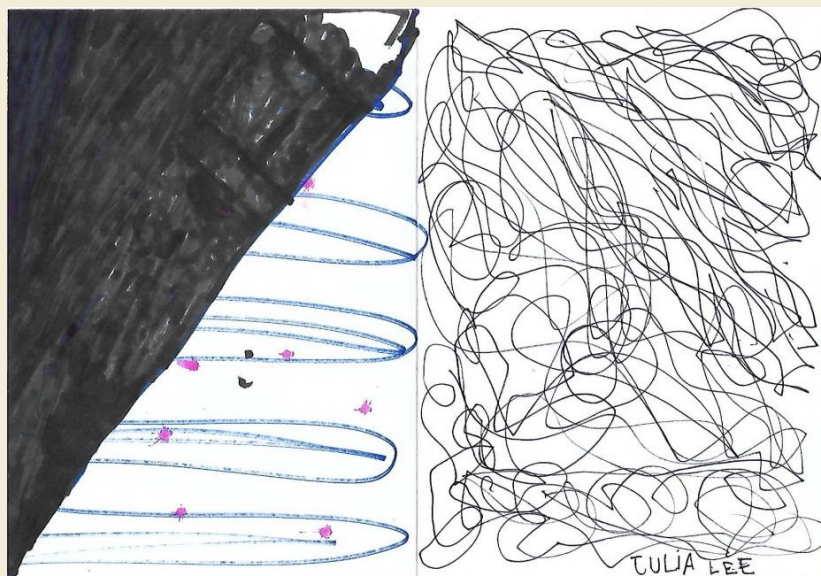
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 62: Proposta realizada pelos alunos – “Criaturinhas”



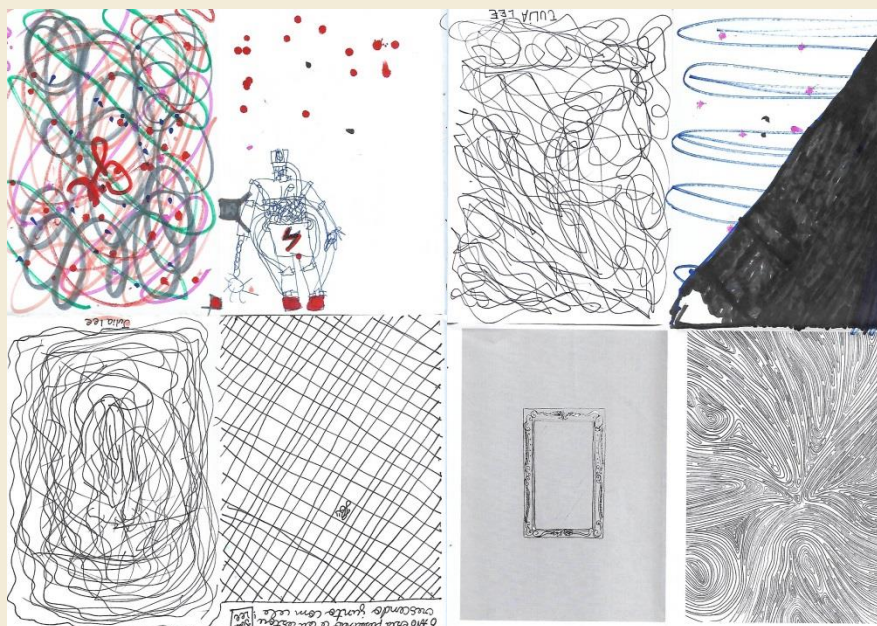
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 63: Proposta realizada pelos alunos



Fonte: Arquivo pessoal

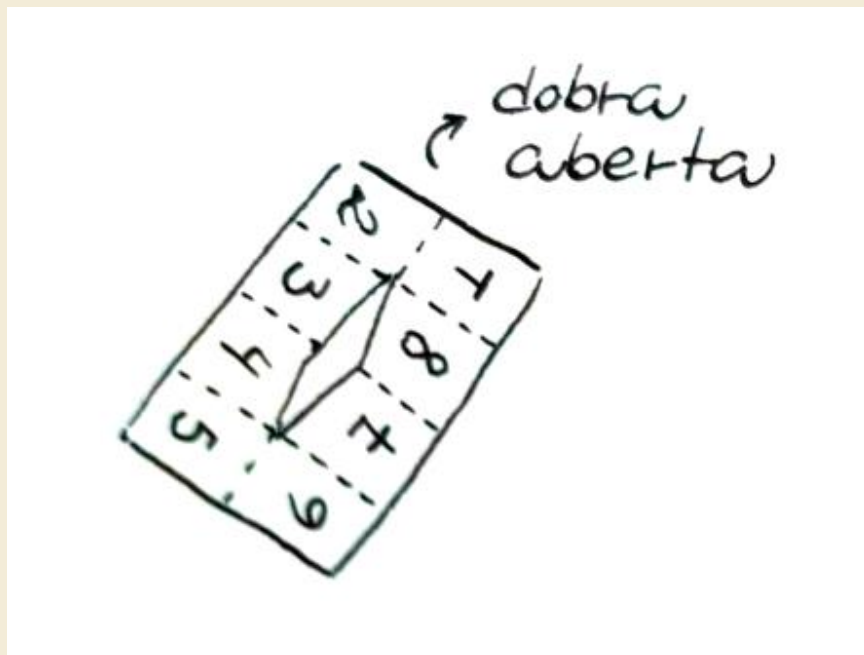
Figura 64: Proposta realizada pelos alunos



Fonte: Arquivo pessoal

Pelos trabalhos realizados percebemos a cultura visual, os interesses e o modo como eles alunos resolveram o espaço coletivo. Seguindo uma cultura construída pelo meio escolar e, talvez, incentivada pelo material que dispunham, prevaleceu a delimitação dos espaços individuais no meio coletivo. Ressaltamos a relação do material com essa prática, pois a dobra ATRAVERSSAR (Figura 53) foi entregue para os alunos dobrada e, sob nossa orientação na atividade, aconselhamos que esse material fosse aberto para que todos pudessem explorar o espaço. Contudo, ao abrir a dobra, as crianças dispunham de um papel vincado em oito quadrantes semelhantes (Figura 65), espaços que foram rigidamente respeitados e individualizados pelos estudantes.

Figura 65: Esquema da folha da dobra ATRAVERSSAR



Fonte: Arquivo pessoal

Imagino que, se a folha fosse entregue sem os vincos realizados, ou seja, apenas impressa como na Figura 53, a delimitação desses espaços aconteceria de outra forma e poderiam ser rompidos com a realização da dobra posteriormente. Mas, neste processo, era importante para nós trabalhar com os alunos o entendimento espacial que essa dobra proporciona, como cada quadrante se posiciona quando é dobrado e, por isso, na dobra DESDOBRAR (Figura 50) apresentamos por meio de esquemas as relações de espaço obtidas por meio da zine¹⁴. Portanto, embora não fosse nossa intenção que a autoria individual prevalecesse no espaço coletivo, como aconteceu, a entrega do material dobrado

¹⁴ Termo usado para se referir a publicações independentes em pequeno formato.

com seus respectivos vincos era importante para que a interação tridimensional com a dobra fosse explorada.

Considerando essas questões, de todas as produções realizadas houve uma que chamou nossa atenção pelo modo como essa interação espacial foi pensada, construindo uma sequência narrativa das páginas características da produção de zines e quadrinhos. Sob o título de “Criaturinhas” - o que também tornou o material curioso, pois foi o único a receber um título pelos autores – o trabalho apresentado pela Figura 61 e Figura 62, mostrou a relação do aluno com o registro descritivo e autobibliográfico quando Dudu - narrador das páginas desenhadas - apresenta seu contexto e relações por meio de palavras e imagens. Percebemos que esse foi um dos poucos trabalhos que estabeleceu uma relação de pertencimento e coletividade com os seus criadores.

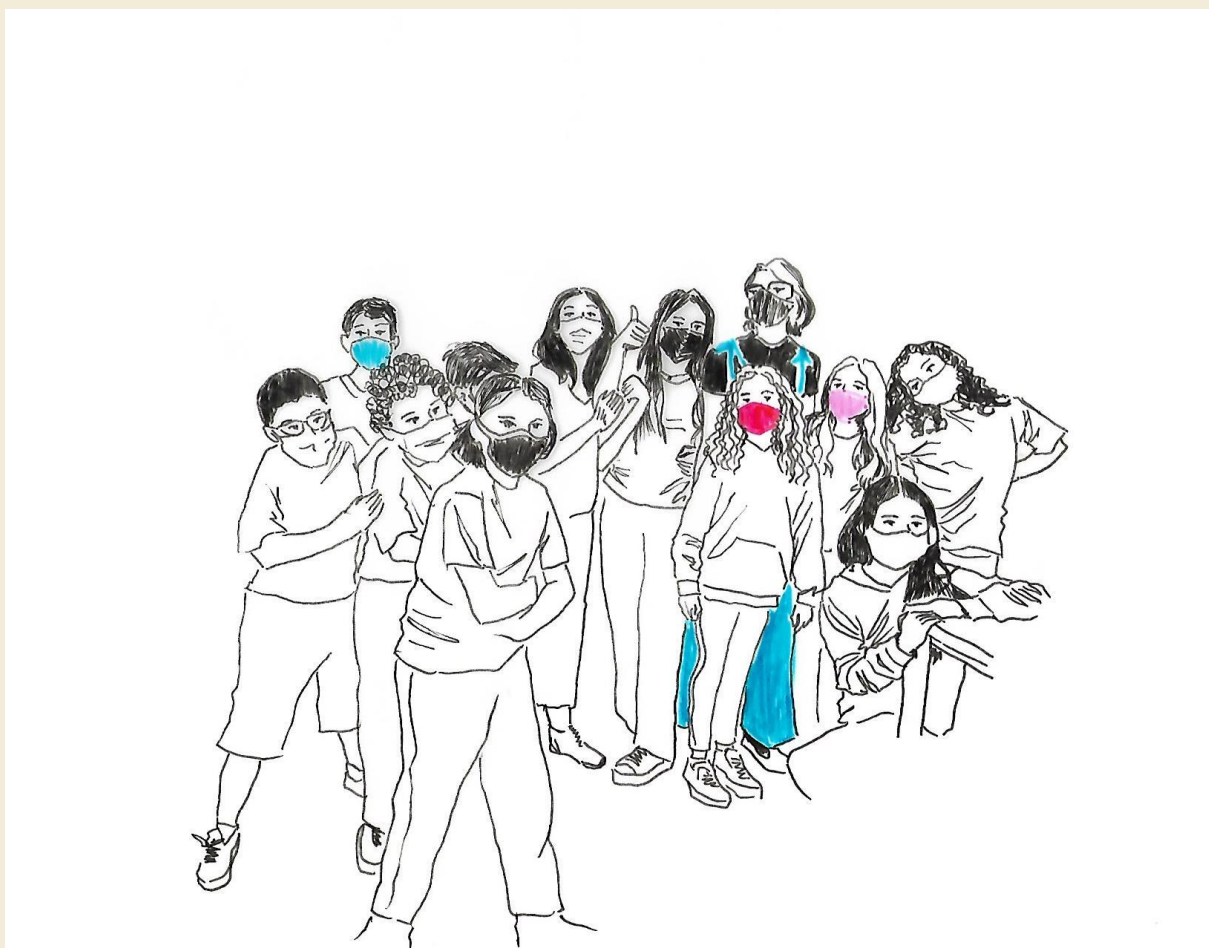
Ao final da atividade, conversei com os alunos a minha intenção investigativa com os trabalhos e pedi, para aqueles que me permitissem, que eu ficasse com os mesmos. A única dupla que expôs a vontade de guardar o trabalho foram os criadores da zine “Criaturinhas” . Para que tivéssemos o registro do estudo, perguntei para a dupla se poderia realizar uma cópia do trabalho e eles preferiram que nós realizássemos duas cópias para eles, podendo assim cada integrante ficar com um exemplar.

Ante todas essas circunstâncias, os alunos abriram, desdobraram, expandiram e atravessaram o material. Seus registros foram gravados nas dobras e

personalizados por seus traços, amassos e palavras redigidas, elementos únicos do acontecimento como foi guiado e impossível de ser replicado.

Para essa turma, que tive a oportunidade de acompanhar por um ano em suas mais diversas relações com o espaço educacional, expresso aqui meu eterno agradecimento. Os movimentos que vocês realizaram reverberam nas paredes espelhadas das nossas memórias.

Figura 66: Desenho da F-5MA1



Fonte: Arquivo pessoal

Reflexões artísticas e atravessamentos pedagógicos

A primeira tiragem do material didático realizado contou com quatro exemplares distribuídos entre as idealizadoras, uma cópia para cada; a professora que permitiu sua execução no colégio em que foi realizado o estágio e a professora referente à matéria que instigou a criação do material. Para as duas professoras que dialogaram com a publicação, realizamos uma pesquisa composta por dezoito perguntas referentes não apenas ao material didático entregue a elas, mas ao conceito e entendimentos das mesmas sobre os componentes didáticos em artes.

As respostas das duas professoras serão anexadas nas próximas páginas sem, contudo, nomear suas respectivas preceptoras, reservando a privacidade das mesmas. Para essas professoras deixo também meu agradecimento por tornar esse trabalho possível.

Prezada Professora,

A presente pesquisa foi elaborada por Glória Maria dos Santos e Mariana Tescarollo Kern de Oliveira, graduandas no curso de Licenciatura em Artes Visuais no Instituto de Artes - UNESP, como parte de uma proposta de ocupação da disciplina Didática Geral, ministrada pela Prof. Dra. Rita Luciana Berti Brendariolli, na qual elaboraram o material didático "O Livro de Quatro Movimentos". As respostas aqui colocadas serão usadas para análise e discussão e a respeito dos processos que envolveram o desenvolvimento do material.

Agradecemos sua contribuição para nossa pesquisa e esperamos que os movimentos causados se perpetuem.

Pergunta: O que você entende por material didático?

Prof. 1 : Material utilizado como um dos pontos de partida para uma aula/conteúdo.

Prof. 2 : Opa! Boa pergunta! Objeto mediador, responsável por construção de conhecimentos e organizado de forma deliberada para alcançar este intento e por isto um objeto extremamente delicado que pode gerar muitos equívocos. Quem se aventura nesta poética deve reconhecer esta imensa responsabilidade!

Pergunta: Quais instrumentos didáticos costuma trabalhar em sala?

Prof. 1 : Livros, vídeos, ppts, imagens.

Prof. 2 : Meu corpo, sobretudo. O cuidado com as palavras, com as condutas, com o estabelecimento de relações. Busco me manter em abertura e desconstrução, permeável ao que me surpreende. Atenção constante. Não assumo a didática como artifício de vinculação, mas como poíesis, como poética, um processo de criação cuja materialidade são as relações interpessoais e, portanto, os acontecimentos ocorridos em espaços dedicados à construção de conhecimentos.

Pergunta: O que caracteriza um bom material didático para você?

Prof. 1 : Estar atualizado.

Prof. 2 : Aquela entendido como interação e não sobreposição. Aquele que não subestima quem o ativará por sua leitura, entendida aqui em seu sentido amplo de relação entre o material e seus possíveis contextos de ação. Aquele que emerge de um processo profundo e rigoroso de pesquisa e que não reduz a complexidade daquilo que pretende partilhar como material para a construção de conhecimentos. Manter a complexidade. Demonstrar que o mundo não é ideal, que as produções artísticas, em nosso caso, não são apenas organizações formais, mas carregam valoração simbólica que determina poderes, subjugo e violência. Contribuem para a manutenção ou problematização de estruturas sociais pois são manifestações culturais e por isso políticas, econômicas, sociais, contextuais. São história!

Pergunta: Quais teorias/metodologias do ensino são recorrentes na sua prática?

Prof. 1 : Apreciação, contextualização, criação.

Prof. 2: Didi-Huberman, Jacques Rancière, bell hooks, Ana Mae Barbosa, Walter Benjamin, Appoline Torregrosa, Sandra Corazza dentre outras correlações. Busco atualização frequente, mas estas autoras e autores são fundamentais para meu trabalho atual. Não assumo uma única vertente metodológica, trato a metodologia do trabalho pedagógico como constante criação mobilizada por uma (auto) avaliação constante, mas se devo indicar uma é a Pesquisa Educacional Baseada em Arte. É uma vertente que ampara a pesquisa acadêmica, mas a considero também apropriada ao trabalho educacional.

Pergunta: Você costuma usar/apresentar produções autorais em sala (ex. textos, imagens, dinâmicas, objetos interativos, etc.)

Prof. 1 : Sim.

Prof. 2 : Não.

Pergunta relativa: Quais produções são mais recorrentes?

Prof. 1 : Desenhos - pinturas - fotografias.

Prof. 2 : * sem resposta *

Pergunta: Qual foi sua primeira impressão do material? Ela mudou depois?

Prof. 1 : Criativo, curioso, ótima estética. Não mudou.

Prof. 2 : Me impactou pelo cuidado revelado pela articulação de um trabalho rigoroso e delicado em sua poética tanto manifesta no texto como na elaboração formal.

Pergunta: Você já conhecia o termo “objeto propositor” ou já tinha trabalhado algo parecido?

Prof. 1 : Sim.

Prof. 2 : Não, não utilizava o termo "objeto propositor", sempre assumi o objeto como "mediador", não como "propositor". Boa, fundamental, importante conversa esta!

Pergunta: Este material é viável em seu contexto escolar? Quais recursos foram necessários para sua aplicação?

Prof. 1 : Sim. Contextos, imagens, papéis.

Prof. 2 : Quanto a viabilidade deste material, em meu contexto de trabalho ele seria sim viável. O material exige recursos simples o que facilita sua ativação, imagino que seria apropriado a contextos diversos.

Pergunta: Os textos propositores e motivadores foram claros?

Prof. 1: Sim.

Prof. 2: Sim.

Pergunta: Este material atendeu o conteúdo desenvolvido em sala?

Prof. 1 : Sim.

Prof. 2 : Sim.

Pergunta: Você sente que o material abre espaço para o processo criativo da professora a partir dos movimentos?

Prof. 1 : Com certeza.

Prof. 2 : Sim.

Pergunta: Se tivesse de elaborar um próximo movimento, qual seria?

Prof. 1 : Ainda usaria esse como base para um aprofundamento.

Prof. 2 : Um nova conversa entre participantes, mas agora uma roda com todas as pessoas envolvidas junto com os trabalhos realizados, para que pudessem falar a respeito do processo de criação, da relação com o próprio material didático e destacar considerações sobre os trabalhos realizados e apresentados.

Pergunta: Você conhecia os artistas/trabalhos usados de exemplo? Se sim, quais?

Prof. 1 : Sim, todos.

Prof. 2 : Duchamp, Campos e Plaza.

Pergunta: Você reconhece alguma teoria da educação aplicada no material?

Prof. 1 : Sim.

Prof. 2 : Abordagem Triangular.

Pergunta: As referências foram suficientes para aprofundamento do que é levantado?

Prof. 1 : Sim.

Prof. 2 : Sim.

Pergunta: Você conhecia, usou ou participou de alguma proposta semelhante a apresentada?

Prof. 1 : Sim.

Prof. 2 : Não.

Pergunta relativa: Que tipo de proposta? Fale um pouco sobre ela

Prof. 1 : Algo tridimensional e tecnológico.

Prof. 2 : * sem resposta *

CONCLUSÃO

Movimentos que Atravessam

a.tra.ve.sar

2.transpor; 4. estender-se no tempo; 8. penetrar, perfurando;
11. opor-se.
(ATRAVESSAR, p. 125, 2004)

A talhadura gravada no tempo e nas relações fortalecidas pelo trabalho, prensada e condensada nessa pesquisa, como uma prova de estado¹⁵, representa a imagem espelhada de sua construção. Seu processo, ferramentas, habilidades, dificuldades, espaços e relações que transformaram a experiência não puderam ser datilografados. As relações humanas que se desdobraram entre professores, alunos, colegas e amigas; os questionamentos que expandimos em cada conversa que tivemos adjunta de uma boa xícara de café; os espaços que abrimos de troca e compartilhamento; e os conceitos, proposições e poéticas que atravessamos foram os verdadeiros formadores do processo que a tinta sobre o papel buscou, da melhor maneira, representar.

¹⁵ Referência à técnica da gravura que realiza uma impressão prévia da matriz/placa para visualizar os resultados gráficos adquiridos até o momento.

Este emaranhado de relações gravados na linha cronológica de cada um e entrelaçado na trama social envolvida, não podem ser encurtados por palavras e não se resolvem com o fim deste trabalho. Essa primeira prova é apenas uma amostra de suas possibilidades e reverberações, mas os talhos nos espelhos hão de estender-se, opondo-se e penetrando as relações por ele atravessadas.

REFERÊNCIAS

ATRAVESSAR. *In*: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (org./ed./coord.). *Miniaurélio*: o minidicionário da língua portuguesa. 6. ed. rev. atual. Curitiba: Positivo, 2004. p. 152.

CARVALHO, Alonso Bezerra et al. A Relação Professor-Aluno: A Experiência da Amizade na Sala de Aula. *In*: PINHO, Sheila Zambello de; OLIVEIRA, José Brás Barreto (Org.). *Núcleos de Ensino da Unesp*: artigos 2010: volume 5: educação inclusiva. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. (Coleção PROGRAD).Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/140104>. Acesso em: 30 out. 2022.

CHAUÍ, Marilena. Janela da Alma, Espelho do Mundo. *In*: NOVAES, Adauto et alii. *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

CUNHA, Silvia Cacace. *O diário na formação de professores*. 2008. Orientador(a): GIORA, Regina Célia Faria Amaro. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=185382. Acesso em: 24 out. 2022.

DERDYK, Edith. *Entre ser um e ser mil*: o objeto livro e suas poéticas. São Paulo: Editorial Senac, 2013.

FERNÁNDEZ, Tatiana; DIAS, Belidson. *Objetos de aprendizagem poéticos*. máquinas para construir territórios de subjetivação. *In*: ENCONTRO DA ANPAP, 24., 22-26 set. 2015, Santa Maria. Anais [...]. Santa Maria: ANPAP, 2015. Tema: Compartilhamentos na Arte: Rede e Conexões. p. 3481-3495. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2015/simposios/s8/tatiana_fernandez_belidson_dias.pdf. Acesso em: 30 out. 2022.

FERNÁNDEZ, Tatiana. *Objetos de Aprendizagem e ensino das artes visuais: uma análise*. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ARTE E TECNOLOGIA, 15., 2016, Brasília. Anais [...]. Brasília: Universidade de Brasília, 2016. p. 271-282. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/779/o/tatiana_fernandez.pdf. Acesso em: 30 out. 2022.

FREIRE, Madalena; REGO, Teresa Cristina. *O pensamento crítico, pioneiro e vigoroso da educadora Madalena Freire*. Revista Educação em Questão, Natal, v. 60, n. 64, p. 1-25, e-29872, abr./jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/29872>. Acesso em: 30 out. 2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.

HOFSTAETTER, Andrea. *Ação docente como ato poético na produção de objetos propositores*. Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 8, n. 3, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/gearte/article/view/112135>. Acesso em: 30 out. 2022.

HOFSTAETTER, Andrea. *Possibilidade e experiências de criação de material didático para o ensino de Artes Visuais*. In: Encontro da ANPAP Compartilhamento na Arte: Redes e Conexões, v.24, 2015, Santa Maria, Anais, p. 607 - 622. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2015/comites/ceav/andrea_hofstaetter.pdf. Acesso em: 30 out. 2022.

HOFSTAETTER, Andrea. *Um objeto propositor poético: evento artístico e pedagogia do evento*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL MATÉRIA-PRIMA, 8., 2019, Lisboa. [Atas...]. Lisboa: Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA), Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa, 2019. Tema: Olhar, Perceber, Criar, Intervir. p. 143-151. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/198826/001099071.pdf?sequence=1>. Acesso em: 30 out. 2022.

JUSTINO, M. J. *Lygia Clark, a vivência dos paradoxos*. Cultura Visual, [S. l.], v. 1, n. 15, p. 95–114, 2011. DOI: 10.9771/2175-084Xrcv.v1i15.5138. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rcvisual/article/view/5138>. Acesso em: 30 out. 2022.

LEMINSKI, Paulo. *Caprichos e relaxos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA; Selma Garrido. *Estágio e docência*. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

MAGALHÃES, Thaís Fernanda Rocha; AZEVEDO, Maria Thereza de Oliveira. *As Proposições de Lygia Clark e suas Ressonâncias nas Instituições Artísticas*. PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais, [S. l.], v. 26, n. 46, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/118745>. Acesso em: 30 out. 2022.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. *Aprendiz da arte: trilhas do sensível olhar-pensante*. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1992.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa. *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura*. São Paulo: Intermeios, 2008.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; KOLB-BERNARDES, Rosvita. *Modos de falar de si: a dimensão estética nas narrativas autobiográficas*. Pro-Posições, Campinas, v. 26, n. 1, p. 161-178, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/xrdLcNHtLfsmrRpHrYY4c8H/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 out. 2022.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

POUGY, Eliana; VILELA, André. *Ápis arte, 5º ano: ensino fundamental, anos iniciais*. 2. ed. E-book. São Paulo: Ática, 2017. Disponível em: <https://storage.googleapis.com/edocente-content->

production/PNLD/PNLD_2019/Apis_Arte/5o%20Ano/PNLD19_Apis_Arte_5ano_PR_A
TICA.pdf. Acesso em: 27 out. 2022.

PRESTO, Rafael. et al. *Ligamundo* : arte 5º ano : ensino fundamental : anos iniciais.
E-book. São Paulo: Saraiva, 2017. Disponível em:
[https://storage.googleapis.com/edocente-content-
production/PNLD/PNLD_2019/LigaMundo_Arte/5o%20Ano/PNLD19_LIGAMUNDO_
ARTE_5ANO_PR_SARAIVA.pdf](https://storage.googleapis.com/edocente-content-production/PNLD/PNLD_2019/LigaMundo_Arte/5o%20Ano/PNLD19_LIGAMUNDO_ARTE_5ANO_PR_SARAIVA.pdf). Acesso em: 27 out. 2022.

SCHON, Donald A.; COSTA, Roberto Cataldo; DORNELES, Beatriz Vargas.
Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a
aprendizagem. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

SILVEIRA, Paulo. *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de*
artista. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001.

SUZUKI, Clarissa Lopes. *Cadernos de Artista: páginas que revelam olhares da arte e*
da educação. 2014. Orientadora: Sumaya Mattar. Dissertação (Mestrado em Teoria,
Ensino e Aprendizagem) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São
Paulo, 2014. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-
08062015-124306/pt-br.php](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-08062015-124306/pt-br.php). Acesso em: 24 out. 2022.

TROJAN, R. M.; RODRÍGUEZ, J. Os PCN' s e os materiais didáticos para o ensino
da arte: o que propõem? = National Curricular Parameter and Didactic Materials
for Art Education: what do they propose? Revista Linhas, Florianópolis, v. 9, n.1,
2008. Disponível
em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1397>. Acesso em: 31
out. 2022.

VIGOTSKI, Liev Semionovich. *Psicologia Pedagógica* . Tradução de Claudia
Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALARCÃO, Isabel. *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. *Ser artista, ser professor: razões e paixões do ofício*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2009.

CIRILLO, José; RODRIGUES, Maria Regina. *Processo de criação: reflexões sobre a gênese na arte*. Livro eletrônico / E-book. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Ensino a Distância, 2016. Disponível em: <https://acervo.sead.ufes.br/arquivos/processo-de-criacao.pdf>. Acesso em: 24 out. 2022.

DIAS, Aline; RAYCK, Diego; VILELA, Ana Lucia. *Cadernos de desenho*. Florianópolis : Corpo Editorial, 2011.

FEITOSA, Raphael Alves; LEITE, Raquel Crosara Maia. *O trabalho e o saber docente: construindo a mandala do professor artista-reflexivo*. E-book. Rio de Janeiro: Câmara Brasileira de Jovens Escritores, 2011. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=oJQmO_qAOplC&oi=fnd&pg=PA11&dq=O+trabalho+e+o+saber+docente:+construindo+a+mandala+do+professor+artista-reflexivo&ots=3tjxo00LcT&sig=va7QZFYuda1LwfAFrZAEyE0_NUI#v=onepage&q=O%20trabalho%20e%20o%20saber%20docente%3A%20construindo%20a%20mandala%20do%20professor%20artista-reflexivo&f=false. Acesso em: 30 out. 2022.

FERNANDES, Maria Paula Palhares. *Comunicação nos processos de criação: cadernos de artistas*. 2009. Orientadora: Cecília Almeida Salles. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/5220/1/Maria%20Paula%20Palhares%20Fernandes.pdf>. Acesso em: 30 out. 2022.

FREIRE, Madalena. *A paixão de conhecer o mundo: relatos de uma professora*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1999.

FREIRE, Madalena. *Observação registro reflexão: Instrumentos metodológicos*. 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz & Terra, 1996.

FURTER, Pierre. *Educação e reflexão*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

HOFSTAETTER, Andrea. *Criação de materiais didáticos como ato poético*. In: Seminário Nacional de Arte e Educação: O Ensino de Arte Tempos de Crise, v. 26, 2018, Rio Grande do Sul, Anais, p. 111-120. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/article/view/562>. Acesso em: 30 out. 2022.

HOFSTAETTER, Andrea. *Objeto propositor poético na produção do evento pedagógico*. Educação, [S. l.], v. 47, n. 1, p. e18/ 1–25, 2022. DOI: 10.5902/1984644448109. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/48109>. Acesso em: 14 jun. 2022.

LA PASTINA, Camilla Carpanezzi. *Reflexões sobre desenho escolar e cultura*. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES DE

ARTES PLÁSTICAS, 16., 2007, Florianópolis. Anais [...]. Tema: Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais. p. 733-740. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/074.pdf>. Acesso em: 30 out. 2022.

LIBERALI, Fernanda Coelho. *O diário como ferramenta para a reflexão crítica*. 1999. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaPortuguesa/Fernanda.pdf. Acesso em: 30 out. 2022.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. *Estágio e docência: diferentes concepções*. Poíesis pedagógica, v. 3, n. 3/4, p. 5-24, 2006. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/poiesis/article/view/10542/7012>. Acesso em: 30 out. 2022.

MARQUES, Joana Ganilho Henriques. *Cartografias de si: a partir do livro de artista One Week (2011) de Isabel Baraona*. Revista Gama, Estudos Artísticos. v. 2, n. 3, p. 131-138, 2014. Disponível em: https://www.google.com/url?q=https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/11400/2/ULFBA_PER_GAMA_N3_JOANA%2520GANILHO%2520MARQUES.pdf&sa=D&source=docs&ust=1667228251823669&usg=AOvVaw1AxDAITEy6GdqgYW1cr8eP. Acesso em: 30 out. 2022.

MARTINS, Onilza Borges; MOSER, Alvino. *Conceito de mediação em Vygotsky, Leontiev e Wertsch*. Revista Intersaberes, v. 7, n. 13, p. 8-28, 2012. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/245>. Acesso em: 30 out. 2022.

NERICI, Imideo Giuseppe. *Introdução à didática geral: dinâmica da escola*. 7. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1968.

ROCHA, Maria Clara Martins. *Caderno de Artista: Um meio de reflexão*. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES DE

ARTES PLÁSTICAS, 19., 2010, Cachoeira. Anais [...]. Cachoeira: ANPAP, 2010. Tema: Entre Territórios. p. 607-613. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/chtca/maria_clara_martins_rocha.pdf. Acesso em: 30 out. 2022.

SARAMAGO, José. *O caderno*. São Paulo. Companhia das Letras, 2009.

SOUZA, Ana Paula Gestoso de et al. *A escrita de diários na formação docente*. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 181-210, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/bd68wKFHrMtTwmwZmFnBvQM/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 30 out. 2022.

WARSCHAUER, Cecília. *A roda e o registro*. São Paulo: Paz & Terra, 2022.



Projeto Nosso Concerto: Nosso Concerto
Ações para consertar o mundo

Pensar positivo atrai coisas boas.

... uma mensagem de paz

5º ano/2022

Para
Dona
mariana
Tessarello
Auxiliar Artes

rejoice
plus

MARI

Aux. Artes

Páscoa é dizer "sim"
ao amor e á vida;
é investir na fraternidade,
é lutar por um mundo melhor,
é vivenciar a solidariedade.

Feliz Páscoa

F3-MA5

DE:

Luca Bernardes, Dudu, Camila,
Ana Ju, Manu Cintra, Kal-El,
Luis Guilherme, Lucas Makoto, Luisa
Olivia, Pedro Brandão, Julia, Davi
Pedro Coutinho, Manu Baum

PARA:

D. Mariana (Artes)

MARI

FELIZ DIA DOS
PROFESSORES!

